PÁGINA 3: «POLÍTICA IGUAL A SI MESMA — A RETIRADA DOS 35 MIL»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 812 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

«Venceremos as eleições!»

— dizem os candidatos da C. D. E. de Setúbal

Manifestos da Oposição de Coimbra e da U.N. de Viana de Castelo

especial ELEIÇÕES

Segunda parte da mesa-redonda sobre o estado actual da Previdência e as reformas que se impõem ● A C. D. E. de Lisboa responde à U N. ● Perfil de candidatos ● Sílvia Soares escreve sobre « A Mulher e o Voto» ● Comunicados ● Sessões de propaganda em Lisboa e na Nazaré ● Actualidade eleitoral

LER HOJE NA MESA REDONDA

SUPLEMENTO ESPECIAL SOBRE AS ELEIÇÕES

CONTRA A GUERRA DO VIETNAM

Manifestação em Chicago

CHICAGO, 9 — (R.) — Centenas de manifestantes contra a guerra do Vietnam surgiram a noite passada nas ruas do North Side desta cidade, partindo vidros de janelas e de montras, apedrejando automóveis e travando recontros com a Polícia.

(Continua na 9.ª página)

Vinte e cinco mil volumes, em ficheiro, estão, a partir de hoje, á disposição dos amantes da arte, literatura, história e música, na Biblioteca Geral da Fundação Calouste Gulbenkian, que esta manhã abriu ao público. Na foto, um dos primeiros visitantes consulta os ficheiros ali existentes. (Ler notícia nas páginas centrais)

URUGUAI: GUERRILHEIROS OCUPARAM UMA CIDADE

MONTEVIDEU, 9 — (F. P. — A ocupação da cidadezinha de Ando, de 30 000 habitantes, situada a 30 km da capital, por guerrilheiros tupamaros durou uma hora.

Os guerrilheiros que tinham ocupado as centrais eléctrica e telefónica atacaram o comissário da Polícia, o quartel dos bombeiros e quatro bancos. Foram repelidos para fora da cidade por elementos do Exército e da Polícia, apoiados por três helicópteros, depois dos combates que causaram dois mortos entre os guerrilheiros.

Foram presos quinze tupamaros, entre os quais duas mulheres. A Polícia, entretanto, recuperou cerca de metade de cem milhões de pesos de que os guerrilheiros se tinham apoderado.

O CASO DO AVIÃO BRASILEIRO DESVIADO

RIO DE JANEIRO, 9 — (R.) — O ministro das Relações Exteriores do Brasil, dr. José de Magalhães Pinto, afirmou a noite passada que o avião comercial brasileiro desviado para havana fora assaltado nos ares por homens empunhando metralhadoras ligeiras.

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

A selecção partiu para Bucareste, onde se vai saber se ainda podemos ter algumas esperanças de a ver qualificada para o «Mundial» do México. Nada de pessimismos, (como aqui se vê nas expressões de Alexandre Baptista, Simões, Caló e Armando). Ao contrário, na bagagem dos futebolistas não vão apenas botas e outras peças de equipamento, mas também a convicção de um provado valor. O jogo, que é um autêntico «tira-teimas» realiza-se no domingo no Estádio «23 de Agosto», na capital romena, e os futebolistas portugueses partiram confiantes. (Ler na na página 12).

Edição da noite

A necessidade de ampliar a rede de transportes públicos foi posta na reunião da Câmara de Coimbra

COIMBRA, 9 — Na reunião da Câmara Municipal, sob a presidência do sr. eng. Araújo Vieira, entre outros assuntos, foi aprovado o Plano de Actividades e Bases do Orçamento para o ano de 1970, que serão apreciados pelo Conselho Municipal, na sessão marcada para amanhã. Foram concedidos subsídios ás Juntas de Freguesia de Eiras e Taveiro, e, por propostas do sr. dr. Francisco Cortês, será oferecido, durante o resto do ano, aos agricultores, do concelho e dele, o lixo depositado na montureira municipal.

O presidente, depois de ter convidado vereação a acompanhar o sr. subsecretário de Estado da Juventude e Desporto na visita a esta cidade, anunciou que, no dia 19, serão inaugurados melhoramentos em São Martinho do Bispo e em Taveiro, e referiu-se ao concurso de fachadas alindadas, a realizar na vizinha freguesia de Eiras, que será visitada pelo respectivo juri, no dia 15.

O vereador sr. dr. Francisco Cortês leu duas cartas de proprietários da freguesia de Almalaguês, manifestando-se prontos a vederem terrenos seus, destinados a um futuro campo de jogos. O mesmo vereador, abordou, ainda, alguns problemas relacionados com os trasportes colectivos nas zonas rurais, pedindo que a Câmara comunique ao Ministério das Comuicações a urgência em regularizar este importante assunto.

A sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar salientou as precárias condições, especialmente de higiene, em que se encontra a escola primária de Castelo Viegas, e propôs que seja adquirido, o mais rápidamente possível, um terreno para edificar uma nova escola Props ainda que seja criada nova carreira de transportes colectivos que liguem o Bairro Marechal Carmona ao Liceu Infanta D. Maria

A homenagem à memória de António Menano

Na reunião da Camara Municipal, o vereador sr. eng.º Azevedo Sobral, recordando uma proposta apresentada pelo seu colega sr. dr. Viriato Namora, numa das ultimas reuniões, na qual sugeriu que fosse dado o nome do dr. António Menano a uma das artérias citadinas, alvitrou que, para isso, fosse escolhida uma das ruas transversais da Avenida Fernão de Magalhães. Com muita lógica, o sr. dr. Viriato Namora discordou de tal proposta, afirmando que o nome do famoso intérprete da canção coimbrã só teria sentido na zona estudantil da Alta. Depois de apresentadas diversas sugestões, o presidente propôs que, devidamente ponderadas as mesmas, o assunto seja apresentado na próxima reunião, para em definitivo se decidir.

MILITAR FALECIDO EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 9 — (A. N. I.) — Comunica o Serviço de Informação Publica das Forças Armadas que faleceu em Moçambique, por desastre, o primeiro cabo, 01043566, José dos Santos Tremoço, natural de Condeixa-a-Velha, distrito de Coimbra, filho de Elídio Nunes Tremoço e de Maria Deolinda San-

Cerca de 10 mil alunos nos liceus do Porto

Estão matriculados nos quatro liceus do Porto 9810 alunos assim distribuídos: Liceu de Carolina Michaelis, 2810 e Liceu Rainha Santa, 1593 alunas; Liceu de Alexandre Herculano, 2900 e Liceu Normal D. Manuel II, 2507.

Em VILA VIÇOSA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por TIBÉRIO RAMOS — Rua Dr. Oliveira Salazar, 51.

Gravado o primeiro disco «Zip-Zip»

A equipa do «Zip-Zip» — Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia — ofereceu, ontem, aos representantes da Imprensa, a primeira audição das gravações de passagens de programas realizados no Villaret. O disco apresenta:

«Zipfonia» — Orquestra Zip (arranjo de N. N. sobre tema original de Nuno Nazareth Fernandes); «Fonte de Água Vermelha» — (Hugo Maia Loureiro): «Steady» — Introito (tradicional norte-americano); «Cantata para uma velha só» — Raul Solnado (Nuno Nazareth Fernandes-Ary dos Santos); «Excerto do concerto n.º 1 de Tschaikowski» — António Vitorino de Almeida: «I'll Not Marry at all» — Efe 5 (tradicional norte-americano); «À saída do Correio» — Padre Fanhais (Padre Fanhais - António Cabral); «Ixi Ami (Minha Terra)» de Rui Mingas; Poema «Futebol», de Tóssan; «Souviens-toi», de José Barata Moura; e «Farrapo» — José Froes Leitão.

ACADEMIA DOS AMADORES DE MÚSICA

Com as disciplinas de Iniciação Musical Infantil, Solfejo, Piano, Violeta, Violino, Violoncelo, Canto, Flauta de Bisel, Harmonia, Composição, Acústica e História da Música, regidas pelos profs. Salomé Leal, Orquídia Quartin Luísa da Gama Santos, Aurélia Bastos, Lisete Borralho, Catarina Latino, Maria Vitória Quintas Francine Benoit, Luís de Almeida, Fernando Cabral, Filipe Loriente, Maria Amélia Abreu e Fernanda Salgado iniciaram-se já as aulas da secção especial da Academia dos Amadores de Música.

Os cursos de Guitarra Clássica funcionam, também, na Academia, dirigidos pelos profs. Javier Hinojosa e José Nagy.

Carapau a 2 escudos o quilo

MATOSINHOS, 9 — Neste porto de pesca entraram, hoje, dez arrastões, que descarregaram 1937 caixas de peixe, num total de 66 toneladas que renderam 308 426$00.

As principais espécies eram chicharro, a 1$50 o quilo; carapau, entre 2$00 e 3$00; faneca, pequena, entre 4$30 e 5$00 e grande, entre 7$50 e 8$00; raia, entre 2$20 e 3$00; goraz, entre 10$00 e 12$00 e ruivos, entre 6$00 e 7$50.

UM BUSTO DE FARIA AFFONSO NA LIGA DOS COMBATENTES

Passa no dia 16 o aniversário da fundação da Liga dos Combatentes. Entre outras cerimónias, será descerrado, na sede social, um busto de bronze de João Jayme de Faria Affonso, que foi o fundador e secretário-geral daquela associação.

O busto, da autoria de mestre Leopoldo de Almeida, constitui uma homenagem dos camaradas e amigos de Faria Affonso à sua memória.

A cerimónia decorrerá ás 18 e 30, e fará o elogio de Faria Affonso o prof. Hernâni Cidade, presidente do Conselho Supremo da Liga, com quem aquele trabalhou, especialmente durante o período em que o prof. Hernâni Cidade foi presidente da direcção central.

As 20 horas, realizar-se-á um jantar de confraternização entre os sócios da colectividade e combatentes estrangeiros, tendo como convidado de honra o dr. Manuel Gonçalves Monteiro, que fez parte da comissão organizadora.

Novo assalto num posto de gasolina em Beja

BEJA, 9 — Esta madrugada, cerca das 4 e 30, verificou-se num posto de venda de gasolina, á saída desta cidade, na estrada do Algarve, um assalto em circunstancias análogas a outros recentemente verificados nesta cidade e no Barreiro. Assim, o condutor de um automóvel, homem ainda novo, mandou encher o depósito do carro, o que importou em 139$30.

Depois, a pretexto de ir á casa de banho, intimou, com uma pistola, o encarregado do posto, sr. Manuel dos Santos Pereira, de 31 anos, a entregar-lhe todo o dinheiro que nessa altura tinha á sua guarda. Aquele entregou-lhe, então, 285$00, valor total das vendas efectuadas.

Seguidamente, o assaltante fechou-o na casa de banho e partiu. Quando o encarregado conseguiu sair dali a chamar a Polícia já não havia vestígios daquele. A chapa de matrícula do veículo, possivelmente falsa, não chegou a ser anotada pelo roubado.

«Conheça a Curia»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C P aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

Necrologia

FALECIMENTOS

Luís Paulino Gomes Adão

No banco do Hospital de S. José, faleceu, esta noite, o tipógrafo Luís Paulino Gomes Adão, aposentado da Imprensa Nacional de Lisboa, que há muito se encontrava doente.

O extinto, que era muito estimado entre a classe tipográfica e dotado de grande vivacidade de espírito, antes de ingressar na Imprensa Nacional trabalhou em vários jornais, entre eles «A Batalha».

O funeral ainda não está marcado.

Joaquim dos Santos Neves

COVILHÃ, 9 — Na Quinta do Vale da Água próximo da freguesia das Cortes, faleceu o sr Joaquim dos Santos Neves, proprietário. Contava 84 anos, era casado com a sr.ª D. Maria dos Santos, pai do sr. capitão José dos Santos Neves a prestar serviços na Escola Electromecânica, em Paço de Arcos, das srs.as D. Cesaltina dos Santos Neves Morão, D. Benvinda dos Santos Neves, D. Maria José dos S. Neves e D. Piedade dos S Neves e sogro dos srs. Joaquim Pereira Pires Morão, comerciante, António Borges e Joaquim dos Santos Neves.

FUNERAIS

Alvaro Santa Rita Vaz

Saiu, esta tarde, com grande acompanhamento, da igreja dos Jerónimos para o cemitério de Benfica o funeral do sr. comendador Álvaro de Santa Rita Vaz, falecido no Hospital de Santa Maria

Antigo deputado á Assembleia Nacional pelo círculo 25 da Índia, nascera em 1 de Abril de 1904, em Loutulim, concelho de Salsete, distrito de Goa. Em 1925 seguiu para Lourenço Marques, onde, por concurso foi nomeado funcionário do quadro administrativo. Regressou a Goa, chamado pelo sr. dr António Maria da Cunha, para redactor do «Heraldo», onde trabalhou desde de Novembro de 1931. Depois do falecimento do director tornou-se proprietário do jornal e seu redactor principal. Era sócio correspondente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e sócio honorário do Sindicato Nacional dos Jornalistas e comendador da Ordem do Infante. Na Assembleia Nacional comentou a passagem do aniversário da anexação do Estado da Índia Portuguesa e congratulou-se com as medidas de protecção tomadas pelo Governo em relação aos naturais do Estado Português da Índia É autor de «No Rescaldo do Esbulho do Estado Português da Índia». «Quem com Ferro Mata Com Ferro Há-de Morrer» e da «Questão de Caxemira». Foi agraciado com a Comenda de Ordem do Infante

O sr. Álvaro de Santa Rita Vaz ra casado com a sr.ª D. Regaldina Gomes e irmão dos rev.s Armindo e Raul de Santa Rita Vaz e dos srs. eng. Fernando de Santa Rita Vaz e dr. Raul de Santa Rita Vaz; cunhado dos srs. dr. Manuel Gonzaga Gomes, que foi director dos Serviços de Saúde, em Timor, e tio do rev. João de Santa Rita Vaz, actualmente em Londres.

Conde de Sobral

Após missa de corpo presente, saiu, esta tarde, da igreja da Estrela para o cemitério da Ajuda o funeral, que teve grande acompanhamento, do sr D. Hermano Braancamp Sobral (conde de Sobral). Contava 59 anos, era solteiro, irmão dos srs. D. António Braancamp Sobral, casado com a sr.ª D. Maria Ana Passanha Sobral; D. Salvador Braancamp Sobral, casado com a sr.ª D. Maria Elisa Perestrelo Braancamp Sobral; sr.ª D. Isabel Braancamp Sobral Correia de Sá casadas com o sr. Francisco Correia de Sá; dr D Manuel Braancamp Sobral, casado com a sr.ª D. Teresa de Jesus de Sá Coutinho Braancamp Sobral; e a sr.ª D Francisca Braancamp Sobral e cunhado da sr.ª D Teresa Parreira Cabral Sobral, viuva do sr. D. Luís Braancamp Sobral.

D. Florinda Freitas Fernandes

MONTARGIL, 9 — Foi muito concorrido o funeral da sr.ª D. Florinda Freitas Fernandes mais conhecida por «Florinda Caleira», casada, de 47 anos, natural desta vila, onde era muito estimada

VIDA SOCIAL

Encontra-se no Hospital da Cuf, em convalescença, o Ex.mo Senhor Mário de Magalhães Basto, Presidente do Conselho de Administração da Metalúrgica Duarte Ferreira, S. A. R. L., assistido pelo Ex.mo Senhor Doutor D. José de Mello e Castro.

DR. LUÍS WANDSCHNEIDER

A convite da Bemfam, partiu para o Rio de Janeiro o dr. Luís Wandschneider, director clínico da Associação do Planeamento da Família, que ali se desloca a fim de participar num curso de treinamento e aperfeiçoamento.

GRANDE HOTEL NA COVILHÃ

COVILHÃ, 9 — Uma empresa solicitou do Município a cedência do terreno das antigas escolas centrais, para ali construir um grande hotel.

A Camara considerou o pedido e deliberou conceder as facilidades possíveis.

DR. ESCARDUÇA DIAS

Cirurgia Plástica

RETOMOU A CLÍNICA

Av. da Republica, 15-1.º

Telefs. 560869 - 960894

Ampliação de cursos da Universidade de Luanda

Um despacho ministerial (Ministérios do Ultramar e da Educação Nacional) autoriza o funcionamento, no ano lectivo de 1969-1970, na Universidade de Luanda dos 5.º e 6.º anos dos seguintes cursos: Médico-Cirúrgico (5.º ano); Engenharia de Minas, Engenharia Mecânica e Engenharia Químico Industrial (6.º ano, com eventuais limitações quanto a disciplinas de opção)

Faculdade de Letras de Lisboa

O sr. dr. Hídio Melo Peredo Amaral foi nomeado professor catedrático do 5.º grupo (Geografia da 2.ª secção) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por ter sido aprovado em concurso de provas públicas.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CURSO LICEAL

NOCTURNO c. prep. — 220$00
2.º c. (1 sec. 250$00; 2 sec. 350$00)
3.º c. compl. 400$00. EXT. NUN'ÁLVARES
PR. JOÃO DO RIO, 2 — TEL. 722461

AGENTES DE PUBLICIDADE

PRECISAM-SE

de ambos os sexos, para Jornal de grande expansão. Ordenado e comissão. Condições a combinar. Resposta, indicando idade, habilitações literárias e mais detalhes, a este Jornal, ao n.º 354.

POLÍTICA IGUAL A SI MESMA...

A RETIRADA DOS 35 MIL

WASHINGTON — Depois da decisão, anunciada por Nixon, de retirar 35 000 homens do Vietnam, até 15 de Dezembro, podemos tentar estabelecer um balanço provisório da política praticada pela Casa Branca, neste domínio.

No fim do ano, quando os 60 000 soldados americanos tiverem sido repatriados — desse número só 40 000 pertencem a unidades combatentes — o «plafond» do corpo expedicionário americano, autorizado por Nixon, será de 484 000 homens, o que equivale, mais ou menos, ao total dos americanos estacionados no Vietnam, aquando da ofensiva do Tet (principios de 1968). Dois anos passaram já desde esta ofensiva. E se ela custou as ilusões pessoais e a renovação do mandato a Johnson, se lhe deu um sucessor republicano na Casa Branca, o caso é que não alterou uma política: alterou simplesmente um movimento de «escalada» militar, que se encontrava a um passo de ceder ao absurdo total.

Washington continua a manter-se fiel aos seus princípios sobre a regulamentação política da guerra. A equipa do presidente Thieu não foi varrida. Pelo contrário, as sacudidelas e os acessos de desconfianaça que certos episódios da política americana, no fim da era johnsoniana lhe terão inspirado, conferiram-lhe renovado sangue-frio e aguçaram-lhe as capacidades de exercer pressão sobre os dirigentes americanos.

Da parte de Hanói, nenhum sintoma de cedência se revela, por agora. De um mês para outro, por vezes de uma semana para outra, as hostilidades agravam-se ou diminuem sem explicação imediatamente apreensível. De um semestre para outro, os observadores americanos supõem Hanói à beira da crise interna, do esgotamento de reservas, mas a experiência, tornou-os prudentes quanto à validade das deduções psico-estatísticas. Sabem muito bem que os problemas do Vietnam do Sul não são menores. Mas cada qual à sua maneira e dentro do seu estilo, o Norte e o Sul, sobrevivem a todas as provações, parecem fortalecer-se nelas e delas retirar a fé na sua causa respectiva.

Nixon repete-se

É hoje certamente mais impensável, para Washington, abandonar Saigão ás suas próprias forças do que era há um ano. É por isso que as ordens de retirada dadas por Nixon se vão escalonando com base no calendário «substituição» vietnamita, que os E. U. A. vão incitando sem nunca o precipitarem. A respeito disto, é verdadeiramente surpreendente que o deão dos colunistas americanos, o venerável Walter Lippman (cujo 80.º aniversário passou em 23 de Setembro), tenha podido afirmar ao «New York Times Magazine» que, a seu ver, as retiradas graduais das unidades americanas eram irreversíveis e que arrastariam a queda do Governo de Saigão e, depois, a formação de um Governo **«finalmente aceite tanto pelo Vietcong como por Hanói».** É talvez isso o que Walter Lippman deseja e o que na realidade irá verificar-se, mas esse não é certamente o objectivo visado por Nixon e pelos seus conselheiros.

POR ALAIN CLEMENT
Exclusivo do «Le Monde»-«D. L.»

Numa situação tão «encravada» o presidente não podia senão repetir-se. Reiterou os pontos principais da sua mensagem de 14 de Maio, propondo eleições supervisionadas por um «comité misto», ou, na sua falta, um cessar-fogo sob «contrôle» internacional. Uma vez mais rejeitou toda a fórmula de compromisso não derivado de um processo de autodeterminação livre, segundo as suas próprias palavras, de toda a «interferência exterior» — o que é esperar muito no caso de um país que deve ter portas adentro uns bons três quartos de milhão de individuos (norte-vietnamitas e americanos...) entrados ali precisamente com o intuito de «interferir».

Por isso o presidente se absteve de dar um realce especial á sua declaração e á decisão que a acompanhava. Entende ele que, ao reduzir o potencial americano no Vietnam, mesmo só por pequenas «fatias» e por etapas a intervalos regulares, os E. U. A. dão, aos olhos da consciência universal, o bom exemplo da retirada, e que a Casa Branca, por conseguinte, não tem que estar constantemente a imaginar novas diligências e novas concessões para tornar mais flexível um adversário que se quer intratável.

Nota do dia

TEMPERAR NA REFLEXÃO

ESTAMOS A MEIO. Precisamente a meio da campanha eleitoral que dentro de duas semanas terá tocado o seu termo para se cumprirem os últimos dias de recolhimento íntimo e reflexão antes do acto decisivo do voto. Mas havemos de reflectir apenas nesse quarto de hora final e havemos de renunciar a essa mesma reflexão em todos os outros quartos de hora? Havemos necessàriamente de considerar a acção inconciliável com a reflexão? Havemos de desistir da reflexão em todo o tempo para só no instante derradeiro nos concentrarmos no esforço de pensar e de perguntar como é e como há-de ser?

Parece que as perguntas são como as cerejas. Puxa-se por uma e vem um rol delas, de fácil que é virem as perguntas. Mas as perguntas interessam-nos na medida em que formos capazes de lhes ir achar a resposta, a que estiver em nós mesmos ou a que tivermos de pedir aos outros, àquilo que nos rodeia, à experiência ou à sagacidade de quem nos rodeia. A menos que o perguntar, mesmo sem resposta pronta, valha como estímulo para a operação mental de ficarmos a tentar identificar o universo que cabe em cada interrogação.

Perguntar faz bem. É o travão de segurança para quantos possam lançar-se na certeza das afirmações categóricas que outros contestam com outras certezas contraditórias e igualmente categóricas. No meio de tamanhas certezas de valor igual e sinal contrário, no meio de tantas certezas que se anulam reciprocamente, que fica de pé a valer a nossa consideração e a nossa meditação? Pouco mais se vê que fique para além da dúvida. Mas nos tempos perturbados do mundo de hoje, onde podem segurar-se as certezas?

Para além dos princípios que cada um tenha escolhido como alicerce para todo o seu esquema de raciocínio político, não se vê onde estejam as conclusões seguras que subam na cotação de valores acima do nível das presunções provisórias ou dos preconceitos medíocres. E estes em toda a hora se hão-de opor ao esclarecimento que se pretende alcançar como conclusão de um debate que se deseja naturalmente lúcido ainda que travado no fogo vivo da controvérsia. Quem se atreve sòzinho a julgar que tem na mão a chave do mundo?

O desespero de ver o tempo fugir e não esvaziar cada um o saco das suas verdades conduz a arrebatamentos de que mal nos sabemos defender E não obstante é disso que precisamos, para se apurar a indispensável síntese do debate que está correndo e não se desejaria ver convertido num arraial nem num leilão, onde cada um se pudesse supor detentor da verdade absoluta, do monopólio de patriotismo ou da honestidade. Estamos a propender um pouco para isso e não vale a pena perguntar de quem é a culpa.

Daqui por quinze dias será a altura de perguntar o que fica deste debate. Ninguém terá grandes dúvidas, aí sim, de que não virão a operar-se grandes modificações no ambiente geral que nos rodeia. Mas poderão ficar de pé algumas ideias, alguns contributos que talvez até nem tenham sido muito gritados nem sublinhados. As ideias têm a sua força própria e muito nos iludiremos quando julgarmos que somos nós que as levamos quando a verdade é que são elas que nos transportam a nós. Mostrá-las, pô-las bem evidentes é tudo, é a certeza de que elas chegarão onde tiverem força para chegar e nos conduzir.

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS PEANUTS

Talvez que nem todos os leitores dêem aos *Peanuts* o valor que eles têm na sociedade actual, nem calculem que, graças a esta banda desenhada (que tanto serve para adultos como para crianças, para intelectuais como para pessoas simples, obrigando a pensar ou fazer simplesmente rir), o seu autor, Charles Schultz, é hoje milionário. De facto Schultz ganha por ano a bonita quantia de 10 800 contos, acrescida dos 1200 que lhe são pagos pela venda, revenda e publicações em algum dos *Peanuts*. Eles aparecem em 900 jornais dos Estados Unidos e do Canadá e em mais 100 jornais doutros países. Um deles é, como sabem, o «Diário de Lisboa».

Os *Peanuts* são, como já alguém disse, a salvação diária da alma americana. O americano médio, tranquilo ou não, sabe que é um pouco Charlie Brown, ou Lucy ou Snoopy. O próprio Schultz declarou: «Todos conhecemos um dia uma Lucy que grita: «Não quero altos e baixos na vida! Só quero altos, altos, altos...» «Talvez tenhamos mesmo casado com ela.»

Schultz não pretende moralizar. Os seus *Peanuts* limitam-se a recordar aos humanos, batendo-lhes ao de leve no ombro, que as suas atitudes nem sempre são social ou religiosamente perfeitas. Eles são imagens um pouco deformadas, mas a deformação é simpática e bem intencionada. E depois, tem uma grande vantagem: só quem quer perceber é que percebe.

Robert L. Short, professor de teologia numa universidade, acaba de publicar duas teses, logo elevadas à categoria de *best-sellers*, e consagradas nada mais nada menos do que aos *Peanuts*. Ele vê em alguns dos seus episódios os velhos e os novos problemas humanos e também os mitos de sempre. E nos referidos livros, que têm os títulos ambiciosos e um tanto perturbadores de «O Evangelho segundo os *Peanuts*» e «As parábolas dos *Peanuts*», fala ele do mito de Prometeu, do caminho da conversão, do receio do futuro, da angústia existencial, etc., tudo isto entremeado de citações de Nietszche e de Pascal, de Shakespeare e de Camus.

Exagero? Talvez seja exagero. Mas as paixões são quase sempre exageradas e uma paixão pelos *Peanuts* é uma coisa absolutamente compreensível. A fortuna de Schultz é uma boa prova disso.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

ANTIGUIDADES

António Silvestre dos Santos (ex-sócio de J. PARENTE & SANTOS, LDA). comunica aos seus Ex.mos Amigos, Clientes e Público em geral, a abertura do novo estabelecimento **(BAZAR DUQUE)**, na próxima 2.ª Feira.

MÓVEIS ANTIGOS, PORCELANAS, FAIANÇAS, PINTURA, IMAGENS SACRAS, TECIDOS, RELÓGIOS, CRISTAIS, ETC.

BAZAR DUQUE - Calçada do Duque, 43-A

Telef. 36 76 60 - LISBOA 2

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA

PRIMÁRIO • C. PREPARATÓRIO • LICEAL

- **Inexcedível Corpo Docente**
- **Instalações funcionais e aprazíveis**

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (À ESTEFÂNIA)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

PRECISA-SE ENGENHEIRO
PREFERIVELMENTE DE MÁQUINAS PARA DIRECÇÃO SUCURSAL DE EMPRESA EM LUANDA
RESPOSTA À RUA CASCAIS, 47 (à Av. de Ceuta) Alcântara — L I S B O A
Telefones: 63 60 83-63 70 83-4-5

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Já viu a chaminé da sua casa?

«Em verdade vos digo que pela chaminé respira a casa» (Pensamento de um filósofo doméstico).

● *Disse-nos Carlos Alberto dos Santos Nunes, empregado numa agência de publicidade:*

— Já vi, sim, senhor!

— Subiste ao telhado...?

— Não. Vejo a chaminé da rua.

● *José Ricardo Saramago, aluno liceal (1.º ano, deu-nos estas palavras:*

— Não digo que a veja todos os dias, mas já vi a chaminé da minha casa.

— Da rua?

— Sim. Da rua Vê-se muito bem.

● *Por último, responderam-nos José Manuel Ferreira Mendes, aluno da 4.ª classe:*

— Tenho de subir para um muro se a quero ver. Da rua não a topo. Fica escondida... Mas diga-me cá uma coisa: qual é o interesse de uma pergunta como essa?

— É que, meu menino, há muita coisa em que se não repara. Ora, se temos olhos, não devemos ser injustos para com um dom tão maravilhoso...

«IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS»

UMA CARTA E UMA RESPOSTA SOBRE OS «BAPTISTAS DO SUL»

A propósito de «Impressões dos Estados Unidos», da autoria do dr A. H. de Oliveira Marques, escreve-nos o nosso leitor sr. Pedro Muir, que passou 10 anos no Sul dos E. U. A., dizendo o seguinte:

No artigo escrito por Oliveira Marques, diz que os baptistas do sul são uma seita majoritária e tendem para uma interpretação literal da Bíblia. No interesse da verdade, peço licença de esclarecer 3 pontos: 1) «Majoritária» — Os baptistas do sul têm 12 milhões de membros, em 50 milhões de habitantes do sul; 2) «Interpretação literal da Bíblia» — Não há outro processo de tratar a linguagem do que procurar, sèriamente, o sentido literal do seu autor. Por exemplo: Quando se lê no artigo presente: «Os baptistas do Sul hostilizam o álcool e o tabaco», é para aceitar, literalmente, a afirmação e não a interpretar figurativamente, como querendo dizer outra coisa. Tal como procuramos, sèriamente, o sentido literal da linguagem de Oliveira Marques, assim procuramos, sèriamente, o sentido literal da linguagem dos escritores da Bíblia. (Diga-se, de passagem, que os baptistas do sul hostilizam as bebidas alcoólicas, mas não tanto o tabaco; enquanto, paradoxalmente, na Europa (exemplo Portugal) os baptistas hostilizam o tabaco mas não tanto o vinho). 3) «Billy Graham localizava, fisicamente, o paraíso celestial a umas quantas milhas da Terra.» Oliveira Marques não percebeu que Billy Graham falava de um acontecimento ainda futuro, no «Fim do Mundo», e não mudou, decerto, apesar dos foguetões. «Coisas que brevemente devem acontecer. E eu vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu... Assim a Bíblia diz, em «Apocalipse», 1.1 e 22.2.

Resposta de A. H. de Oliveira Marques

1 — Não tenho à mão elementos estatísticos completos para responder ao sr. Pedro Muir. Mas suponho que os 12 milhões de membros por ele referidos correspondam apenas à chamada *Southern Baptist Convention* (que, aliás, apesar do nome, conta com alguns adeptos fora do Sul), esquecendo os muitos outros agrupamentos baptistas igualmente dissiminados pelo Sul. O seu número total excede em muito os tais 12 milhões. No entanto, desejo completar o adjectivo «majoritária», visto de facto não existirem nesse Sul de mais de 50 milhões de habitantes 25 milhões de baptistas. O que eu queria dizer era que os baptistas no Sul estão à frente, e de longe, de todas as outras denominações religiosas. Dispõem, assim, da *maioria relativa*, embora não da absoluta. Por outro lado, como do total de 26 milhões de baptistas existentes nos Estados Unidos mais de metade vive no Sul (que engloba apenas a quarta parte da população americana), parece-me bem nítida a sua concentração nessa área e a sua influência na determinação de uma mentalidade.

2 — Claro que há muitos outros processos de tratar a linguagem para além do seu sentido literal. Mal de nós se tivéssemos de aceitar o sentido literal dos discursos dos políticos, por exemplo! Ou o das composições poéticas! Ou o dos provérbios populares! Há linguagem alegórica, como há linguagem figurada, linguagem oculta e linguagem convencional. Relativamente a textos do passado, como a Bíblia, o problema está exactamente em determinar até que ponto a sua linguagem deve ser interpretada literalmente ou até que ponto estamos em presença de alegorias, de figuras de retórica, de convenções sociais, e assim por diante. Isto, partindo já do princípio da veracidade dos textos bíblicos. Daí a existência, entre os cristãos, de muitas correntes quanto à interpretação das passagens bíblicas.

3 — Nem o sr. Muir nem eu podemos aduzir o texto ou textos exactos de Billy Graham para servir de tira-teimas. Mas devo dizer-lhe que li diversas referências em publicações de origens várias que focavam o aspecto por mim defendido. A última, escrita por pessoa conceituada e bem informada, foi publicada no «New York Times Magazine», na Primavera do ano corrente. Os sermões que ouvi a Billy Graham levam-me a poder aceitar a verdade dessas referências. De qualquer forma, é interessante constatar que Graham, como o sr. Pedro Muir, parecem admitir que *brevemente* (interpretação literal?) a nova Jerusalém descerá do céu (interpretação literal também?). Isso corrobora na perfeição o sentido «oculto» do meu artigo.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DA GUINÉ

BISSAU, 9 — (A. N. I.) — No seu boletim informativo, relativo ao período de 28 de Setembro a 5 de Outubro de 1969, o comando-chefe das Forças Armadas na Guiné comunica:

«Durante o período, o inimigo flagelou os aquartelamentos de Cansamance, Chamarra, Guileje, São Domingos, Bissá e Buba, implantou engenhos explosivos nas regiões de Bricama e Cufeu, e armou emboscadas ás nossas tropas nas regiões de Bachile, Fanhe, Rio Jagaraja, Mansambo, Dar Salame e Baio.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu: na região de Sulueó, três mortos e apreensão de material diverso; na região de Olossato, um morto; na região do Rio Jagaraja, um morto; na região de Mindolo, dois mortos; na região de Quitamo, apreensão de material diverso; e na região de Cunchumpa, dois capturados.

Durante o período o inimigo sofreu sete mortos e dois capturados, as nossas forças sofreram quatro mortos em combate, cujos elementos de identificação foram, oportunamente, divulgados aos órgãos de Informação.

As populações civis sofreram um morto.»

Festas associativas

Casa de Ferreira do Zêzere

A Casa de Ferreira do Zêzere realiza, no próximo sábado, com início ás 22 horas, um baile abrilhantado pela orquestra «Monte Carlo».

O MAIOR ARRANHA-CÉUS DO MUNDO

Trinta metros mais altos que o Empire State, cento e dez andares, as duas torres do Centro Mundial de Comércio, em construção em Nova York, serão os mais altos edifícios jamais erguidos pelo homem. Este é um dos interessantes artigos publicados na edição de Outubro de Selecções, já à venda em distribuição da Livraria Bertrand.

OBRA-PRIMA ESQUECIDA — No Teatro Aldwich, de Londres, está em cena uma obra-prima relativamente esquecida do dramaturgo irlandês Sean O'Casey, como lhe chamou o crítico do «Times». Trata-se de «The Silver Tassie» («A taça de prata»), localizada no dealbar da guerra de 14

OS FILMES DA PRÓXIMA TEMPORADA

IV – DOPERFILME

Entre os filmes que constituem a lista da **Doperfilme** para a temporada de 1969/70, cumpre destacar primeiramente:

— **GALILEU**, de Liliana Cavani, com Cyril Cusack e Lou Castel;

— **E DEUS... CRIOU A MULHER (Et Dieu... Créa la Femme)**, de Roger Vadim, com Brigitte Bardot e Jean Louis Trintignant;

— **MARIDO VELHO... MULHER NOVA (La Mandragora)**, de Alberto Lattuada, com Rosanna Schiaffino e Philippe Le Roy;

— **LIKA, O AMOR DE TCHEKHOV (Lika)**, de Serge Yontkevich, com Marina Vlady e Nicolas Grinko;

— **CAPITAO BRANCALEONE (L'Armata Brancaleone)**, de Mario Monicelli, com Vittorio Gassman e Catherine Spaak;

— **O ÚLTIMO VERAO (Last Summer)**, de Frank Perry, com Richard Thomas e Barbara Hershey.

Além destes títulos, outros existem:

— **A MATRIARCA (La Matriarca)**, de Pasquale Festa-Campanile, com Catherine Spaak e Jean Louis Trintignant;

— **NOITES DE OUTROS TEMPOS (Le Piacevole Notti)**, de A. Cristino, com Vittorio Gassman, Gina Lollobrigida e Ugo Tognazzi;

— **AS TERNAS AMIGAS (Le Tenere Amiche)**, de Paolo Spinola, com Giovanna Ralli e Carla Gravina;

— **ADEUS, TIO TOM (Addio, Uncle Tom)**, de Jacopetti e Prosperi, documentário;

— **DESCULPE, VOCÊ CONHECE...? (Scusi, Lei Conosce il Sesso?)**, de Vittorio Sisti;

— **A MORTE NAO TEM SEXO (Shawdown)**, de Massimo Dallamano, com Robert Hoffmann e Lucianna Paluzzi;

— **COMO CASAR A NOSSA FILHA? (Sensi, Lei a Favore ou Contra?)**, de Alberto Sordi, com Alberto Sordi e Silvana Mangano;

— **OS JOVENS TIGRES (I Giovanni Tigri)**, de Antonio Leonviola, com Helmut Berger e Martine Malle;

— **JOHN, O BASTARDO (His Name was Johnny)**, de Armando Crispino, com John Richardson e Martine Beswick;

— **UM LUGAR NO INFERNO (Place in Hell)**, de Joseph Warren, com Guy Madison e Helen Chanel;

— **O «SANTO» E A VENDETTA (Vendetta for the Saint)**, de Jim O'Connolly, com Roger Moore e Ian Hendry;

— **O FILHO DE SHANE (The Haugman's Tree)**, de Mike Fitzgerald, com Mike Marshall e Michele Girardon.

LEVI'STA-SE

irrequietas e actuais

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Levi Strauss & Co., San Francisco, California

O que torna diferente um seguro da ATLAS?

O cuidado com que foi escolhido para ser a solução perfeita do seu caso particular. Porque na ATLAS um seguro é mais do que uma apólice. É o resultado da nossa experiência e técnica em seguros. E da atenção que dedicamos a cada cliente.

Consulte-nos. Estamos ao seu dispor para lhe apresentar o plano de seguros mais adequado aos seus interesses.

ATLAS

COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Lisboa – Rua Andrade Corvo, 27 Telefs.: 57120/7/8/9/48 e 57354
Porto – Rua de Ceuta, 11-1.º Telefs.: 20802/3, 22152
Coimbra – Rua da Sofia, 139-1.º Esq. Telef.: 28901

MAIORES DE 12 ANOS

PARA INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA 1969/70
OS CINEMAS
SÃO LUIZ e ALVALADE
TÊM O PRAZER DE APRESENTAR O FILME QUE BATEU
TODOS OS RECORDES DE BILHETEIRA EM FRANÇA

É UM FILME PARAMOUNT

AMANHÃ • O CÉREBRO • ESTREIA

(LE CERVEAU)

com DAVID NIVEN ★ JEAN-PAUL BELMOND ★ BOURVIL ★ ELI WALLACH ★ SILVIA MONTI

A nova e sensacional descoberta do cinema italiano

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Duelo no Pacífico» («Hell in the Pacific»)
REALIZAÇÃO — Jonh Boorman (1968)
INTÉRPRETES — Lee Marvin e Toshiro Mifune.

Para inauguração da sua temporada de 1969-70, o cinema Império estreou ontem um filme admirável, assinado por John Boorman e interpretado (ùnicamente) por dois actores sensacionais: Lee Marvin e Toshiro Mifune. «Duelo no Pacífico» assinala assim um dos pontos mais altos do presente ano cinematográfico. Para ele, portanto, chamamos desde já a atenção do público.

Durante a guerra de 39-45, um japonês e um americano encontram-se, por acasos do destino, numa ilha do Pacífico. Essa ilha será o seu universo. A situação é, pois, de princípio de mundo. Os manuais de sobrevivência mostram-se manifestamente insuficientes. Os dois homens, para além das raças e dos interesses políticos que cada um deles personifica, principiam as hostilidades em função dos alimentos de que necessitam: a água, o peixe, os mariscos, as raízes... Esses elementos de primeira necessidade principiam a ser tomados como propriedade privada. Para os defender organizam-se fronteiras (de canas aguçadas de troncos), inventa-se o radar (sistemas de alarmes com conchas), desenvolve-se a acção psicológica, tendente a derrotar o inimigo pelo abaixamento do moral (latas que se batem umas contra as outras, enquanto se gritam slogans).

(Continua na página central)

YVES MONTAND e MARIA SCHELL

num filme de PHILIPPE DE BROCA

FRANCAMENTE !... ELAS TANTO FAZEM... TANTO ABUSAM... QUE ACABAM POR VER:

O DIABO À SOLTA

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

2.ª SEMANA

ADULTOS

RANK FILMES — UNITED ARTISTS

ARREBATADORA EXALTAÇÃO DE UM AMOR PURO!

UM ROMANCE DE PAIXÕES ESCALDANTES ENTRE VIDAS VÍTIMAS DE LEVIANDADES

ADMIRÁVEL ODISSEIA DE 2 IRMÃS ACORRENTADAS A LIGAÇÕES AMOROSAS EM PERIGO DE ESCÂNDALO

AMOR SELVAGEM

Vibrante realização de TITO DAVISON

com os notáveis artistas JULIO ALEMAN, ANGELICA MARIA, TERESA VELAZQUEZ

AMANHÃ-ESTREIA ODEON

EASTMANCOLOR — Excl. da IMPERIAL FILMES

(MAIORES 12 ANOS)

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO APRESENTA

HOJE, 2 SESSÕES às 21 h. e às 23 h.
(Adultos)

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

Uma história onde se prova que amar é divertidíssimo

A COMÉDIA DE QUE TODOS FALAM

TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37 — 16.ª semana

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, A NOITE, às 21.45
(Adultos)

OS DIREITOS DA MULHER

2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUISA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 HORAS

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

O jogo está montado. O espectador reage á brincadeira. Tem imensa piada ver o Lee Marvin a fugir agora, para dai a pouco ser o Mifune a pirar-se. Mas a verdade virá depois. Quando um deles agarra finalmente o outro é a guerra, o sofrimento, a tortura, enfim a violência. Fazem-se prisioneiros, inventam-se campos de concentração, descobrem-se torturas novas, humilha-se, desumaniza-se. Cada um para seu lado, nada descobrem que não esteja ao serviço da destruição. Até que um dia a situação chegou ao limite do possível e ambos começam a cooperar: organizam o seu pequeno mundo, planificam a sobrevivência, lutam pela liberdade e atingem o mar alto numa jangada construída pelos dois. Não se entendem, pois que falam línguas completamente diferentes, mas ouvem-se, respeitam-se estimam-se. São finalmente amigos e cada um grita-o a seu modo. Dos olhos varreu-se o ódio.

Numa nova ilha, todavia, vão encontrar ruínas que prenunciam combates recentes. Entre os despojos, restos de comida (que dividem entre si), cigarros e garrafas de vinho (que servem para festejar o regresso), uniformes (que se envergam, e mais, se assumem), revistas (que se lêem). Tudo isto faz ressuscitar em cada homem preconceitos morais, religiosos e políticos que os voltarão a fazer enfrentarem-se com fúria. O dilema está traçado perante os espectadores. John Boorman pode fazer agora desaparecer os seus protagonistas. Com neutralidade. Fica a questão: cooperação ou luta? guerra ou paz?

Quando os humanismos tendem a desaparecer sob a força do descrédito, não é sem sobressalto que se assiste á sua defesa, mas a uma defesa feita em termos adultos, lúcidos e violentos. John Boorman sabe o que quer, defende essa ideia até ao mais fundo de si próprio e defende-a com argumentos sólidos e processos sóbrios «Duelo no Pacífico» é uma obra exemplarmente traçada e dirigida. Com tempos definidos e pausas estudadas. A um primeiro período lúdico, segue-se o clima de violência; a este justapõe-se uma etapa de construção entusiástica. Finalmente surgirá a grande interrogação. Dentro deste esquema, Boorman consegue convencer toda a gente da invulgar intuição do seu talento cinematográfico, bem assim como da inteligência e acuidade dos seus propósitos. «Duelo no Pacífico» é, pois, uma lição. Lição de mestre, acrescente-se.

Resta falar da interpretação. Dois homens dominam todo o filme. Duas personalidades fulgurantes dando livre curso ao seu talento. Lee Marvin e Toshiro Mifune, para além de documentarem dois continentes, exemplificam dois mundos interiores. Para os ver valeria a pena ver «Duelo no Pacífico», se tudo o mais não fose de molde a **obrigar a sua visão.**

LAURO ANTÓNIO

• NO AVIS

TÍTULO — «O Santo e a Vendetta» («Vendetta for the Saint»)

REALIZAÇÃO — Jim O'Conolly (1968)

INTÉRPRETES — Roger Moore, Ian Hendry e Rosemary Dexter

Enquanto no Odeon termina os seus curtos dias um filme de dois episódios da série «Os Vingadores», o Avis estreia um outro êxito de televisão: O Santo. A principal característica destes dois filmes consiste em reproduzirem integralmente o esquema adoptado para as séries televisivas, havendo apenas para nós a novidade da cor. Deste modo, não há a mínima surpresa: as mesmas qualidades e os mesmos defeitos já sobejamente conhecidos. Saliente-se que «Os Vingadores» ultrapassam bastante o Santo no que diz respeito a valor cinematográfico, imaginação, subtileza e humor. Mas o Santo, desta vez ocupado em conseguir uma razia na Máfia, é sempre o Santo, de auréola bem desenhada a apontar as virtudes. E se o filme ontem estreado é perfeitamente vulgar, não é de modo algum inferior ao nível médio das séries comerciais deste género.

E. P. C.

• NO OLÍMPIA

TÍTULO: «O Conde Sinistro» («The Devil of Darkness»)

REALIZADOR: Lance Confort, 1968 (E. U. A.)

INTÉRPRETES: William Silvester e Hubert Noel

O Olímpia estreou na passada segunda-feira um novo programa em que se acha incluído um filme de «terror e mistério» assinado por Lance Confort e que se revela uma obra curiosa dentro do género em que se enquadra, repleta que está de numerosos atractivos que fazem o gáudio dos frequentadores habituais deste tipo de filme de fantasia e aventura.

«O Conde Sinistro» roda em redor de uma seita ligada á magia negra e que tem como talismã um morcego enrolado por uma cobra. Dentro deste esquema cabe de tudo um pouco, desde os cadáveres que regressam das trevas, até ás grandes cenas sangrentas, aos grandes calafrios, aos rituais secretos, culminando como derrocadas monumentais (e justiceiras).

Os intérpretes não são do melhor, mas enquadram-se no ritmo desta aventura de além-tumulo que proporcionará certamente algumas alegrias inesperadas aos *fans* do filme de terror. Um filme a reter, portanto, desde que devidamente *pesado* e criteriosamente usufruído. — *C.*

NOVO SISTEMA DE ASSINATURAS CRIADO PELA EMPRESA DO TEATRO MARIA MATOS

O Teatro Maria Matos criou uma nova forma de promover os espectáculos teatrais e facilitar a presença do publico interessado, quer nas estreias quer em outras iniciativas de carácter cultural, artístico e de convívio oferecendo, ainda, um desconto substancial no preço dos bilhetes.

Nos termos do regulamento desta iniciativa, para adquirir 1120$00 de bilhetes para o Teatro Maria Matos, bastará depositar apenas 1000$, em qualquer das dependências de Lisboa do Banco Português do Atlantico, á ordem de Tablado — Promoção de Artes Cénicas, Lda., ficando o depositante, a partir desse momento, com direito a preferência na marcação para a inauguração e lugar permanente em todas as estreias; preço especial do bilhete a utilizar pelo próprio assinante ou pelos seus convidados; convite para assistir ás manifestações culturais dedicadas ao nucleo de espectadores aderentes a este novo sistema, e a receber o «Boletim de Informação» do Teatro Maria Matos, sempre que seja editado.

Ao ficar na posse da caderneta de depósito especial, o assinante será informado acerca do lugar permanente que lhe fica reservado para todas as estreias e que também pode ser utilizado por um seu convidado.

O sistema de assinaturas criado pelo Teatro Maria Matos assume, ainda, especial interesse, pois permite ao espectador que colabora na iniciativa convidar, para o espectáculo, pessoas das suas relações a quem pretenda obsequiar. Esta forma de presentear permitirá também, nas datas e épocas festivas, solucionar o problema dos presentes e ajudará a promover a divulgação do hábito de ir ao teatro.

Outro aspecto interessante do sistema de depósito é a possibilidade oferecida ás empresas de poderem oferecer bilhetes de teatro, quer como prémio ao pessoal, no âmbito das suas actividades de relações humanas, quer em campanhas de promoção junto do publico consumidor.

Esta iniciativa, que reune todas as características para favorecer a presença do publico interessado, está protegida por uma garantia do Banco Português do Atlantico. Se por qualquer motivo imprevisível a empresa Tablado — Promoção de Artes Cénicas, Lda., deixar de ser concessionária do Teatro Maria Matos, ou não puder manter o compromisso assumido, promoverá a devolução do respectivo saldo de cada depósito, até sessenta dias contados a partir de comunicação directa ou nos principais jornais de Lisboa.

«OS DIREITOS DA MULHER»

Milhares de espectadores continuam a acorrer ao Variedades onde se representa a comédia de Alfonso Paso «Os Direito da Mulher» numa tradução de Henrique Santana. O público procura ser o juiz de um delicado problema: — será a mulher superior ou inferior ao homem? Intervêm no desempenho Henrique Santana e Lia Gama os protagonistas, Iree Isidro, Costinha, Maria Helena, Luísa Durão, David Silva, Helena Isabel e Benjamim Falcão. «Os Direitos da Mulher» um espectáculo de Vasco Morgado no teatro Variedades todas as noites às 21 e 45, domingos à tarde às 16 horas, segundas-feiras descanso da companhia.

VIDA MUSICAL

Cursos da Fundação Gulbenkian

Iniciam-se na segunda-feira as aulas dos cursos de Didáctica Musical e Iniciação Musical Infantil, promovidos pela Fundação Gulbenkian, na sua sede.

As pautas com os nomes dos alunos admitidos, assim como os horários, encontram-se afixados na Avenida de Berna, n.º 52, onde poderão ser consultadas pelos interessados, das 9 ás 13 e das 15 ás 18 horas.

FILMES CASTELLO LOPES (50) apresenta

Toda a verdade sobre o mais feroz e sangrento conflito da segunda guerra mundial!

FREDERICK STAFFORD · ROBERT HOSSEIN
MICHAEL RENNIE

A BATALHA DE EL ALAMEIN

"THE BATTLE OF EL-ALAMEIN"

Realização de CALVIN JACKSON PADGET

MAIORES DE 12 ANOS

EASTMANCOLOR

COM

IRA FURSTENBERG · GEORGE HILTON

HOJE, ESTREIA no POLITEAMA

COLISEU

HOJE às 21.30

(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE

CIRCO

NÚMEROS DE SENSAÇÃO
ATRACÇÕES
DE CATEGORIA
PALHAÇOS

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

JOSÉ VIANA

DORA LEAL

● HOJE, 2 SESSÕES
Às 20,45 e 23 horas NO
ONDE GIUSEPPE BASTOS
E VASCO MORGADO APRESENTAM
A NOVA REVISTA do enorme êxito

ESPERTEZA SALOIA

UM GRANDE TRIUNFO DE:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES
● DÓRA LEAL
■ VÍTOR MENDES — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — CRISTINA CASSOLA
E TODA A COMPANHIA, COM AS ATRACÇÕES
● HELENA TAVARES
«Vedeta» do Fado
● «THENELO DIES»
Famoso «duo» Filipino
UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL

MARIA VITÓRIA

ADULTOS

HELENA TAVARES

✻ DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS.

Aspecto parcial da ponte sobre a linha férrea, que vai ser inaugurada no Entroncamento

Uma moderna ponte ferroviária no Entroncamento que muito facilita o trânsito

ENTRONCAMENTO, 9 — Com a presença de membros do Governo e outras entidades oficiais, será inaugurada, no dia 19 a moderna ponte sobre as vias férreas, nesta vila, que substitui a malfadada passagem de nível, cujas cancelas se conservam encerradas para cima de vinte horas, nas vinte e quatro que tem o dia!...

Trata-se, portanto, de um melhoramento que, além de muito desejado, se tornava numa obra sobremodo arrojada, em face do seu custo — nada menos do que dez mil contos — para efectivada como foi, por uma modesta Câmara Municipal de província, embora com a ajuda de subsídios do Estado.

Serão inaugurados simultâneamente, os respectivos acessos, aliás amplos e modernos.

O SUBSECRETÁRIO DA JUVENTUDE E DESPORTOS EM COIMBRA

COIMBRA, 9 — O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos visitou hoje, nesta cidade, a Escola do Magistério Primário, onde vai funcionar brevemente, a Escola de Instrutores de Educação Física, e também o complexo de piscinas do Estádio Municipal, dependências gimnodesportivas do Liceu D. João III, Estádio Universitário e Pavilhão dos Desportos. Ainda de manhã o dr. Elmano Alves esteve na vizinha localidade do Taveiro a ver o seu campo de jogos.

Findas estas visitas houve um almoço em Conímbriga, oferecido pelo chefe do distrito, ali se reunindo mais tarde o dr. Elmano Alves com representantes de vários clubes desportivos da cidade.

COSTA FERREIRA NO ROTARY CLUB

Realiza-se no próximo dia 14 de Outubro, no Hotel Tivoli, ás 12 e 45, um almoço do Rotary Club de Lisboa. Será palestrante o actor dr. Costa Ferreira, o qual versará o tema «O Teatro e a Comunicação Humana».

Tribuna livre

A emigração vista pelo prisma de um sacerdote francês

Na esperança de contribuir para a solução de um problema que reputamos dos mais difíceis do momento actual, tornamos público os esclarecimentos colhidos no decorrer duma conversa com um sacerdote francês que, em França, ministra assistência a compatriotas nossos e ainda no exercício da missão, que exerce dedicada e desinteressadamente, aproveita o período das férias em Portugal para visitar famílias de alguns dos seus paroquianos a fim de lhes dar notícias e tentar manter a união indispensável entre os que estão na Pátria e os que dela partiram para conseguirem melhor remuneração para o seu trabalho.

São em número de 300 000 — disse-nos o rev. Padre Claude Meyer, pároco de Puy — os portugueses que trabalham em França, dos quais 500 em Puy, uma vila de 30 000 habitantes. Emigram por supor que encontrarão em França melhores condições de trabalho, mas tal não sucede. A parte alguns, melhor habilitados, a maioria emprega-se em trabalhos manuais, de facto melhor remunerados do que em Portugal. Sujeitam-se a trabalhos violentos e a viverem longe da família por um ordenado que melhor corresponde ao esforço despendido.

Gozam além desta vantagem, já de si muito importante, do regime estabelecido para os franceses: seguro social e abono de família, se têm a família a residir com eles, médico, serviço hospitalar e dos auxílios para os sinistrados no trabalho.

Todos estes benefícios explicam o aumento de mão-de-obra portuguesa em França. Basta referir que, em 1965, era apenas de 175 o número de portugueses em Puy, e actualmente atinge como se disse, 500.

Aos recém-chegados a quem a aventura lançou num caminho sem qualquer amparo, a assistência particular (Caritas e Cruz Vermelha) dispensa-lhes auxílio enquanto não trabalham.

Os portugueses vivem, em geral, na parte antiga da vila, em casas modestas, especialmente os que deixaram as famílias em Portugal.

Existe em Puy um Centro onde se reunem os portugueses. As dependências estão decoradas com cartazes de festas tradicionais de Portugal. Cartazes das festas da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, e de outras que recordam aos portugueses as suas terras, pois há ali cartazes de quase todas as províncias do Minho ao Algarve.

Para esta obra, meramente particular, muito contribuem, com o seu trabalho e outros auxílios, famílias francesas, entre as quais é de mencionar um casal composto por um francês e uma portuguesa, mãe de três filhos. A esta senhora chamam os portugueses «a sua mãe», apesar dos seus trinta anos. Tanto ela como o marido são de grande dedicação à obra. Os portugueses que chegam ao Puy encontram ali acolhimento e quem os ponha em contacto com os organismos oficiais — mão-de-obra, junta, caixa de abono, seguro, etc. Assim recebidos e amparados instalam-se e só pensam levar a família para junto deles.

Encontram melhores condições de vida e mais possibilidades de melhor educarem os filhos. Conservam, contudo, o orgulho de serem portugueses. Não falam muito de Portugal e, quando o fazem, é para se referirem ao seu folclore. Receiam exprimir as suas opiniões e mostram-se admirados quando os franceses se manifestam, seja contra ou a favor.

São, de maneira geral, bons. Conservam o culto da família e apesar de não terem em Portugal mais do que uma barraca que, de longe, lhes parece um castelo, não esquecem o seu país.

São bons trabalhadores, dóceis, sérios e aplicados. Discutem e zangam-se, como é natural, mas entre eles e muito raramente com os franceses, apesar destes, por vezes, desconfiarem deles, por recearem a sua concorrência, não no trabalho propriamente dito, mas nas regalias que usufruem.

O horário de trabalho é de oito horas e o que for além deste período é considerado extraordinário e remunerado como tal, mesmo no campo. Os portugueses, porém, como aliás os imigrados de outras nacionalidades, não observam as leis francesas. Trabalham 10 ou 12 horas sem exigirem o pagamento das horas extraordinárias, o que é proibido, ou trabalham mais 16 horas por semana e declaram só 8. É o chamado trabalho negro. E disto resulta a animosidade do trabalhador francês pelo emigrante. Os franceses vêem naquele procedimento um obstáculo às suas reivindicações de um salário decente em 45 horas de trabalho por semana.

Quanto à religião, têm uma dimensão individual da Fé. Não a vivem como os outros na dimensão da Igreja-Povo de Deus. Por isso, censuram os franceses, mas se fossem ao domingo às igrejas vê-las-iam repletas de franceses.

A religiosidade para eles é mais um comportamento moral que se vive no amor do próximo, do que uma Fé em Jesus Cristo.

São demasiado individualistas, mas têm qualidades muito apreciadas, como sejam a sua vida de família, a sua simplicidade e hospitalidade.

O problema da emigração tem de ser resolvido nos seus dois aspectos principais: económico e político. Impõe-se o estabelecimento de um intercâmbio internacional, com legislação adequada.

RODRIGUES LOPES

Clube de Campismo do Concelho de Almada

Na sede da Associação de Socorros Mútuos 1.º de Dezembro, na Rua Capitão Leitão, 189, em frente á Academia Almadense, realiza-se no próximo sábado, ás 20 horas, o tradicional jantar de confraternização, integrado nas comemorações do XX aniversário do Clube de Campismo do Concelho de Almada.

Inaugurado o novo liceu de Angra do Heroísmo

ANGRA DO HEROISMO, 9 — (L. e A. N. I.) — O novo liceu desta cidade, que importou em cerca de 23 mil contos, foi hoje inaugurado pelos ministros da Educação Nacional e das Obras Publicas. O bispo D. Afonso Carvalho benzeu o edifício, após o que se realizou uma sessão solene em que falaram o reitor do liceu, o presidente da Junta Geral do Distrito e aqueles dois membros do Governo.

COLABORAMOS CONSIGO

assistência é a base das nossas vendas

Conheça o nosso eficiente serviço de assistência pós venda

A Ceifeira-Debulhadora não pode, em virtude de ser curta a campanha de colheitas, estar parada. Portanto, Senhor Lavrador, a assistência deve ser muito mais rápida do que para qualquer outra espécie de máquinas. Por isso, colaboramos consigo através da nossa pronta assistência técnica, prestada pelos nossos Mecânicos de Serviço.

SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA.

Ceifeiras-Debulhadoras CLAAS '69

claas

Actualidade internacional

O cientista russo Sedov pede que a guerra nuclear seja posta fora da lei

MAR DEL PLATA, 9 — (F. P.) — A U. R. S. S. pensa enviar á Lua veículos espaciais tripulados, em data que ainda está por fixar, declarou o dr. Leonid Sedov, o pai dos Sputniks, numa conferência de Imprensa organizada pela delegação russa que veio ao XX Congresso da Federação Internacional de Astronáutica.

Como os seus colegas norte-americanos, o professor soviético não acredita que a supressão das despesas envolvidas na investigação espacial pudesse «atenuar a fome existente em certas regiões do mundo». Pelo contrário, salientou «a conquista do cosmos fará progredir as ciências e traduzir-se-á por melhores condições de vida para a humanidade». As despesas «cósmicas» são ínfimas, afirmou, em comparação com outras despesas, estas inúteis, a que a Humanidade é dada, como sejam as depesas militares. O prof. Sedov fez um apelo vibrante para que seja posta fora da lei a guerra nuclear. «Se eclodisse, então, não haveria dezenas de milhões de mortos, mas centenas de milhões, talvez mesmo um bilião», disse.

Por outro lado, tendo dito que a missão do Lunik-15 nunca fora a de espionar a Apolo-11 durante a viagem desta á Lua, e recusando-se, depois, a revelar qual tivesse sido a missão daquela estação automática, o prof. Sedov explicou a reserva observada do lado soviético, quanto á publicidade das experiências espacias soviéticas, com o temperamento russo, a tradição e a forma de vida predominantes na Rússia, e também as duas duras guerras que desde o princípio do século foi o seu país obrigado a travar.

Quando um acordo mundial de desarmamento for conseguido, afirmou, a U. R. S. S. abrirá as suas bases de lançamento á visita de delegados e técnicos estrangeiros, sem exclusão de militares.

LEONID SEDOV

MANIFESTAÇÃO EM CHICAGO

(Continuação da 1.ª página)

Os actos de violência começaram após um comício num parque, onde renhidos e sangrentos recontros foram travados o ano passado entre a Polícia e manifestantes contra a guerra no Vietnam, durante a Convenção Democrática que se realizou em Chicago.

THO EM PEQUIM

PEQUIM, 9 — (F. P.) — «A retirada total e incondicional do Vietnam do Sul das tropas de agressão americanas e das tropas vassalas é a solução dos problemas pela própria população sul-vietnamiana, ao abrigo de qualquer intervenção estrangeira, constituem o único caminho justo que permite resolver realmente a questão», declarou o primeiro-minstro Chu En Lai, durante uma recepção dada em honra do presidente do «praesidium» da comissão central da F. N. L., Nguyen Huu Tho.

«O imperialismo americano é o nosso inimigo comum», declarou Chu En Lai.

BIAFRA: Nas vésperas da negociação

1 — A proposta de paz de Gowon

Em 30 de Maio de 1967, a Assembleia Federal da província nigeriana do Leste separou-se da República da Nigéria e proclamou-se República de Biafra.

No mês de Julho desse mesmo ano, o Governo central da Nigéria, após um primeiro momento de hesitação, declarou guerra ao jovem Estado, chefiado pelo coronel Ojukwu. Cerca de ano e meio depois, as possibilidades militares da resistência biafrense pareciam ínfimas. A República de Biafra, que de início ocupava toda a região sudeste do território federal foi sendo progressivamente reduzida, pelas investidas de um exército central, poderosamente armado por russos, por ingleses, por americanos, a cerca de um sexto da sua superfície inicial. Em 15 de Setembro de 1968, as agências internacionais noticiavam que pouco mais restava aos biafrenses do que uma guerra de guerrilhas e um governo no exílio. Uma população sitiada morria à fome (um rato custava o equivalente a setenta escudos), a aviação nigeriana flagelava os centros urbanos que o coronel Ojukwu continuava a controlar.

A causa da independência biafrense só restava o apoio humanitário da caridade internacional. A Caritas e a Cruz Vermelha dos vários países ocidentais (à cabeça das quais, as dos Estados que mais têm contribuído, com armamento, para o prosseguimento da luta) voavam para o território dos separatistas após autorização das autoridades de Lagos. Em Junho de 1969, porém, depois de a aviação nigeriana ter abatido um avião da Cruz Vermelha sueca os voos foram suspensos — a pretexto de caridade, disse então o Governo da Nigéria, eram armas que chegavam a Biafra.

Dois acontecimentos vieram, porém, assinalar uma viragem (militar e sobretudo política) na História da guerra: a reorganização da Aviação biafrense, e os acontecimentos, sobrevindos em torno do aprisionamento pelas tropas biafrenses de técnicos petrolíferos da E. N. I., emprega italiana de exploração de petróleo.

No decorrer do mês de Maio, três ataques aéreos biafrenses destruíram onze aviões federais, o que representou «um rude golpe nas forças do Governo central», de acordo com as palavras do coronel Ojukwu. O «raid» contra o aeródromo de Port Harcourt destruiu dois «Migs» e um «Ilyushin», de fabrico russo; no ataque ao aeródromo de Enugu, os aviões biafrenses puseram fora de combate dois «Migs» e dois «Camberra» e um «Heron», de fabrico britânico.

Desde o mês de Junho, os aviões biafrenses atacam periódicamente as preciosas instalações petrolíferas sob administração nigeriana.

Em 10 de Agosto, o posto terminal de um «pipe-line» da Gulf Oil Company foi flagelado; entretanto a 40 quilómetros de Port Harcourt, as forças terrestres de Ojukwu impediam e impedem a exploração dos ricos poços do rio Imo.

Jarbas Passarinho vem a Portugal

RIO DE JANEIRO, 9 — (A. N. I.) — O minstro do Trabalho, coronel Jarbas Passarinho, segue no dia 16 para Lisboa, a fim de assinar um acordo de previdência social, em que se estabelece a reciprocidade, na assistência social, entre Portugal e o Brasil.

O ministro partiu ontem para os Estados Unidos, a fim de participar na terceira conferência norte-americana de ministros do Trabalho.

O conde von Rosen (um aventureiro sueco, paladino de causas em perigo que combateu ao lado dos etíopes contra os invasores italianos e ao lado dos finlandeses contra os russos) é o reorganizador da Aviação da Republica de Biafra. Adquiriu na Suécia cinco aviões de treino, transformou-os em aviões de combate, treinou pilotos no Gabão — e eis o

Por AMADEU LOPES SABINO

nucleo de uma «Aviação microbio», para utilizar uma expressão posta a circular pela Imprensa europeia.

Por outro lado, o aprisionamento dos técnicos da E. N. I. permitiu aos rebeldes a obtenção de um notável triunfo diplomático.

De acordo com uma estratégia que progressivamente se torna clara e que consiste em flagelar a Nigéria no centro preciso do seu poder — o petróleo —, as autoridades biafrenses, atacaram, em Maio, na margem ocidental do Níger, contingentes de técnicos de uma empresa italiana concessionária do regime de Lagos. Dos ataques resultaram a morte de treze funcionários e a prisão de dezoito.

As negociações que conduziram á libertação dos prisioneiros — negociações que envolveram vários países e que culminaram na visita a Biafra de um subsecretário de Estado do Governo de Roma, demonstraram de forma inequívoca que a compra, a venda e a exploração dos ricos jazigos de petróleo da margem do Níger tem que ter em conta uma rebelião e as suas reivindicações políticas.

O EQUILIBRIO DE FORÇAS

Vinte e oito meses após o início da luta, a Nigéria começa a aperceber-se que as possibilidades de derrotar Biafra pelas armas são diminutas. Da ofensiva geral em todas as frentes, o Governo central passou, em certos sectores, á defensiva, e a situação tende no campo militar para um equilíbrio de forças.

A produção petrolífera começa a ser afectada. A zona administrada pelo regime de Lagos produzia em Abril 600 000 barris diários; neste momento, não atinge os 500 000. Ora o petróleo tem custeado esta guerra: as *royalties* pagas pelas companhias estrangeiras permitem ao Governo nigeriano sustentar um esforço militar que, tendo crescido e tendo-se multiplicado, atinge agora a cifra diária de 36 000 contos.

A subida vertiginosa dos preços e a descida dos salários reais, factos que se têm acentuado nos ultimos meses, levaram, por outro lado, ao próprio solo nigeriano, a refutação do poder de Gowon. Nos meses de Julho e de Setembro, na província ocidental (onde a maioria da população é de origem yomba) manifestações contra o regime fiscal saldaram-na em várias dezenas de mortes.

(Continua na 13.ª página)

MARIA CARLOTA BERNARDES COSTA
FALECEU

João da Costa, Fernando Manuel Bernardes, sua mulher Eliza Cabanelas Bernardes e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mulher, irmã, cunhada e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo de família, no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

MARIA CARLOTA BERNARDES COSTA
FALECEU

VILARINHO & RICARDO, S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes, fornecedores e amigos o falecimento da esposa do seu Administrador Sr. João da Costa e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo de família, no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

MARIA CARLOTA BERNARDES COSTA
FALECEU

O PESSOAL da firma VILARINHO & RICARDO, S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu querido patrão e amigo, Sr. João da Costa, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo de família, no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

MARIA CARLOTA BERNARDES COSTA
FALECEU

A ASSEMBLEIA GERAL e o CONSELHO FISCAL da FIRMA VILARINHO & RICARDO, S. A. R. L., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do Ex.mo Administrador desta firma e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas da Igreja de São João de Brito para jazigo de família no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

MARIA CARLOTA BERNARDES COSTA
FALECEU

TRINDADE & COMP.ª, LDA. (DROGARIA SÃO DOMINGOS) — Participa a todos os seus clientes, fornecedores e amigos, o falecimento da esposa do seu sócio-gerente, Sr. João da Costa, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo, no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

MARIA CARLOTA BERNARDES COSTA
FALECEU

JOÃO DA COSTA & COMP.ª, LDA. — Participa a todos os seus fornecedores, clientes e amigos o falecimento da esposa do seu sócio, Sr. João da Costa, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo, no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

ECOS

FACTO novo, um jornal soviético procura compreender as posições políticas da China Popular e encontrar-lhes desculpas. Trata-se da revista **Tempos Novos,** que explica pela fraqueza da classe operária chinesa antes da revolução a viragem política de 1958 — o grande passo em frente, as comunas, etc. Diz, textualmente: «Antes da Revolução, os proletários constituiam como gota de água diluída num oceano pequeno burguês.

*

EM correspondência de Brighton, assinada por Daniel Norman e publicada no Figaro, **órgão reconhecidamente conservador da Imprensa francesa, comenta-se a atmosfera tempestuosa do Congresso do Partido Trabalhista Britânico, onde Wilson conseguiu fazer aprovar o programa governamental.** As disserções dos socialistas britânicos são cada vez mais aparentes Basta dizar-se que o documento foi admitido por 3 562 000 votos contra 2 272 000. A tese de Wilson é que o êxito do labour nas próximas eleições depende do prosseguimento da política do levantamento económico do país, mesmo que a austeridade seja pesada a muitos. Porém os **leaders** dos sindicatos dos transportes e das indústrias mecânicas insistiram na supressão pura e simples das passagens respeitantes á política dos preços. A possibilidade de uma cisão do Partido Trabalhista Britânico com base nas divergências da sua ala direita e da sua ala esquerda, torna-se cada vez mais provável.

*

EIS um texto irónico, mas de impacto muito forte, de Keith Lamp, jovem publicista da vanguarda norte-americano: «Acabamos de tomar consciência de como é mal fundada a ideia de considerar as prisões como locais de repressão e de terror. Quando se está na prisão, tem-se oportunidade de aprender a vida monástica. Assim, quando os **diggers** já não tiverem comida para distribuir, os **hippies** terão de ir às prisões pedir asilo. Come-se bem nas prisões e está-se entre amigos. É preciso claro, levar incenso, guitarras, textos poéticos, balões e flores. Dantes, eu costumava passar as minhas férias em **Miami Beach.** Agora vou passá-las à prisão, onde certamente encontrarei pessoas mais interessantes.

*

JOHN FOWLES, um dos mais escutados mentores da mocidade estadunidense insurge-se contra a mole e invertebrada sensualidade decadente que afecta uma parte dessa juventude, embora saiba e compreenda plenamente a sua reivindicação de liberdade total. Diz ele: «Ensinar a fisiologia do sexo sem ensinar ao mesmo tempo a fisiologia e a psicologia do amor é como se se explicasse ao dono de um barco tudo menos a maneira de o governar».

Revogada a portaria que nomeou (em 22 de Janeiro) um catedrático do I. S. C. S. P. U.

• As disciplinas atingidas pela nomeação não existem no plano de estudos legalmente definido para o Instituto

Uma portaria de 22 de Janeiro último que nomeou professo. catedrático do grupo de disciplinas não agrupadas (História de Sociologia, Investigação em Servsço Social, Planificação e Coordenação Social e Acção Social Contemporanea) do I. S. C. S. P. U., da Universidade Técnica de Lisboa, o sr. prof. dr. Narana Sinai Cossoró, foi agora revogada por portaria dos Ministérios do Ultramar e da Educação Nacional.

Este último diploma, datado de 16 de Setembro, saiu ontem no «Diário do Governo» e no seu preâmbulo são aduzidas as causas da revogação.

Com efeito, o lugar de professor catedrático previsto para as disciplinas não agrupadas do I. S. C. S. P. U. é o que corresponde ao director do Instituto de Línguas Africanas e Orientais, ao qual incumbe assegurar a regência da cadeira de Linguística Geral Segundo a lei, esta cadeira é a unica disciplina que no plano de estudos do Instituto se integra na rubrica «Disciplinas não agrupadas». Aconteceu, porém, que tendo vagado este lugar de catedrático, por virtude da aposentação do sr. prof. dr. Rodrigo de Sá Nogueira, director do Instituto de Línguas Africanas e Orientais e professor de Linguísica Geral, foi invocada a existência da respectiva vaga para abertura de concurso e, realizado este, veio a ser nomeado o sr. prof dr. Narana Sinai Cossoró.

O preâmbulo da portaria agora publicada acentua, porém, que a nomeação não foi feita para a vaga existente de disciplinas não agrupadas, mas sim para as cadeiras de História da Sociologia, Investigação em Serviço Social, Planificação e Coordenação Social e Acção Social Contemporanea, que não existem no plano de estudos legalmente definido para o I. S. C. S. P. U., não lhes correspondendo, portanto, qualquer lugar no quadro docente deste estabelecimento de ensino superior.

Um quadro de Fernando Pessoa, d da Fundação Gulbenkian. Sentado, abertura

AVALIADA A BIBLIOTE QUE HOJE

Um empregado de escritório, sr. Manuel José Simões Loureiro, foi o primeiro visitante da Biblioteca Geral da Fundação Calouste Gulbenkian, que, esta manhã abriu ao público.

O sr. Manuel Loureiro chegou á Rua Marquês de Sá da Bandeira, onde está instalado o edifício, cerca das 9 horas.

«*Aproveitei o facto de minha mulher trabalhar aqui, como bibliotecária auxiliar, para visitar as obras de arte existentes e ver o funcionamento da biblioteca*», declarou o sr. Manuel Loureiro ao «Diário de Lisboa».

«*O horário, porém* — acrescentou — *não me parece ser o mais aconselhável. Ele coincide com as horas normais de trabalho da maioria dos possíveis frequentadores*».

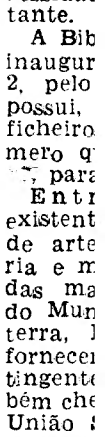
Efectivamente, a abertura da b cada d das 14 Segund vê-se, teração molde cessidad tante.

A Bib inaugur 2, pelo possui, ficheiro mero q para

Entr existent de arte ria e m das ma do Mun terra, fornece tingent bém che União entanto teca é pólio lit xado po kian.

Na s obras e cerca d

Antór Machad quitectu segundo ca nos nutos d blico. M se desl



A no 1100 na ib facto de G

QUINZE DIAS EM LISBOA VEM PASSAR A MODA BRITÂNICA PARA HOMENS

As melhores casas de modas masculinas de Lisboa realizam, de 17 deste mês a 1 de Novembro, a Quinzena da Moda Masculina Britanica, em colaboração com o Grémio Britanico de Vestuário Masculino. Durante 15 dias, a nossa cidade oferece uma grande panoramica do que de melhor e mais requintado oferece a célebre elegancia masculina dos ingleses.

Gabardina de algodão com cintura marcada — uma das últimas criações da moda inglesa

Calçado, gravatas, cintos, fatos, sobretudos, gabardinas, chapéus, peugas, lenços, camisolas de lã, «foulards», camisas, etc., tudo quanto de melhor e mais bem feito o homem pode vestir e usar estará patente nas montras de Lisboa que os elegantes conhecem.

A abertura da Quinzena será assinalada, na manhã do dia 17, pelos sons das gaitas de foles escocesas. O Grémio, que patrocina a Quinzena, representa colectivamente o melhor que existe na Grã-Bretanha em perfeição de modelo, corte e trabalho e lança uma maneira essencialmente britanica de vestir; assim se combinam as melhores características do progresso com a elegancia e o bem gosto tradicionais intrínseco ás ruas de Londres, de Savile Row e de Bond Street.

Os casacos de cabedal forrados, estão cada vez mais em voga

Drenagem subterrânea dos solos

No Hotel Fénix, técnicos ingleses da firma The Hipodel, Co. e seus representantes franceses apresentaram, esta manhã, uma máquina de drenagem subterranea dos solos. Foram projectados «slides» e um filme., mostrando a máquina em operação e a instalação do respectivo tubo no solo.

Dr. Franco Nogueira

Um grupo de correspondentes da Imprensa estrangeira, acreditados em Lisboa, promove amanhã um almoço de homenagem ao dr. Franco Nogueira, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros.

GRANDE ANIMAÇÃO NO ÚLTIMO DIA DA FEIRA DE VILA FRANCA

VILA FRANCA DE XIRA, 9 — Com grande animação e movimento encerra-se esta noite a grande feira anual que vinha funcionando, sempre animada, desde domingo passado. Vila Franca e a sua gente vivem assim a última jornada de uma das suas mais características e tradicionais festas do ano, que pelo seu tipicismo e pelo atractivo das esperas e corridas de touros, é conhecida em todo o País e aqui traz milhares de forasteiros.

Esta manhã efectuou-se a última espera de touros. O gado, conduzido por campinos e lavradores, desfilou pelas ruas da vila prèviamente vedadas, desde a Ponte Marechal Carmona até à Praça Palha Blanco, num espectáculo colorido e bem emotivo. Houve, a seguir, a largada de alguns dos cornupetos, tendo os «diestros» e forcados, improvisados e animosos, demonstrado os seus talentos, em passes e pegas de ocasião.

A feira, instalada no vasto Campo do Cevadeiro, com diversões, barracas de quinquilharias, de comes-e-bebes e dos mais variados artigos de comércio, é um mar de gente, sempre maior pela noite adiante, noite que é a derradeira. É a feira uma vez no ano.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Na secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa, recebem-se, até ao dia 30 do corrente mês, declarações de candidaturas para lugares de catalogador, além do quadro, da Biblioteca.

Os candidatos devem possuir o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes.

Em três linhas

O Fundo de Renovação e Apetrechamento da Industria da Pesca foi autorizado a contrair, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, um empréstimo amortizável até ao montante de 176 contos. Destina-se ao financiamento de empreendimentos previstos no III Plano de Fomento.

///

O dr. Manuel Jorge Proença foi nomeado governador civil substituto do distrito da Guarda.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1870
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Pasta Medicinal Cou

Pessoa, da autoria de Almada Negreiros, exposto na sala de leitura da Biblioteca Geral Sentado, em primeiro plano, está o segundo visitante da Biblioteca no primeiro dia de abertura ao público, o estudante António José Sousa Machado

A EM 20 MIL CONTOS TECA GULBENKIAN E ABRIU AO PÚBLICO

ra da biblioteca está marcada das 9 e 15 ás 13 e das 14 e 45 ás 18 horas. Segundo funcionários, prevê-se, no futuro, uma alteração deste horário, de molde a adaptá-lo ás necessidades do público-visitante.

A Biblioteca Gulbenkian, inaugurada no passado dia 2, pelo Chefe do Estado, possui, presentemente, em ficheiros, 25 mil obras, número que subirá, em breve, para 50 mil.

Entre os volumes ali existentes figuram obras de arte, literatura, história e música, provenientes das mais diversas partes do Mundo. França, Inglaterra, Itália e Alemanha forneceram o maior contingente. De Praga também chegaram algumas. Da União Soviética, idem. No entanto, a base da biblioteca é constituida pelo espólio literário-artístico deixado por Calouste Gulbenkian.

Na sua totalidade, as obras estão avaliadas em cerca de 20 mil contos.

António José dos Santos Machado, estudante de arquitectura (3.º ano), foi o segundo leitor da Biblioteca nos seus primeiros minutos de abertura ao público. Motivo por que ali se deslocou: consultar obras sobre a arquitectura cretense.

«Em Junho passado» — disse António Machado — *«apresentei na escola um trabalho sobre a arquitectura cretense». Insatisfeito com os conhecimentos adquiridos, quero aprofundá-los. Esta a razão por que vim até á biblioteca da Gulbenkian, que considero uma das melhores que conheço».*

Anexa á sala de leitura, com 43 lugares, existe a sala dos periódicos, onde o visitante poderá consultar todos os jornais, portugueses e estrangeiros.

Junto do Serviço da Biblioteca Geral funciona, também, o Serviço de Bibliografia Internacional Luso-Brasileira, criado há dez anos aquando do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, e que publica, trimestralmente, o «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira».

O tribunal absolveu uma empregada doméstica acusada de duplo infanticídio frustrado

No 4.º Juízo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva presidida pelo corregedor dr. Saudade e Silva, e ocupando a tribuna do Ministério Público o dr. Costa Saraiva, ajudante do Procurador da República, prestou contas á Justiça a empregada doméstica Deledina da Conceição Sá de 29 anos, solteira, natural da freguesia de Vila Verde, concelho de Mirandela, acusada de duplo infanticídio frustrado, praticado sucessivamente em 29 de Março de 1968 e 26 de Fevereiro deste ano. Segundo o processo, Deledina de Sá teria querido provocar a morte dos nascituros por omissão da devida assistência, depois de outros actos preparatórios. As crianças foram salvas a tempo por terem sido descobertas a gemer debaixo de um lavadouro. Estão ambas confiadas a um estabelecimento de caridade.

A ré apresentou-se no tribunal em lágrimas, lamentando a sua infelicidade por não possuir recursos para manter os filhos. Alegou tambem que não tivera intenção de os matar, limitando-se os actos preparatórios a uma tentativa de esconder á família a sua desonra. Depuseram várias testemunhas de acusação e três de defesa, que descreveram as dificuldades de vida da arguida.

Nos debates, o acusador público referiu-se ao caso de acordo com os elementos constantes do processo e pediu justiça. Por sua vez o dr. Mário Reis, patrono de Deledina de Sá, descreveu a vida das raparigas que chegam á capital, na maioria dos casos sem terem aqui familiares, e são seduzidas com promessas de casamento e por fim abandonadas pelos sedutores. Neste caso da sua constituinte sublinhou o dr. Mário Reis o facto de ela pretender esconder a honra manchada perante os familiares, o que a lei toma em consideração desde que se prove ser esta uma atenuante de importância capital. O orador acabou por pedir a sua absolvição, atendendo ainda a que as crianças estão vivas e bem tratadas.

O Colectivo deu os factos como provados, mas com elevadas circunstâncias atenuantes, em especial aquela invocada pelo dr. Mário Reis. Assim, a empregada doméstica foi absolvida, tendo ouvido do corregedor dr. Saudade e Silva uma lição de moral aconselhando-a a trilhar o bom caminho e ser uma mãe exemplar, para fazer esquecer o seu acto reprovável.

Prisão maior para um agressor com bisturi

No 2.º Juízo Criminal do mesmo tribunal, sob a presidência do corregedor dr. Lopes de Melo, respondeu José Vicente Leitão, de 31 anos, solteiro, servente dos Hospitais Civis de Lisboa, natural da Aldeia de João Pires, Penamacor, o qual, em 10 de Maio ultimo, naquele estabelecimento hospitalar e depois de uma acalorada discussão com Manuel Lopes da Veiga, de 60 anos, casado, capataz, agrediu este com um bisturi, perfurando-lhe o ventre, causando-lhe doença e impossibilidade para o trabalho durante três meses.

Discutida a causa e provado o crime (com agravantes), o réu foi condenado em dois anos e oito meses de prisão maior, 13 meses de multa a 20$00 por dia, 900$00 de Imposto de Justiça e 3000$00 de indemnização ao ofendido.

Crime grave

No 1.º Juízo Criminal, da Boa Hora, presidido pelo corregedor dr. Bernardino de Sousa, foi julgado António Maria Martins, de 21 anos, solteiro, estucador natural de Vila Pouca de Aguiar, acusado de ter praticado um crime grave. Foi condenado em dois anos e três meses de prisão maior, 2000$00 de Imposto de Justiça e 20 000$00 de indemnização à queixosa.

Vamo-nos actualizar neste período de contestação

—disse o cardeal-patriarca ao partir para o Sínodo Episcopal Extraordinário

Por via aérea, partiu, esta manhã, para Roma o cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que ali vai participar no Sínodo Episcopal Extraordinário.

No aeroporto, além de muitos eclesiásticos, apresentaram-lhe cumprimentos de despedida o arcebispo de Mitilene e os bispos de Madarsuma e Telepte.

Antes de embarcar com o seu secretário no avião destinado á capital da Itália, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira pronunciou as seguintes palavras:

— Todo o Mundo já sabe o motivo que me leva a Roma: participar no Sínodo Episcopal Extraordinário. Quem diz Sínodo diz isto: reunião de bispos a cooperar com o Papa. Que vamos fazer? Apenas isto: estudar o texto do Concílio e de todos os documentos do Magistério, da Tradução e da Escritura que fundam a nossa fé. Não se julgue que vamos trabalhar com intenção nem possibilidades de fazer coisa nova. A doutrina foi definida, ainda não há muito, pela Constituição da Igreja, aliás confirmada, ampliada e explicada no decurso do Vaticano II. Mais claramente, nós não vamos falar para o Mundo. O que vamos fazer é para o Papa, que deseja connosco ponderar os problemas de hoje. Vamo-nos actualizar neste período de contestação, em que parece já tão difícil saber onde está a verdade. Não é para o grande público da Imprensa que vamos trabalhar. É certo que hoje se insina e proclama na Igreja uma concessão democrática. A Igreja é um facto instaurado por Cristo. O poder vem directamente do Senhor, comunicado dos Apóstolos e hoje continuado pelo Papa.

A nova estação dos C. T. T., um moderno edifício que custou 1100 contos foi agora inaugurado na vetusta Vila do Porto, na ilha açoriana de Santa Maria. O nome desta vila vem do facto de ter sido na sua acolhedora baía que as caravelas de Gonçalo Velho Cabral se refugiaram quando a ilha foi descoberta

Sindicato dos Empregados da Marinha Mercante

Na sede do Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca, foram empossados os novos corpos gerentes, que ficaram assim constituídos: assembleia geral — Vasco Filgueiras Gomes da Silva, Adelino da Conceição Santos e Manuel Matos de Carvalho; direcção — Luís Inácio Rodrigues, António Centeio da Silva, Saturnino de Jesus Dias e Ernesto Gil de Oliveira.

Lido e assinado o auto de posse, usaram da palavra o presidente da assembleia geral, que saudou a nova direcção, fazendo votos por que a sua acção decorra em ambiente de colaboração e unidade; o sr. Inácio Rodrigues, que exerce há 30 anos as funções de presidente do Sindicato, e o sr. António Centeio da Silva, que fez um apelo à unidade da classe.

CONDENADO A 14 ANOS DE PRISÃO MAIOR POR TER MORTO A MULHER

BEJA, 9 — No Tribunal Judicial desta comarca terminou o julgamento do sr. José Eduardo Alves Leal de 44 anos, ajudante de enfermagem no Hospital da Misericórdia desta cidade. Era acusado de, em 12 de Abril ultimo, no quarto de cama da sua residência ter assassinado, com dois tiros de pistola, sua mulher, sra. Beatriz Conceição Pimenta, de 41 anos, com quem vinha tendo constantes desavenças, por ter fortes suspeitas do seu comportamento infiel.

Atendendo a várias circunstancias atenuantes, o tribunal, presidido pelo juiz-corregedor dr. António Poças, condenou o réu em 14 anos de prisão maior e ainda na multa de 300$00 por ter utilizado uma arma que não estava documentada. No mesmo processo, foi também julgado o sr. Armando Marques Ferreira Vidal, de 43 anos casado, comerciante. Era acusado de ter emprestado a arma ao principal réu e de não a ter legalizada.

Foi condenado em três meses de prisão, remivel a 20$00 por dia, e a três meses de multa também na importancia de 20$00 diários, ficando porém, a pena suspensa por dois anos.

Intervieram neste julgamento, que despertou grande interesse, os advogados drs. Celso Pinto de Almeida, representando a mãe da vítima; Melo Loureiro defensor do réu Leal, e Falcão de Betencourt, defensor do outro arguido.

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Americanos (endinheirados e reformados) num cruzeiro de luxo a 200 contos por cabeça

A manhã não estava soalheira, mas eles e eles saíam satisfeitos, exóticos, coloridos à conquista da cidade. Entretanto, o sol tentava romper e a temperatura estava agradável.

— *Yes, yes* — repetia «mr.» Smith qualquer coisa, já com a sua «camera» a postos, para a «mrs» Smith qualquer coisa também. Ela queria ver (e comprar) filigranas e pratas.

As srs.as e srs. Smith, Johnson, Clark, etc, todos lá dos *States*, dos dólares e doutras coisas mais ou menos agradáveis (eram tantos, tantos), iam saindo do paquete, e logo se encaminhavam para autocarros. Depois seguiam em passeios e excursões pela cidade, até aos Estoris, Cascais e Sintra, e, também, até Fátima e Batalha.

Tudo isto se passava, pelas 8 horas, no porto de Lisboa, e o paquete era o «Rotterdam», famoso transatlântico, da «Holland-America Line», representada entre nós pela empresa Carlos Gomes & Cia., o maior da Marinha Mercante holandesa e um dos mais vastos (e luxuosos) «cruise liners» do Mundo, com 38 645 toneladas.

Pois este paquete, que voltou, assim, mais uma vez ao Tejo, escalou o porto «alfacinha» em regime de cruzeiro, denominado «The Grand Mediterranean - North Africa Cruise», com 42 dias de duração, e que começou em Nova York no passado dia 2.

Sairá amanhã do Tejo, ás 13 horas.

Especialmente para este cruzeiro, o «Lido Deck», deste «palácio flutuante», foi transformado e á volta da magnífica piscina foram dispostas mesas e cadeiras, para que os excursionistas possam começar o dia com um poqueno-almoço ao ar livre.

A bordo vêm duas orquestras e um grupo de artistas que actuam exclusivamente para os componentes deste cruzeiro mantendo-os divertidos com os espectáculos que lhes dedicam.

Esta noite terão uma amostra do nosso folclore, pois vai actuar a bordo o Rancho Infantil de Santarém.

E quanto custa a «passeata»?

Cerca de 200 contos por cada pessoa.

E o que são os «passeantes»?

Gente de meia-idade (muitos deles reformados) e com dinheiro, com muito dinheiro. Jovens não há, pràticamente. Há juízes, proprietários médicos, industriais e comerciantes (incluindo o dono de uma agência funerária em grande). Tudo gente sem preocupações, na rota do sol. Por isso não vimos lá o «Fugitivo», nem o «Maneta» nem o chefe Ironside.

A SELECÇÃO DE FUTEBOL PARTIU PARA BUCARESTE

A selecção nacional de futebol — a da última esperança com vista à qualificação para o México — partiu esta manhã para Bucareste onde, domingo, defrontará o forte «team» da Roménia. Compromisso difícil, delicado. Que não é suficiente para fazer morrer o optimismo do seleccionador.

— *Os jogadores revelam forte moral e a maioria apareceu-me numa forma com que não contava. O adiantamento de preparação do Sporting e o esforço que o Benfica está agora a fazer foram benéficos á selecção* — confessou-nos o dr. José Maria Antunes.

Aliás a boa disposição era evidente entre todos os convocados — esperam dificuldades, mas acreditam numa possibilidade.

A comitiva era formada por dezassels futebolistas: Damas, Pedro Gomes, Alexandre Baptista, Humberto, Hilário, Toni, Gonçalves, José Maria, Nelson, Torres, Eusébio, Simões, Armando, Conceição, Caló e J. João; pelo seleccionador nacional, dr. José Maria Antunes; médico, dr. Silva Rocha; massagista Manuel Marques; treinador, Julio Cernadas Pereira (Juca); e pelo director da Federação, Silva Pereira. Seguiu, também, viagem o funcionário federativo Germano Óscar.

A chegada da equipa principal á capital da Roménia está prevista para as 19 e 45, uma vez que o avião faz escala em Roma, onde a comitiva irá permanecer das 14 e 30 até ás 15 e 45.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 /2%	—	—	632$
Centenários 4%	—	485$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.004$	004$	005$
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo 2.ª Série c.	—	830$	—
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série c.	—	830$	890$
Cautelas 3.ª Série	—	—	170$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	490$
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	890$
C P S /2% 67	—	1.010$	—
C U F 6%	—	1.010$	—
C U F 6% 68	1.000$	995$	1.000$
Gás Elect 4% 48	820$	820$	830$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	880$	890$
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	890$
Gás Elect 5% 59	—	—	890$
Gás Elect 5% 62	—	920$	940$
Gás Elect 5% 63	—	906$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 6% 67	—	1.010$	—
H E A Alentejo 5%	—	—	820$
H E Cávado 5%	—	—	830$
H E Cávado 6%	—	1.000$	005$
H E Douro 5%	—	810$	820$
H E Douro 6%	1.003$	1.001$	004$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	995$	000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1.010$	—
Metropolitano 4%	890$	—	895$
Metropolitano 5 3/4%	1.005$	1.003$	1.007$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	830$	840$
Nitratos 5%	815$	810$	820$
Nitratos 5% 60	—	810$	815$
Petroquímica 5%	—	—	860$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	970$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	850$	—
T A P 4%	—	—	960$
Termoelect Port 5%	—	800$	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	86$
U E P 4 /2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	825$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.560$	1.560$	1.565$
Alentejo	895$	890$	895$
Angola	3.170$	3.160$	3.170$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	3.580$	3.570$	3.600$
E Santo	—	—	19.500$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	—	7.100$	7.200$
L. & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	6.550$	6.548$	6.550$
Portugal n	—	—	3.300$
Portugal p	—	4.000$	4.350$
Totta Aliança	6.350$	6.300$	6.400$
Ultramarino n.	2.810$	2.800$	2.820$
Ultramarino p.	3.150$	3.150$	3.170$
Seguros			
Alentejo	—	74$	75$
Douro	—	—	—
Mundial	600$	598$	600$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	47.500$	60.000$
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	850$	850$	855$
Ag Cassequel	848$	845$	850$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag. S Tomé e Príncipe	—	300$	—
Boror	205$	205$	250$
Buzi	85$	85$	86$
Cabinda	—	216$	225$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.100$	2.100$	2.120$
H E Revue	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	175$	176$	180$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	385$	382$	389$
Zambézia	88$5	88$5	89$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7.600$	7.700$
Cim Leiria	—	4.000$	4.050$
Cim Tejo	—	6.000$	6.700$
Col Navegação	1.575$	1.570$	1.580$
C U F	1.450$	1.430$	1.470$
Ind Aliança	—	—	650$
Nac Navegação	—	3.700$	—
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	1.500$	1.480$	1.495$
Port Celulose	—	4.550$	4.650$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	768$	766$	770$
Sacor	4.800$	—	4 850$
Siderurgia Nac	1.700$	1 690$	1.710$
Sonae	2.950$	2.930$	2.950$
Tabacos de Portugal	1.530$	1.530$	1.540$
Tabaqueira	—	—	8.700$
U F Azoto	864$	860$	865$
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	425$
Aguas Lisboa 34	—	425$	430$
Aguas Lisboa 36	—	390$	400$
Eléct Beiras	—	—	1.750$
Gás Electr	427$	426$5	428$
H E Alto Alentejo	161$5	161$5	162$
H E Cávado	1.255$	1.250$	1.257$
H E Douro	1.245$	1.243$	1.245$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.290$	1.285$	300$
Nac Electricidade	1.260$	1.260$	1.265$
Termoeléctr Port.	1.240$	1.240$	1.245$
U E P	195$	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	193$3	199$1
F I D E S.	—	120$	123$6

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 :100)

	2/10/69	8/10/69	9/10/69
GERAL	139,8	141,6	**141,8**
METRÓPOL	134,9	136,2	**136,4**
ULTRAM.	175,4	181,6	**181,5**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$45	7$80
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$52	$56
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 9 — (A. N. I. e L.) — Vítima de desastre, morreu na Guiné o soldado José Francisco Gale Casadinho, natural de S. Matias, Beja, filho de António Francisco Casadinho e de Luísa Rosa Gale, e casado com Eugénia Rosa Horta. Por doença faleceu o primeiro-cabo do recrutamento da província, Paulo Incuté, natural de Mansoa, filho de Incuté Imbolé e Quesete Manca.

★

LUANDA, 9 (A. N. I. e L.) — Morreram em Angola, vítimas de desastres, o furriel miliciano António Protázio Ferreira, natural de Lisboa, filho de Manuel Fernandes Ferreira e de Maria Emília Protázio Ferreira; o primeiro-cabo Albino Moreira Duarte de Sá, Castelo Branco, filho de José Abrantes e de Maria Moreira, e os soldados Albino Simão, natural de Troviscainho, concelho de Sertã, filho de Manuel Alves e de Guilhermina da Conceição, e Adelino Andrade Cantarinho, natural de Fungosinho, Gouveia, filho de Manuel Esteves Cantarinho e de Celeste Andrade.

★

LOURENÇO MARQUES, 9 — (A. N. I. e L.) — Faleceu em Moçambique, vítima de doença, o soldado do recrutamento da província Tecas Dando.

O embaixador da Áustria em visita à região do Douro

PORTO, 9

Em visita de estudo, veio à região do Douro o sr. dr. Herman Gohn embaixador da Áustria no nosso País, acompanhado pelo sr. dr. Karl Max Walzel, delegado comercial e director do Turismo na Embaixada.

Na companhia do sr. eng. João de Brito e Cunha, director do Instituto do Vinho do Porto, visitaram diversas quintas da região duriense, onde assistiram aos trabalhos das vindimas.

Observaram, depois, o funcionamento da Adega Cooperativa da Régua e tomaram conhecimento da organização da Casa do Douro, onde foram recebidos pelo respectivo presidente, sr. eng. Orlando Gonçalves, que os obsequiou com um almoço.

Antes do regresso a Lisboa o embaixador e o delegado comercial visitaram, ainda, a cidade de Lamego.

«DIÁRIO DE LISBOA»

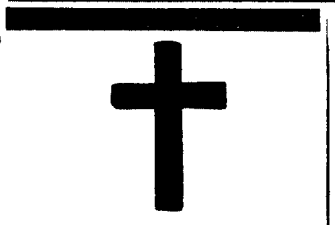
Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Diário de Notícias», de New Bedford (E. U.); «Correio Português», de Paris; «Comércio do Funchal», «Diário dos Açores», de Ponta Delgada; «A Província de Angola», de Luanda; «Jornal do Fundão», «Democracia do Sul», de Évora; «Notícias de Guimarães», «Comércio da Póvoa de Varzim», «A Voz de Loulé», «Gazeta do Sul», do Montijo; «O Ilhavense», de Ilhavo; «O Sesimbrense», de Sesimbra; «Notícias da Amadora» e «Ecos de Belém», de Lisboa.

BATALHÃO DE CAÇADORES 158

A semelhança do que já foi realizado anteriormente, para manter a memória de uma convenièncía experimentada em duras condições, vão os componentes do Batalhão 158, um dos primeiros a partir para Angola no ano de 1961 reunir-se num almoço de confraternização, no próximo dia 2 de Novembro depois de assistirem a uma missa pelos seus companheiros mortos em combate. O Batalhão 158 que chegou á província de Angola em 1961, participou nas operações de recuperação dos territórios afectados pelos acontecimentos desencadeados naquele ano, tendo contribuído activamente, em Zala, Nambuangongo e Colonato do Vale do Loge, para uma organização profunda dos meios de pacificação. Regressado a Lisboa em 1963, comemoram agora, de novo, os seus componentes o momento do regresso e reconstituem as amizades e a convivência que nunca mais se perderam.

A missa decorrerá na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco no Campo Grande, ás 10 e 15. O almoço efectuar-se-á no Restaurante «Grande Churrasqueira do Campo Grande».

As informações e inscrições deverão ser feitas na Rua Fernandes da Fonseca, 12, 3.º Dto. em Lisboa ou pelo telefone 872977, até ao dia 27 de Outubro.

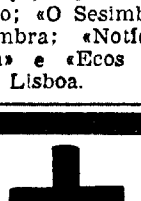


MARIA CARLOTA
BERNARDES COSTA
FALECEU

CODIAL — SOC. COM. DISTRIBUIDORA DE SAL, LDA. — Participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento da esposa do seu sócio sr. João da Costa, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

[redacted]



MARIA CARLOTA
BERNARDES COSTA
FALECEU

APERITIVOS E REFEIÇÕES MILHAFRE, LDA., participa a todos os seus fornecedores, clientes e amigos o falecimento da esposa do seu sócio, Sr. João da Costa, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo, no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

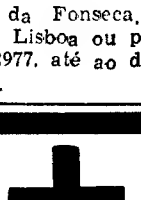
[redacted]

MARIA CARLOTA
BERNARDES COSTA
FALECEU

REFINARIA PORTUGUESA DE AÇÚCARES, LDA. — Participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento da esposa do seu sócio, Sr. João da Costa, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo, no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

[redacted]



MARIA CARLOTA
BERNARDES COSTA
FALECEU

PASTELARIA SÃO JOÃO, LDA. — Participa a todos os seus fornecedores, clientes e amigos o falecimento da esposa do seu sócio Sr. João da Costa e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São João de Brito para jazigo no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO

[redacted]

«DO CABO DA ROCA AO CABO NÔRTE» (8)

NA NORUEGA —TERRA DE PAISAGENS

Parte-se de Honnigsväg para três horas de viagem por barco, a ocupar o tempo da melhor forma possível entre duas fugidas ao bar onde há umas sanduíches muito agradáveis, mas também muito caras.

Três horas, quase quatro, são, porém, tempo de sobra para falar amenamente com uma inglesa e uma norueguesa que já na véspera tinham sido nossas companheiras. Falar de tudo e de nada, o «talk about this and that» que os ingleses prezam acima de de tudo, aconchegados nos cobertores do convés e a beber uma chávena de chá quente e íntimo. Há por isso tempo para discutir as eleições norueguesas (que foram a 9 de Setembro) e falar das portuguesas, criticar o sr. Wilson e a sua política, discutir o militarismo e as suas implicações, ou simplesmente envolvermo-nos numa disputa acesa porque me ocorreu manifestar o meu desagrado por uma música que os altifalantes difundiam.

O carro derrapou, saiu da estrada e foi parar junto do riacho, felizmente sem consequências de maior para a sua estrutura e a integridade física dos ocupantes. Só dali foi tirado por um pronto-socorro com guincho

Depois, chegados de volta a Russenes, «time to say bye-bye» e entrar no carro já reposto sobre o cais, porque já nos atrasámos o suficiente para podermos estar com cantigas. Como se o atraso fosse pequeno ou não nos bastassem já as asperidades da viagem, a 2000 quilómetros de Oslo, incontestada capital do reino da Noruega, á saída duma cidadezinha irritante (que ainda o passou a ser mais depois) o carro precipita-se bruscamente para fora da estrada, dá duas voltas no ar e aquieta-se finalmente, satisfeito consigo próprio, nas margens dum riacho que corre junto da ribanceira, indiferente aos esforços simiescos que cada um de nós tem de fazer para sair da crítica posição em que a pouca sorte (ou a azelhice...) do condutor nos colocou.

O pior, aquilo que verdadeiramente nos dói, é ver como, quase duas horas depois do acidente, sem que nenhum carro da polícia se tenha acercado de nós (mas por alguma coisa já há muito passámos a fronteira da Suécia), os hábeis socorristas noruegueses se ocupam da tarefa de erguer para a estrada a «relíquia» a que quase temos mais amor que á nossa própria pele. Só ao cabo de muitos esforços veremos o «Mercury» galgar a distância que o separa da estrada não sem que algumas cordas se tenham partido e uma camioneta de carga tenha intervindo na manobra.

Amachucado, semi-empenado (pelo menos por fora), a escorrer lama e terra por todos os lados, o bólide retomará a sua caminhada com o motor a funcionar ás mil maravilhas e sem que as consequências do acidente tenham ido além de uma nova machadada vibrada na bolsa comum que sustenta semelhantes devaneios. Curiosamente, também, saberemos que no mesmo dia, e no espaço de pouco mais de vinte quilómetros, outros dois carros estrangeiros se despistaram, sendo um alemão e o outro francês. Em plena E 6 (número da estrada que liga Russenes a Oslo) desconfiamos que o acidente se tenha devido mais á incrível (falta de) qualidade das estradas que a qualquer outro factor de ordem diversa.

As vias de incomunicação

Imagine-se um terreno lavrado de fresco, onde ainda por cima choveu copiosamente durante mais de meio dia, com calhaus e pedra á mistura e buracos, muitos buracos de todos os tamanhos e feitios para que o turista (que nesta circunstância é sempre apanhado desprevenido) possa escolher aquele em que se quer afundar. «Isto» é a tal E 6, estrada europeia, que corre toda a Escandinávia, mas que particularmente má — em rigor, nem se devia dizer particularmente, porque os milhares de quilómetros da E 6 que atravesam a Suécia são inteiramente preenchidos por auto-estrada.

Evidentemente que não pediamos semelhante luxo em regiões tão ao Norte.

Na realidade, com neve e gelo durante cinco meses do ano é difícil a conservação de qualquer estrada. Mas surpreende, de facto, que em vez de se arranjar de uma só vez (pelo menos, alcatroando-a!) a estrada, se prefira o remendo que vem a sair muito mais dispendioso, com a desvantagem de não satisfazer ninguém. Camionetas, tractores especiais, carrinhas levam toda a manhã a espalhar terra sobre a via, o que, claro está, acaba por tornar o terreno ainda mais resvaladiço. E ocorre-nos que esta pecha dos remendos deve ser internacional, ou, pelo menos, decidida em qualquer congresso de que não nos apercebemos.

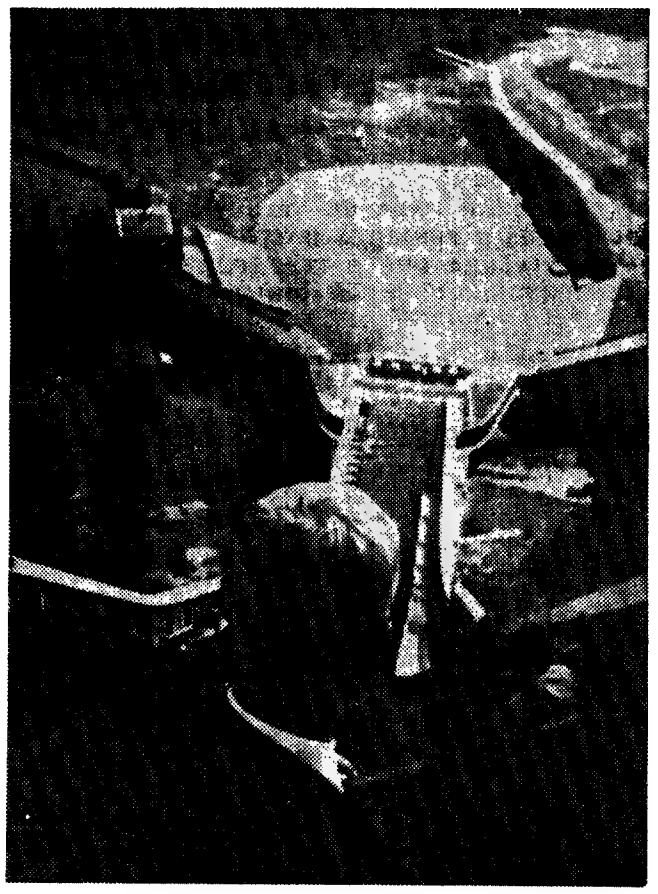
Vias de incomunicação, disse eu atrás, ao referir-me a esta espantosa E 6. Reforço a minha afirmação se vos contar como tem de se pagar quatro vezes o «ferry-boat» que nos transporta de um «fjord» para outro, cada vez que a mão do Governo de Oslo não se deu ao encargo (ou á despesa) de construir ligação por terra. Acontece assim que o próprio «ferry» é considerado um troço da estrada e mal se entra, logo se avista o letreiro verde, indicativo do trajecto.

Mais tarde, em casa de noruegueses e a propósito do custo em que importa uma tal viagem, desenvolveu-se um raciocínio que a mim me parece extremamente lógico, embora esteja inquinado de evidentes vícios. Dizia eu que se a estrada ainda não está construída isso não é culpa de ninguém (a não ser do próprio Estado) e que como tal não se compreende que empresas particulares explorem lucrativamente uma falha no sector de comunicações. Evidentemente que o que eu não disse é que sou, por princípio, contrário á existência de empresas privadas...

Lar, doce lar em plena Escandinávia

Correr os perigos destas estradas ou dos inesperados acidentes, suportar o frio e a chuva, dormir aconchegado contra mais cinco indivíduos (porque resolvemos dar uma boleia a um inglês), acordar estremunhado, quando o Sol já vai alto, altíssimo para nós que quase não pregámos olho durante toda a noite, e continuar entretanto com aquela recionalíssima e hiperfrugal refeição que as posses nos permitem, é um suplício grave que põe á prova a capacidade física (nervos incluídos) do indivíduo. Claro que entre nós dir-se-ia (e dir-se-á quando estas linhas forem lidas) que quem corre por gosto não cansa. Certo, certíssimo, mas a verdade é que, se não «corrêssemos», nunca teríamos saído de Lisboa...

Seja como for, os noruegueses, que pelas amostras que tivemos devem ser dos povos mais hospitaleiros do mundo, entendem que viajar assim, nas condições em que o fazemos, não é um simples desporto mas que muito grande deve ser a vontade de aprender para se suportarem tantas contrariedades. O que quer dizer que, na Noruega, encontrámos quem tivesse compreendido o que pretendíamos com esta aventura automobilístico-geográfica. E se pensam assim, resolvem pôr em prática a sua incrível vontade de bem-receber, proporcionando-nos tudo o que esteja dentro das suas possibilidades: jantar, dormida, almoço, três sacos de comida para a viagem e convites para cada um de nós ir passar férias na Noruega, na montanha ou na cidade, conforme as preferências de cada um!



O maior trampolim de saltos na neve, na Europa, está situado nas proximidades de Oslo. Os noruegueses são dos melhores do Mundo neste perigoso desporto

Para obter semelhantes resultados, uma simples receita: conhecer uma simpática norueguesa algures na Alemanha, reencontrá-la depois no barco que faz a ligação entre a Alemanha e a Dinamarca, dar-lhe uma boleia até Copenhaga e descobrir com ela as maravilhas do Tivoli, o parque de diversões da capital dinamarquesa. E acima de tudo, ficar com a morada, que ela própria vos dará, num gesto de simpatia e de franqueza, a que o candidato a veraneante português não está, óbviamente (e infelizmente também) habituado.

Daí que perdoemos ao Governo de Oslo o estado das estradas, daí que perdoemos o dinheiro que temos de gastar nos «ferries», daí que nos esqueçamos da falta de assistência na estrada ou ainda das 10 coroas que, sem saber ler nem escrever (ou talvez por sabermos inglês bem de mais) tivemos de pagar, em plena estrada. Daí que nos esqueçamos disto tudo, para só nos lembrarmos da Noruega (do Norte da Noruega) como terra de paisagens, onde a imponência austera dos «fjord» coexistem com a extensão dos prados e a simpatia coexiste com a amabilidade.

Para não dizermos que aqui, a hospitalidade é fruto de uma total igualdade, ou, se quiserem, de uma liberdade plenamente vivida.

ANTÓNIO M. FERREIRA

BIAFRA: Nas vésperas da negociação

(Continuação da 9.ª página)

Em 10 de Setembro do ano corrente, o general Gowon, no regresso de Adis Abeba, onde tomou parte na reunião da Organização dos Estados Americanos, propôs a reunião «imediata» de uma conferência de paz e pediu que Biafra enviasse uma delegação munida de «plenos poderes». Tendo-lhe um jornalista presente perguntado se aceitaria negociar com Biafra sem que os separatistas renunciem préviamente á secessão, Gowon respondeu: «Que compareçam e que ponham as cartas na mesa».

Dois dias depois, um porta-voz de Biafra declarou que o seu Governo estava também disposto a negociar. Pediu a Lagos que indicasse um país amigo a fim de colaborar no encontro «em lugar e data adequados»; Biafra estava pronta a indicar um outro Estado que actuasse em seu nome. O porta-voz qualificou a oferta de negociações sem condições como um progresso e acrescentou que «isto é o que Biafra tem desde sempre advogado».

Recorde-se que foi a firme e intransigente posição nigeriana — que até 10 de Setembro tinha sempre exigido que os biafranses renunciassem ao projecto separatista antes de se sentarem á mesa das negociações —, que fez gorar as sucessivas tentativas de mediação: no seio da Commonwealth; no seio da O. U. A., por iniciativa dos países africanos que reconhecem Biafra, por iniciativa de Paulo VI. Perante as dificuldades da guerra e o seu impasse, a Nigéria aceita agora a negociação política.

Nesse empreendimento mais não faz aliás do que secundar a sua protectora Grã-Bretanha. Desde o início da guerra, o Governo de Wilson tem apoiado activamente — no plano político e no plano militar — o regime de Lagos. O equilíbrio africano é precário, as esferas de influência dos «grandes» no Terceiro Mundo estão por definir, ás grandes potências mais não resta do que procurar manter o *status quo*. E' por isso que as guerras civis que dividem alguns países africanos — da Nigéria, ao Tchade, ao Sudão — incomodam os supergrandes, que, apoiando os vários Governos centrais contra as várias rebeliões, as procuram manter esquecidas e caladas.

Entre a ameaça de uma guerra prolongada e de fim duvidoso, que apenas poderá contribuir para uma radicalização política das posições biafrenses, e uma negociação em que a Inglaterra, ex-potência colonial, ex-Mãe-Pátria, estará presente com a sua sombra tutelar e os seus trunfos, os «grandes» parecem começar a optar por esta ultima solução.

Assinale-se, por outro lado, que um conflito que de início mais não parecia do que um pretexto para a morte pela fome e pelas armas, adquire, paulatinamente, perigosas incidências. O apoio político dispensado aos rebeldes por certos Estados interessados, por motivos muito diversos mas por vezes coincidentes, numa luta contra o poder dos «supergrandes» e dos seus vassalos (tal como a França e a China...) torna urgente uma regularização da situação.

Tudo isto explica os esforços desenvolvidos pela Grã-Bretanha, desde Julho passado, no sentido de através do dr. Azikiwé, um ibo que foi presidente da República Federal antes da secessão, se conseguir chegar a uma fórmula de compromisso. E' provável que a proposta de negociações sem condições apresentada por Gowon seja o reflexo nigeriano dessa «fórmula de compromisso» desejada pela Grã-Bretanha.

FORTALEÇA O SEU FUTURO E O DOS SEUS FILHOS MULTIPLICANDO O SEU CAPITAL

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA

«A FIRMA DO PRESENTE QUE FIRMA O SEU FUTURO» RESOLVE O SEU PROBLEMA

CONSULTE-NOS IMEDIATAMENTE, POIS TEMOS NOS MELHORES LOCAIS:

— LOTES APROVADOS PARA VIVENDAS, EM LOCAL ARBORIZADO, SITUAÇÃO PRIVILEGIADA; ARES MAGNIFICOS E EXCEPCIONAL CONCEPÇÃO URBANISTICA QUE LHE PERMITE CONSTRUIR A SUA CASA AFASTADO DO BULICIO E RUIDOS INCOMODATIVOS.

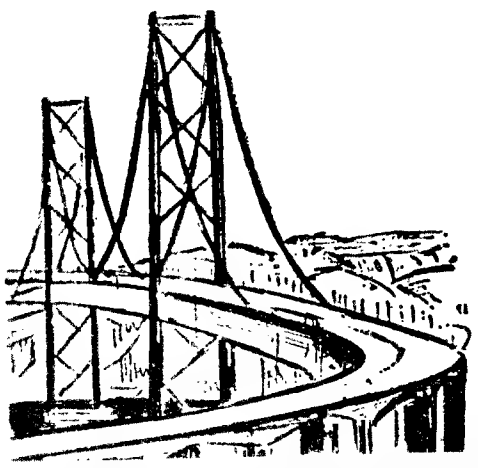
— LOTES APROVADOS PARA PREDIOS DE RENDIMENTO A 7 KM DE CACILHAS, NO MELHOR E MAIS MODERNO ESTILO ARQUITECTONICO, COM TODOS OS REQUISITOS DUMA GRANDE URBANIZACÃO

— «QUINTINHAS DE RECREIO» REPLETAS DE PINHAL A 13 KM DE CACILHAS, OU JUNTO AO MAR E PRAIA COM VISTAS DESLUMBRANTES.

— TERRENOS APROVADOS PARA QUALQUER INDUSTRIA, JUNTO A ESTRADA NACIONAL 10, A 20 KM DE LISBOA.

— PRÉDIOS DE RENDIMENTO, VIVENDAS E ANDARES, CONSTRUÇAO SÓLIDA E PERFEITA COM ACABAMENTOS IMPECÁVEIS.

PREÇOS EXCEPCIONAIS — FACILIDADES DE PAGAMENTO VERDADEIRAMENTE INIGUALÁVEIS:



50 % DE ENTRADA INICIAL — O RESTANTE DIVIDIDO EM PRESTAÇÕES MENSAIS QUE VÃO ATÉ SESSENTA MESES, SEM AUMENTOS NEM ENCARGOS BANCÁRIOS

BASTA TELEFONAR PARA OS TELEFONES 274966, 274305, 271958 NOS DIAS ÚTEIS OU PARA O 221085 NOS DOMINGOS E FERIADOS E TERA A SUA DISPOSIÇAO SEM QUALQUER COMPROMISSO UMA CONFORTAVEL VIATURA QUE O TRANSPORTARA NUMA VISITA AGRADAVEL A ESTES MAGNIFICOS EMPREENDIMENTOS: OU ENTÃO DIRIJA-SE AOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:

NA ESTRADA NACIONAL 10, N.º 6-1.º COVA DA PIEDADE

SE O SEU CONTADOR NÃO SUPORTA O EMPREGO DA APARELHAGEM ELÉCTRICA QUE DESEJA PARA MODERNIZAR A SUA CASA, SUBSTITUA-O PELO

CONTADOR "C"

Símbolo do Conforto

COM ELE PODERÁ GOZAR DO BEM-ESTAR QUE SÓ A ELECTRICIDADE PODE PROPORCIONAR.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara,

19, 2.º, Esq.º — Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. M Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª, 5.ª e sáb.ª — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

«Conheça a Curia»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

TINTA PARA INTERIORES?

NÃO! **Stormur**

O REVESTIMENTO DE PAREDES AO PREÇO DE UMA PINTURA NORMAL

Lavável, resistente e decorativo

APLICAÇÃO POR PESSOAL ESPECIALIZADO

Orçamentos grátis

DESCONTOS ESPECIAIS PARA A REVENDA

CONSULTE: **macorex**

RUA MARIA ANDADE, 60-D (aos Anjos)

Tel. P. P. C. 837980-838548 LISBOA-1

RENAULT

Garagem Santa Luzia

SERVIÇO OFICIAL RENAULT

RUA D. ESTEFANIA, 109-111

Comunicamos aos n/ Il.mos Clientes e Amigos, que a partir do dia 11, inclusive, as nossas actividades em geral, cessam aos Sábados e Domingos, estando portanto a nossa casa fechada.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

Uma garota endiabrada

Cerca das 19 e 45 é exibido um filme da série juvenil «Uma garota endiabrada», que logo no seu primeiro episódio conquistou enorme falange do público espectador a quem é dirigido.

No filme deste fim de tarde, Pippi vai com os seus amigos fazer compras. Primeiro entram numa perfumaria, a seguir numa loja de fazendas e não se esquecem de passar pela loja de bombons...

«O Jogo da Vida»:

O PROTECTOR

«The Name of the Game» é o título original da série detectivesca agora no mercado europeu. Intitulada em português «O Jogo da Vida», dela é hoje exibido, pelas 22 e 5, o 2.° episódio, intitulado «O Protector», com Robert Young, Ann Baxter e Ralphe Meeker. Realização de Richard Erving.

«O Protector» é um rico fazendeiro com uma dupla personalidade, e que se transforma num perigoso assassino para defender os seus loucos ideais...».

Vamos jogar no Totobola

Avizinha-se mais uma jornada dificílima para os totobolistas do próximo concurso. Lá estará Artur Agostinho, com a sua ajuda para o preenchimento dos boletins.

Logo, pelas 20 e 10, aparece, pois, o programa «Vamos jogar no Totobola», que oferecerá uma «chave» baseada nos dados que, criteriosamente, o apresentador vai colher ás suas bem informadas fontes.

CONVERGENCIA

Realizado por Luís Miranda, aparece nos *écrans*, cerca das 20 e 55, o programa literário «Convergência» produzido por Eduino de Jesus.

O programa inclui a rubrica «A Literatura e o Grande Público», com João Gaspar Simões; «Antologia», de Emiliano da Costa; «Rosa dos Ventos», em que se falará de G. Bernanos, Iris Murdoch, Gilberto Freyre, etc. Haverá, ainda, «Crónica», por Fernanda Botelho.

2.° PROGRAMA

«TV Clube» e o «Maioral»

A emissão do 2.° Programa inicia-se com a repetição de um «TV Clube» com António Mourão e termina com mais um episódio da série do Oeste. Trata-se de «O Maioral», com Lee Cobb e James Drury.

«Neste filme, Trampas, devido a um acidente, vai parar á cidade de Eagle Rock, que os bandidos querem dominar, para lá instalarem fogo. Porém, a população reage e a calma volta a reinar na cidade».

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: Totobola; 20 e 25: Portugal de hoje; 20 e 55: Convergência, 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Série de Aventuras; 23 e 35: Marcha do Mundo; e Fecho

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: TV Clube; 22 e 25: Série do Oeste; 23 e 35: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **1.° Programa** — Às 19: Curso de Actualização de Professores; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos animados; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Parada da Industria; 20 e 55: «Cos... com uma feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22: TV Clube, com Paula Ribas; 22 e 30: Série policial — Departamento «S»; 23 e 25: Ma... do Mundo, Meditação e Fecho

2.° Programa — As 2... e 30: Telejornal; 22: «Z p Z ...

TUDOR
pilhas para transistores

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Chiado até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro, 18 e 40: Musica e sonho; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica Só Musica, 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Resumo do Programa — Solistas ligeiros; 20 e 40: 8.° Episódio do Folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: O pianista Claude Bolling; 21 e 40: Variedades realizadas na Base Aérea de Monte Real; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: O saxofonista Budd Freeman; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: A ópera em três actos «Fedora» (Giordano); 18: Musica do Século XX—Obras de compositores alemães; 19: Crítica Literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore Português — Musica regional da Beira Baixa, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Musica de piano — Obras de Beethoven e Brahms; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental — Trechos do bailado «Sylvia» (Delibes) — Orquestra dos Concertos Lamoureaux, dirigida por Jean Fournet; 20 e 30: Te Deum (Bruckner) — solistas, Coro da Ópera de Berlim e Orquestra Filarmónica de Berlim dirigida por Eugen Jochum; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara, dirigida por Silva Pereira—Obras de Bach; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Kreisleriana (Schumann) — piano: Wilhelm Kempff; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 5: Fecho.

2.° Programa — MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Os pianistas Alfred Brendel e Walter Klein na execução de danças eslavas opus 72 (Dvorak); 23 e 30: Intercâmbio Musica. — Festival de Viena de 1969 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Austraca; 0 e 10: Musica Sinfónica; 1: Fecho

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Recital; 19 e 30: Noticiário, 19 e 45: Fechonesto; 22 e 03. O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã, 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musica da América Latina; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Focos na noite; 21 e 45: Pianistas famosos; 22: Quando o telefone Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Museleccionada; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; Entre os 20 e os 21: Hoje convidámos...; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas, 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois, 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbiaiac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia-a-dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ermelinda...

canal da crítica

ESTÁ BEM, ESTÁ BEM, MAS MUDE-SE O NOME

A segunda edição do programa infantil variou do primeiro apenas por se constituir de uma fita de animação inglesa. Nestas duas primeiras exibições a fitinha não levanta objecções graves de fundamento depagógico. Acresce que o seu processo de narração é extremamente simples, de tal modo que a intervenção da voz «off» pràticamente se dispensava.

Não que se dispensasse, deixem-me explicar melhor. Não que devesse dispensar, o processo de actuação é que deveria ser diferente. A voz deveria ter não apenas uma função explicativa, mas a de aumentar o caudal artístico do qual deveria tornar-se mais um elemento valorizador. Entende-se melhor onde pretendo chegar se nos lembramos do Gérard Philip a contar a história do «Pedrinho e o Lobo.»

Claro, podia-se recorrer á teatralização, mas a experiência do «carrossel mágico» deverá ter desencorajado a responsável do programa, sendo porém certo que todos conhecemos as condições defeituosas das carrosselices e estas, sim, mandava a experiência evitar.

O andamento da fita é suficientemente lento para permitir a adesão, o entendimento, o prazer de saborear do público infantil.

Já agora que se aportuguesaram tantos nomes das personagens, havia a máxima conveniência e urgência em inventar-se outro nome para a fita. O que existe agora é de pronúncia muito desagradável. Estes pormenores não são de «lana caprina». Não o são, nas relações com os adultos. Muito menos nas relações com as crianças

PRIMEIRO JOGO DA ÉPOCA NA TELEVISÃO

A época do telefute principiou ontem. As imagens vieram de Milão. Os clubes pertenciam á Itália e a Argentina. Disputava-se a taça intercontinental. O campo tem, a toda a volta, uma vedação de arame que substitui o formidável apara'o policial de outros países.

Como propaganda de futebol, a emissão deixou muito a

(Continua na página seguinte)

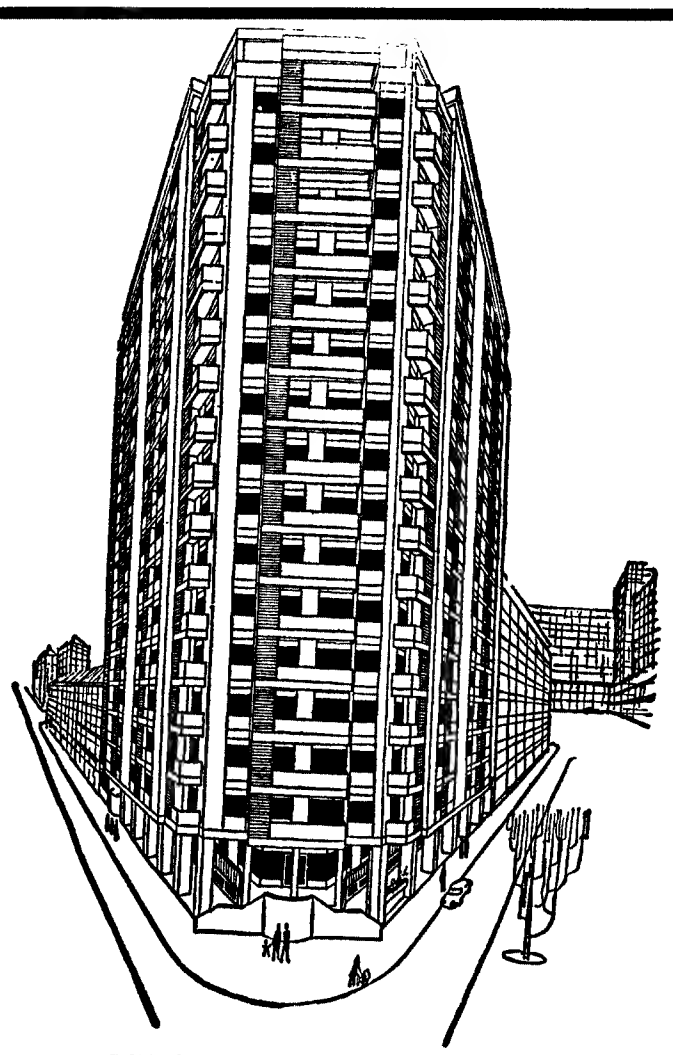
Mediterranean — Canada Westbound Freight Conference

Os Armadores abaixo indicados, membros desta conferência:

AMERICAN EXPORT ISBRANDTSEN LINES INC.
CAPO LINE
CONCORDIA LINE
FABRE LINE
MONTSHIP LINES LIMITED
NIAGARA LINE
YUGOSLAV GREAT LAKES LINE
ZIM ISRAEL NAVIGATION CO. LTD.

chamam a atenção dos Snrs. Carregadores que, de harmonia com os termos dos contratos firmados com esta Conferência, só deverão embarcar as suas cargas por navios destas linhas.

RÁDIOS JAPONESES
PARA REVENDA
e gira-discos, gravadores stereo, discos, novidades, etc., de marcas conhecidas mundialmente.
Têm já assistência no país.
VENDEMOS SÓ A PRONTO PAGAMENTO
Resposta a este jornal ao n.° 242



Edifício Oeiras - Reboleira - Amadora

Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa. Comportará cerca de 200 fogos

compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10%, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

MORADIAS

Encontra V. Ex.ª em Paço de Arcos moradias de luxo prontas a habitar.
Em Cascais moradias tipo turístico e em degrau.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, electrodomésticos, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. PIMENTA, na Amadora, na Av. Santos Matos e em Queluz na Rua D. Maria I n.º 30, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

3.000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa ● **Apartamentos em exposição em Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)**

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22 **REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70**

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pag. anterior)

desejar. A violência, as más intenções, as faltas sucessivas, inquinaram o jogo. Quando se vê isto sem paixões é que se compreende bem a malformação do futebol competitivo - lucrativo. Não sei porquê mas até hoje não conseguimos nunca ver uma unica falta maldosa do Benfica. Para nós, o Benfica é a pureza em pessoa.

Atingiu alto nível a transmissão, para a qual os italianos não fizeram a mínima poupança. Recordemos a repetição dos lances do jogo a partir da imobilização dos jogadores exactamente para anunciar a repetição. Recordemos que as repetições se fizeram sempre de ângulos diferentes.

Ontem, as confusões provieram da utilização do numero elevado de câmaras. É sabido que uma boa realização não depende necessàriamente do numero de câmaras, quando estas se orientam para um campo restrito de acção. O que, em ultima análise, determina as boas realizações é a sábia colocação das câmaras.

Na transmissão do jogo de Milão, recordem-se da seguinte fase: há um «canto» contra o Estudiantes; a câmara colocada do lado direito do guarda-redes argentino, mostra de costas o jogador italiano que vai apontar o castigo. Mutação brusca: a câmara colocada nas bancadas do outro lado mostra-o a aproximar-se do canto, mostra-o de frente para o telespectador. A desorientação é inevitável, o entendimento do jogo nada ganhou com o excesso de câmaras.

O mesmo sucedeu, há tempos, com a transmissão de um desafio de ténis. Aqui não foi aproveitada a lição inglesa que, com uma câmara só, fazia todo o serviço com uma *limpeza* excepcional.

Bom. Vem agora a fita do Ironside que não será das piores, não senhora. Um certo engenho, uma certa imaginação. As habituais americanices de lógica? Bem, bem, os americanos não se curam de uma fita para a outra.

MÁRIO CASTRIM

«A ÁRVORE» JÁ FUNCIONA

Abriu as suas portas, no passado dia 1, o externato infantil e primário «A Árvore», na Travessa do Oleiro, 11, 2.º, em Lisboa, com as suas secções infantil em coeducação e primária feminina.

«A Árvore», onde se pratica uma pedagogia moderna, com actividades artísticas, teatro infantil, visitas de estudo, iniciação ás ciências, matemática moderna, inglês diário, iniciação musical, ginástica e jogos de jardins, promove ainda reuniões de pais, para os informar do ensino actualizado que ali se ministra.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

Almerindo Jaime Correia de Oliveira Barros

FALECEU

Sua mulher, pai, irmãos, cunhados e sobrinhos, participam com o mais profundo desgosto a todas as pessoas das suas relações e amizade o triste desenlace ocorrido no passado dia 9 de Setembro, em Lisboa, não se tendo feito participação nem convites para o funeral por expressa determinação do seu muito querido extinto.

Dalila da Silva Braga Barros
João Jaime de Oliveira Barros
Maria do Rosário Correia de Oliveira Barros Santos
Dr.ª Lucinda Correia de Oliveira Barros Monteiro
Maria do Céu Ferreira Mergulhão de Oliveira Barros Carvalho
Afonso José Ferreira Mergulhão de Oliveira Barros
Maria Albertina Monteiro Nunes de Carvalho
Maria Augusta Cardoso de Oliveira Barros
Luís António de Paiva
José Carreia dos Santos
Dr. Manuel de Castro Monteiro
José Leite de Carvalho
Maria Helena Braga de Paiva Santos de Oliveira
Maria José Barros Carvalho
Maria do Rosário Leite Monteiro
Dr. Fernando Alberto Santos de Oliveira
Manuel Barros Monteiro
Afonso José Cardoso de Oliveira Barros
João Manuel Cardoso de Oliveira Barros
Fernando Manuel Paiva de Oliveira

Almerindo Jaime Correia de Oliveira Barros

30.º DIA

Os Colaboradores, empregados e operários da firma Almerindo Jaime Correia de Oliveira Barros, cumprem o doloroso dever de, num preito de sentida homenagem ao seu saudoso patrão, comunicar o seu passamento no dia 9 de Setembro de 1969.

Estatísticas de base

No prosseguimento da tarefa de obtenção de estatísticas de base, vai o Instituto Nacional de Estatística realizar um inquérito ao sector da Distribuição e dos Serviços, o qual será dirigido a todas as entidades, individuais ou colectivas, que se dedicam a actividades comerciais ou de prestação de serviços.

O inquérito reporta-se á actividade exercida no ano de 1968 e abrange todo o território do Continente e das Ilhas Adjacentes.

Está a ser feita uma inquirição postal prévia a cerca de 350 000 entidades (comércio por grosso e a retalho, bancos, seguros, compra e venda de propriedades, transportes, armazenagem, comunicações, liceus e escolas primárias, hospitais e maternidades, bombeiros, cinemas e teatros, etc.), com a qual se procura confirmar os dados respeitantes á identificação das mesmas e obter elementos relativos ao número de estabelecimentos, ao ramo de actividade e ao número de pessoas ao serviço de cada unidade a inquirir.

A partir da segunda quinzena de Outubro serão inquiridos de forma completa mais de 180 000 estabelecimentos, estando incluídos nesse número 140 000 com quatro ou mais pessoas ao serviço, isto é, a totalidade dessa classe de estabelecimentos. Os restantes, em número superior a 40 000, serão estabelecimentos com menos de quatro pessoas ligadas á sua actividade, tendo-se utilizado o método de amostragem para a sua designação.

Todas as pessoas singulares ou colectivas abrangidas pelo inquérito têm a garantia de uma absoluta confidencialidade para os dados que fornecerem. Os elementos recolhidos não podem ser utilizados para fins fiscais e os funcionários ao serviço do Instituto são obrigados por lei a observar o mais rigoroso segredo estatístico.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os comboios eléctricos

†

Arquitecto Guilherme Rebello de Andrade

MISSA DO 7.º DIA

Maria Helena Loureiro de Andrade; Rui Loureiro Rebello de Andrade, sua mulher e filhas; Vasco Loureiro Rebello de Andrade e sua mulher; Carlos Rebello de Andrade, sua mulher, filhos e mais família, participam que amanhã, dia 10, ás 10.30 horas, na igreja de São Mamede, será rezada missa sufragando a sua alma. Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

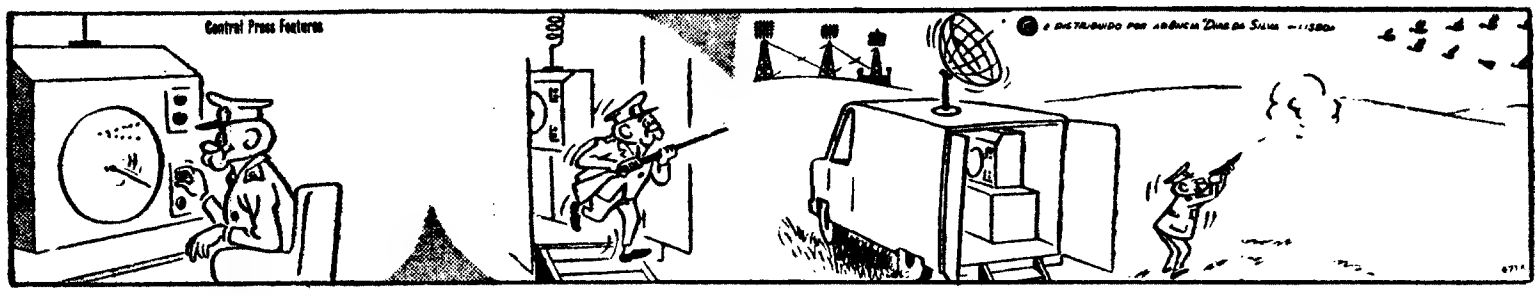
P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 9 de Outubro de 1939 publicava:

«AMSTERDÃO, 9 — Segundo o correspondente em Estocolmo do jornal holandês «Het Volk», as principais exigências da Russia á Finlândia, são: primeiro: cessão das ilhas Aaland; segundo, concessão do porto de Hangoe; a sudoeste da Finlândia e o maior porto livre do país; terceiro, cessão da ilha Hegland, no golfo da Finlândia.»

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha Rua Nova do Almada, 64 LISBOA

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE A TRANSISTORS

Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º Telef. 43464 — LISBOA

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

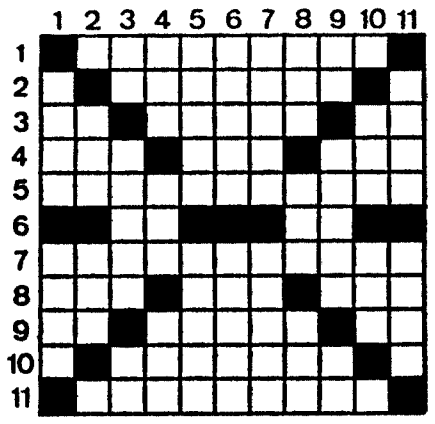
PROBLEMA N.º 5322

HORIZONTAIS: 1 — Vida ou profissão de pastor. 2 — Fechara. 3 — Ruim. Orvalho. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal (Inv.º). 4 — Capa sem mangas. Filtra. Página (abrev.). 5 — Repararão. 6 — Pronome pessoal. Seguia. 7 — Entornariam. 8 — Repetição de um som. Figura que simboliza o povo americano. Genro de Maomé. 9 — Futil. Amimas. Átomo (abrev.). 10 — Habitantes da Malásia. Artigo definido. 11 — Aprenderam de memória.

VERTICAIS: 1 — Grande afeição. Débito ou despesa de uma casa comercial. 2 — Género de crustáceos. Romancista português autor de «A Ilustre Casa de Ramires». 3 — Antes de Cristo. Corpo Celeste. Pronome pessoal. 4 — Ente. Possuir. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes holandeses e escoceses. 5 — Escárnio. Retiro. 6 — Avaliou. Sugar o leite materno. 7 — Surgir. Apelido. 8 — Herdade delimitada por marcos (Ant.). Oásis. Ribeira do distrito de Portalegre. 9 — Seguia. Litoral. Apelido. 10 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros (Bragança). 11 — Inconsciente. Cousa fabulosa e rara.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5321

HORIZONTAIS: 1 — Resgatava. 2 — Ua. Liar. Rol. 3 — Ema. Aspide. 4 — Meia. Taco. 5 — Aramara. Ba. 6 — Aço. Cal. 7 — Ba. Intimar. 8 — Troa. Miiro 9 — Seabra. Sol. 10 — Cua. Rala. Se. 11 — Largariam.

VERTICAIS: 1 — QUEM. Abé. Cl. 2 — AMEAÇA. SUA. 3 — Airó. Tear. 4 — El. Aa. IRA. 5 — Sia. Manobra. 6 — GASTA. Tarar. 7 — Arparei. Ali 8 — Iça. MM. Aã. 9 — Ardo. Cais. 10 — Voe. Barros. 11 — AL. Val. Óleo.

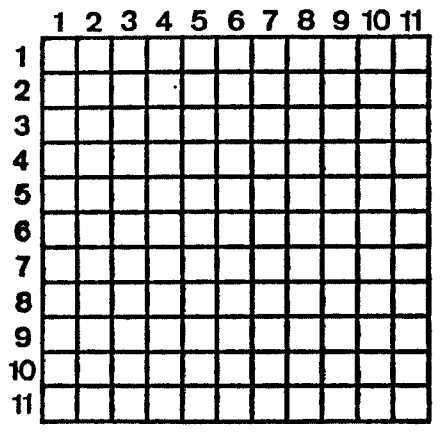
Provérbio: QUEM AMEAÇA, SUA IRA GASTA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9165

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Felgueiras. Fixe. 2 — Ilha do estado da Baía. Nome de um planeta. Cidade da Ucrânia. 3 — Apelido. Nome de dois antigos pequenos condados da Alemanha. 4 — Guarnecia de asas. Verruga na pele. 5 — Escovava. 6 — Nesse lugar. Bário (s. q.). 7 — Guarnecera de arames. 8 — Que impõe penas. Pula. 9 — Jarro (planta). Mula. 10 — Distrito da India Portuguesa. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Instrumento para encurvar as calhas das linhas férreas. 11 — Restos mortais. Que tem muitos anos.

VERTICAIS: 1 — Motões. Safo. 2 — Aniversário. O mesmo que einós (ant.). 3 — Cidade do Brasil. Consentes. 4 — Despacharam. 5 — Artigo definido (ant.). Plantio de amieiros. Abreviatura de Santíssimo. 6 — O mesmo que uma (ant.). Abreviatura de Post scriptum. 7 — Aqui. Molhas com a baba. Apelido. 8 — Deram tunda em. 9 — Abaixe. Assalario. 10 — Sepultura em que se reunem os cadáveres de indivíduos que não deixaram meios para cova em separado. Pronome relativo (pl.). 11 — Desertos. Cidade de Itália.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9164

HORIZONTAIS: 1 — Berat. Gharb. 2 — Além. Amar. 3 — Ras. Foi. Apa. 4 — Bi. Pirão. As. 5 — Assim. Saira. 7 — Marta. Pista. 8 — Irias. Asoro 9 — Nem. Aer. Lot. 10 — Tias. Paio. 11 — Aarão. Atoas.

VERTICAIS: 1 — Barba. Minta. 2 — Elais. Areia. 3 — Res. Rimar. 4 — Am. Pinta. Sa. 5 — Fim. Asa. 6 — Dor. Em. 7 — Ias. Par. 8 — Ha. Oásis. Pt. 9 — Ama. Salão. 10 — 10 — Rapar. Troia. 11 — Brosa. Aotes.

J. MENDES COELHO LDA.

CONCESSIONÁRIOS

Ford

MARCA

NOVAS INSTALAÇÕES

R. S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 122

Vista parcial das Oficinas, incluindo Secções completas e especializadas de reparações mecânicas e eléctricas.

produtos e serviço SHELL

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

III «RALLYE» INTERNACIONAL TAP

UMA CARAVANA DE 140 CARROS A CAMINHO DE LISBOA

• CERCA DAS 23 HORAS OS CONCORRENTES ENTRAM EM PORTUGAL

Por AVELÃS COELHO nosso enviado especial

SAN SEBASTIAN, 9 (Pelo telefone — do nosso enviado especial) — Na madrugada, ainda não desperta, as ruas adjacentes ao canal que atravessa esta formosa cidade do norte de Espanha, foram acordadas pelo característico ronsar dos motores de automóveis, com muitos cavalos sob os «capots».

Nas imediações do hotel Maria Cristina viam-se dezenas de homens bizarramente vestidos com coloridos «macacões» e «anarok's».

O III «Rallye» Internacional TAP chegava a San Sebastian! Depois de viagens desde Viena, Munique, Francfort, Zurique, Bruxelas, Amesterdão, Londres, Paris, Madrid, Lisboa e Porto, a caravana do maior e mais famoso «rallye» português — já um dos mais cotados da Europa — concentrava-se aqui.

Etapa de concentração, etapa sem história! Como se previa, poucas coisas aconteceram. Foi concedido muito tempo aos concorrentes, para os percursos propostos, o que permitiu que a grande maioria chegasse e fosse dormir umas quantas horas, para recobrar energias...

Para as equipas que saíram de Lisboa, havia 20 horas para um trajecto que passava por Coimbra, Vilar Formoso, Salamanca, Burgos, Vitória e San Sebastian.

Os concorrentes do Porto efectuaram o mesmo itinerário a partir de Celorico.

É de referir o entusiasmo que o «rallye» provocava com a sua passagem vendo-se milhares de pessoas ao longo das estradas não só de Portugal como em Espanha. Saliente-se o excelente policiamento das G. N. R. e Polícia de Trânsito em todas as localidades importantes e nos cruzamentos.

A prova em Espanha

Em Salamanca, havia um «contrôle» de passagem para os concorrentes de Lisboa, Porto e Madrid. Aqui em San Sebastian, mais que um «contrôle» de chegada os concorrentes teriam de partir á sua hora para a primeira etapa de percurso comum. Exactamente, ás 6 h. 01 m., apresentou-se na linha de saída um Vauxhall Viva GT (N.º 1) dos austríacos Boch-Nestinger. Um a um os carros foram entrando com intervalos de um minuto.

Depois de San Sebastian houve passagem por Burgos, Madrid, Badajoz, Fronteira do Caia, Elvas, Estremoz, Setúbal e, final no Casal do Marco (sul da ponte).

O primeiro concorrente deverá passar a fronteira cerca das 23 horas e três horas e meia depois entregará a sua carta de «contrôle» no «terminus» da etapa.

As equipas angolana e holandesa, Carlos Ribeiro e Dick-Brulleman, respectivamente, que haviam sido eliminados á partida de Lisboa, persistiram em entrarem na prova e vieram até Madrid! Simples «passeio» que não conseguiu alterar o regulamento até mesmo mediante autorização, por escrito, dos restantes concorrentes. Dura lex...

Boato desfeito

Esta manhã, cerca das 4,30 horas, concorrentes acabados de chegar da estrada, informaram-nos que Américo Nunes, um dos favoritos portugueses, havia desistido por avaria na embraiagem do Porsche 911S.

Cerca das 6 horas pudemos verificar que se tratava apenas de um «boato» e que o corredor se mantinha em prova com pouca pressão no pedal da embraiagem mas sem razão para apreensões quanto á sua chegada a Lisboa por esse motivo.

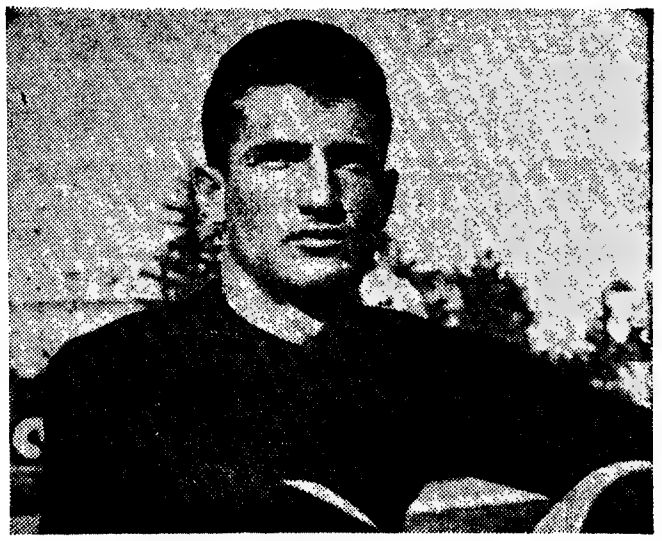
— «*Se a embraiagem falhar passo a meter as mudanças sem ela*» disse-nos optimista.

Bom ambiente

A partida para esta primeira etapa o estado de espírito dos concorrentes era óptimo. Até aqui pode dizer-se, tudo foi bem. Sem problemas! Aí em Portugal, a partir de amanhã á noite é que a coisa vai aquecer.

PISAR O RISCO: 80 PESETAS

A cerca de 70 quilómetros de Salamanca. Carpinteiro Albino e Vieira de Matos, foram multados pela Polícia espanhola em 80 pesetas. Motivo: pisaram o risco «amarelo» contínuo!



Sormani, marcador do primeiro e terceiro golos, foi um jogador em grande evidência, ontem, em Milão

TAÇA INTERCONTINENTAL

BOM REMATE ITALIANO MAU HUMOR ARGENTINO

• MILAN, 3-ESTUDIANTES, 0

Angelo Sormani, nascido no Brasil, e Nestor Combin, argentino naturalizado francês, marcaram os golos da vitória dos italianos do Milan sobre os argentinos do Estudiantes de La Plata, na primeira «mão» da Taça Intercontinental: 3-0.

O desafio porém não atingiu o nível que seria de esperar da capacidade dos dois contendores.

Apesar da excelente técnica individual dos jogadores das duas equipas, a partida viu-se prejudicada por um clima de quezílias constantes, de jogadas faltosas que lhe quebraram a continuidade dos lances.

Por isso poucas foram as jogadas verdadeiramente perigosas e envolventes. Para esse facto contribuiu também a eficiência dos sectores defensivos, particularmente do italiano que não consentiu aos adversários o menor espaço para o remate.

E por mais objectivos e realistsa, os milanenses, de futebol mais rápido e eficiente, puderam tirar proveito dos deslizes dos argentinos na protecção á baliza, para marcarem três golos e assegurarem o triunfo.

Porém e porque os golos não contam na final da «Intercontinental» os italianos terão de, pelo menos, empatar na Argentina para assegurar a posse do troféu.

HIPISMO NO CAMPO GRANDE

O cap. suíço Paul Weier único vencedor da 4.ª Jornada

O 58.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa teve ontem a sua quarta jornada, a marcar a transição para a segunda fase do certame, a mais importante, pois nela está incluído o Grande Prémio, a Taça das Nações e o Prémio dos Vencedores.

A «ronda» de ontem foi a menos concorrida, mas o facto tem de aceitar-se como natural, pois o respectivo programa comportava, apenas, uma prova e de menor nível do que as anteriores e do que as seguintes.

Mas, não se infira, do que fica dito, que a prova «Banco Totta-Aliança» não teve interesse, visto que foi disputada por mais de meia centena de concorrentes, tendo sido boa a percentagem — cerca de 20 % — dos que ficaram apurados para a primeira barrage.

Pena foi que os portugueses não estivessem em tarde feliz. Nem os de maiores possibilidades, tais como o cor. Henrique Calado, Manuel Malta da Costa e ten. Gama conseguiram passar ás «barrages» (já não falamos do maj. Neto de Almeida, porque o brilhante vencedor da prova de potência, entendeu, segundo cremos, poupar o seu «Joc de L'Ille», dando-lhe um dia de descanso) nem os prometedores jovens Jorge Teles e Vasco Pereira Coutinho, tão em evidência na prova de domingo passado, puderam patentear, de novo, as suas boas qualidades. Um único conjunto português na «barrage» foi vulgarment pouco.

A roda da sorte esteve, agora, do lado da equipa suíça. Depois dos portugueses e dos espanhóis terem ganho duas provas e dos franceses e italianos terem ganho uma, foi a vez do cap. Paul Weier, fazer subir a bandeira do seu país no mastro de honra.

E se falamos de sorte é tão-sómente porque sem sorte é impossível triunfar, quando no lote dos concorrentes há tantos e tão valorosos conjuntos. Que, ás vezes, a sorte está até... no azar dos outros... Agora, para contentar todos só falta uma vitória belga.

Classificação da prova de ontem: 1.º, cap. Paul Weier (suíço), no «Wulf» 2.º, cap. Queipo de Llano (esp.), no «Tabu»; 3.º, Jean Bouckaert (belga), no «Cumba»; 4.º, Marquês de Artazona (esp.), na «Zawenda»; 5.º, Bertrand Mirabeau (francês), no «Quicker». Estes foram os unicos concorrentes que disputaram a 2.ª «barrage».

HOJE Á NOITE

CONFERÊNCIAS — Do jornalista Raul de Oliveira na delegação do Belenenses, ás 21 e 30 horas.

SESSÕES SOLENES — Do aniversário do Atlético Clube de Portugal, na sede do clube, ás 21 e 30 horas.

TÉNIS DE MESA — Taça dos Campeões Europeus, Benfica-Amiens, no pavilhão do

TAÇA DE PORTUGAL

OS JOGOS DE DESEMPATE

Foram os seguintes os resultados ontem verificados nos jogos de desempate da 2.ª eliminatória da Taça de Portugal: Salgueiros'-Chaves, 1-0; Beira-Mar-Vianense, 2-0; Alba-U. Lamas, 1-0; Casa Pia-Silves, 6-0; Sesimbra-Beja, 3-1 e Portimonense-União de Leiria, 3-1.

O 27.º ANIVERSÁRIO DO ATLÉTICO

Com a realização de diversas manifestações desportivas e sociais o Atlético Clube de Portugal inicia hoje as comemorações do seu 27.º aniversário.

As festividades prolongam-se até ao dia 12 com um jantar de encerramento na Feira das Indústrias.

AINDA A «VOLTA»

CONTRA-ATAQUE DA FEDERAÇÃO E RECLAMAÇÃO DO F. C. PORTO

Enfim, a «Volta» continua...

E parece que irão prolongar-se ainda por muito tempo os reflexos da discutida prova, apesar das respectivas classificações terem sido já devidamente homologadas pela Federação de Ciclismo.

Com efeito, para além do protesto telegráfico do F. C. Porto que deverá vir a ser confirmado por ofício (para que tenha a devida continuidade) no que se relaciona com a classificação colectiva, a direcção da Federação reunida ontem, á noite, decidiu demandar judicialmente os autores das acusações que têm sido públicamente feitas aos seus dirigentes.

Para tal, a Federação vai entregar o «caso» a um advogado para que seja apresentada a respectiva queixa.

Entretanto a Federação resolveu ainda comparticipar em cinquenta por cento as despesas que o ciclista Joaquim Agostinho vier a fazer para o completo apuramento de responsabilidades e consequente procedimento judicial, no caso de «doping» que retirou áquele estradista a vitória final na 32.ª Volta a Portugal em bicicleta.

Quanto ao protesto do F. C. Porto, afigura-se de toda a lógica a argumentação do clube nortenho: se o «tempo real» de Joaquim Agostinho na última etapa não foi o considerado para a classificação individual, não se compreende bem que o tenha sido para a classificação colectiva. Esclareça-se que, a prevalecer a interpretação dos portuenses, lhes caberá o primeiro lugar por equipas, em detrimento do Sporting.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
A batalha de El Alamein — no POLITEAMA

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, á noite, ás 21 e 30
SENSACIONAL ESTREIA
A mais formidável proeza da guerra no Norte de África
A BATALHA DE EL ALAMEIN
A derrota de Rommel perante os exércitos de Montgomery
(Col.) — Um elenco excepcional!

HOJE, ás 18 e 30 (M 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPÉRIO
(M 12 anos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Panavison — Color
Duas civilizações, duas mentalidades em choque!
Um filme de JOHN BOORMAN
DUELO NO PACIFICO
com Lee Marvin e Toshiro Mifune

MONUMENTAL
(M 17 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30 h.
Fane Dunaway e Marcello Mastroianni
Longe do mundo, longe de todos tudo fizeram em nome do amor!
UM LUGAR PARA AMAR

ESTÚDIO
(Adultos) Tel 555134
As 15.30 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153
As 15.15 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
A INAUGURAR A NOVA TEMPORADA
O DIABO A SOLTA
com Yves Montand — Maria Schell
Um filme de Philipe de Broca

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway

Metro — Estação Picoas

VOX
(M. 21 anos) Tel. 726808
As 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

EDEN
(Adultos) Tel. 820768
As 15.15, 18.30 e 21.45
A mais desesperada conspiração para alcançar a liberdade!
O MOTIM
TECHNICOLOR
com JIM BROWN — GENE HACKMAN e os presos da prisão estadual do Arizona

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-Picot

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
ROMY SCHNEIDER
ainda mais bela e atraente... ensina a TOM COURTENAY alguns «truques» de profissão...
ESPIÃO POR ACIDENTE

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21 e 45
A MAIS EXPLOSIVA AVENTURA DE SIMON TEMPLAR
O SANTO E A VENDETTA
ASTMANCOLOR
com ROGER MOORE

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
NASCI PARA AMAR
com Catharine Spaak e Philippe Leroy

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
EM 3.ª SEMANA
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

ODEON
(M 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 18.15 (p. r.) e 21.30
EM ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
UMA ADMIRAVEL NOVIDADE EM «HUMOR NEGRO»
OS VINGADORES
(Aventuras de Steed e Peel)
com o famoso par da televisão Patrick Magnee e Diana Rigg
Tecnicolor

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595
3.ª semana de gargalhada
As 3 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
UM ESPECTACULO DE GARGALHADA SEM FIM!
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNES

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
DIABOLICAMENTE TUA
7 HOMENS E UMA MULHER

LIZ
(Adultos) Tel 48560
As 21 h
VIVER, AMAR, MORRER
COM JEITO VAI CLEÓPATRA

CHIADO TERRASSE
(Adultos) As 15 e 21 h.
COLORIDO
A PISCINA
ESCOLA DE BEM GOZAR A VIDA

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
As 21.30 (M. 12 anos)
CLIFF ROBERTSON — «Oscar» de melhor interpretação masculina
CHARLY
Um filme extraordinário!

CASINO ESTORIL
(17 anos) Tel. 260729
A TERRA DAS MIL AVENTURAS
com Johny Wayne e Stewart Granger

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de FRANCESCO MASSELI segundo o romance de ALBERTO MORAVIA
OS INDIFERENTES
c/ Claudia Cardinale Rod Steiger e Shelley Winters

ALVALADE
(Adultos) Tel 703080
As 15.45 e 21.45
CLAUDIA CARDINALE e ROD STEIGER em
OS INDIFERENTES
um filme de Francesco Masseli

Um êxito clamoroso!
16. SEMANA DE ENCHENTES
A revista dos PARODIANTES DE LISBOA
com CAMILO, FLOR BELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS
— um espectáculo de VASCO MORGADO
em QUARTO MES
com lugares desde 10$00

MONUMENTAL
HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)
DOMINGO, A TARDE, AS 16 H.

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Ás 21 e 30: «Grande Companhia Internacional»

TEATROS

VILLARET — As 21 e 23: «Amor ás riscas» (17 anos)
MONUMENTAL — As 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — As 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e ás 23: «Espertezo Salova» (17 anos)
A B C — As 20 e 45 e ás 23: «Eno lá fala» (17 anos)

CINEMAS

MOSCAVIDE — As 21: «Esta noite é minha» (12 anos)
OLIMPIA — As 21: «O conde sinistro» (17 anos)
ARCO IRIS — As 21: «Encrenca dupla» (12 anos)
VOZ DO OPERARIO — As 21: «Os teus, os meus e os nossos» (12 anos)
CINE-ORIENTE — As 21: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos)
PARIS — As 21: «Mata-me depresso que tenho frio» (17 anos)
JARDIM — As 21: «O conto da castidade» (17 anos)
CINEARTE — As 21: «O doce corpo de Deborah» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «O lobo solitário» (17 anos.
BOMB. VOLUNTÁRIOS — As 21 e 30: «Raquel, Raquel» (17 anos)
UNIVERSAL — As 21: «Os canhões de San Sebastian» (17 anos)
IDEAL — As 21: «Vingança ao amanhecer» (17 anos)
BOMB. ENCARNAÇÃO — As 21: «O numero do amor» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — As 21 e 30: «Baile dos emboscados» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «Duelo em Diabos» e «O caminho perigoso» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 7 e ás 21 e 30: «A terra das mil aventuras» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «A luz é para todos» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 5: «Continflas porteiro» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «Bezamino» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Carne do minho carne» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — As 21: «Comissario X no Vale das mil montanhas» e «Delito quase perfeito» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 5: «Champanhe mulheres e musica» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Para além das montanhas» e «Vénus Criola» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «As Diabólicas» (17 anos)
SINTRA — CINE-TEATRO — As 21 e 15: «Paris já está a arder» (12 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) ✻ Tapada, Lda., Calç. da Tapada, 83-A (634721).
ALCÂNTARA — Estev Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Azevedo, Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C (44 731) ✻ Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) ✻ Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (68 515).
AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 8-A (725443) ✻ Chinde, Rua Agostinho Lourenço 6-B (71033 1)
ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araujo, 46-B-C (84 108).
AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D.ª Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✻ Sá da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✻ Oliveira Viegas, R. Viriato, 49-A (48966-55360 1)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ziro, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (3 0172)
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 8 (30927) ✻ Normal, R. do Prata, 220 (32 342-325553)
BENFICA — Benfiluz, Est. de Benfica, 444-A (782606) ✻ Alegria, E. de Benfica, 180-A-B (780511) ✻ Progresso, Est. A-da-Maia, 64-C (702226) ✻ Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMPO DE OURIQUE — Linaldo — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ✻ Findot — Rua D. Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683436 ✻ Zenel, R. A. 82, Bairro da Liberdade (65 840) ✻ Nova, R. de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308).
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores, 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, 6 Lapa, 37 (66125)
GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patuleto, Herdeiros, R. do Lumiar, 22-24 (790332) ✻ Douro, Al. das Linhas de Torres 93-A-B (791131)
OLIVAIS — Simão — Av. de Berlim, R. D, 1, 16-A (310581)
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras 202-B (780841)
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (843571) ✻ Europa, Av. General Roçadas, 41-A-B (Tel 843880).
PICHELEIRA — Marius, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703) ✻ 728395)
PRINCIPE REAL — Gonçalves L.ª, R. do Rosa, 176-178 (362687)
REGO — Berno, Av. de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R. do Junqueiro, 36-40 (638 34)
S. BENTO — Miguel, R. de S. Bento, 380-382 (662162) ✻ Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (66 330)
ST.ª MARTA — Morais Sarmento, R. Santa Marta 5-A-B (Tel 46490)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Mar-gem, 15-B (382470) ✻ Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) ✻ Zema Rua General Justiniano Padre (á Calçado dos Barbadinhos 21 (832580).
SÉ — Santo Lezia, Rua de Saudade, 2-B (86983)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (251234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 66 (Tel 213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (T 2432034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A (Tel 247204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, 2-A e 15 (260116)
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel 280078); A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Tel 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Mata, P. D. João I — Lote 46 — Bairro Janeiro (932756) ✻ Central, Av.ª Cardoso Lopes, 25 (932210) ✻ Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel 937740) ✻ Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 Reboleiro (Tel 938424)
DAMAIA — Confiança — Est. Militar Lote D (Tel 971023)
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117); Simões Lopes — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel 950123).
CACEM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (Tel 29 00 12)
PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia — Lg.º Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391)
COLARES — Abreia (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel 434 00)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (22 40 20).
ALMADA — Galeno, R. Capitão Leitão, 85 (2760565).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança Estrada Nacional 14 (Tel. 2243021)
BARREIRO — Higiénica, R. D. Manuel I 78 (22730 1)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro 62 (270121)
MOITA — Silva Rocha, Av. da República, 6 (23 90 29
MONTIJO — Moderna Rua Bulhão Pato 60 (230 56)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Oliveira — L. da Misericórdia (Tel 22488.
SEIXAL — Godinho L. da Areia, 5 (22 85 90)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla 538821 ✻ Gazcidla idem e feriados, 382069

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✻ Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Publica, 866141 ✻ Judiciário, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G.N.R. (área rural). 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 ✻ 771169 ✻ Transfusões, soros ✻ oxigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✻ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✻ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✻ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✻ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.ªs-feiras)
(Maiores de 15 anos)

CERVEJARIA E RESTAURANTE
CHOUPAL
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

MARIA VALEJO FICOU NO BRASIL

Maria Valejo: na piscina do Hotel Glória, ela foi a imagem preferida pelos fotógrafos do Festival do Rio

Com a sua presença na fase decisiva do «IV Festival Internacional da Canção Popular», que terminou na noite de segunda-feira última, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a canconetista portuguesa Maria Valejo *ganhou* inusitada popularidade, tornando-se verdadeiro ídolo da colónia radicada em Guanabara e em São Paulo.

Assim, não admira que tenha conseguido um excelente punhado de contratos que a impediram de regressar ontem a Lisboa, como planificara. Primeiros compromissos: três «shows» em Niterói (no «Festival 2001») pagos por três mil dólares (cerca de 84 mil escudos). Esses «shows» iniciam-se hoje: no próximo domingo já Maria Valejo estará em São Paulo (na TV-Tupi) para uma apresentação de 20 minutos, paga por oito contos portugueses.

Embora tenha já firmado compromisso para um filme em Espanha (com música de Augusto Algueró e a participação do canconetista argentino Luís Aguillé) Maria Valejo adiou a película para Janeiro: de momento, um estúdio fotográfico do Rio de Janeiro (o «Astúrias») pretende editar uma foto-novela em que a portuguesa aparecerá como *heroína*, vivendo uma tempestuosa paixão por Jerry Adriani, um dos ídolos das plateias brasileiras. E, a 24 deste mês, na TV-Globo (Canal 4), Maria Valejo inicia a filmagem de uma história em 30 episódios, de enredo amoroso, especialmente destinada ao anunciante que recentemente patrocinou a novela «António Maria» — que a TV portuguesa passará a transmitir em Fevereiro próximo.

Mais novidades sobre Maria Valejo: como intérprete da dupla Eduardo Damas-Manuel Paião, a canconetista foi convidada a apresentar-se nos festivais de Joanesburgo (África do Sul) e Split (Jugoslávia), além de ter já rubricado o contrato para o «I International Song Festival», que decorrerá em Las Vegas (Nevada, Estados Unidos da América do Norte) de 5 a 9 de Março de 1970. E, ainda no Rio de Janeiro, actuará durante uma semana no Teatro de Bolso de Nonato Buzar, ao lado de Martinho da Vila (o criador de «Aquele Abraço»). Para além de tudo isto, Maria Valejo — durante a sua permanência na capital do Estado da Guanabara — cantará todas as noites na casa típica «Lisboa á Noite», propriedade do seu empresário Joaquim Saralva.

De vez em quando

A selecção nacional de futebol partiu para a Roménia e com ela a esperança de Portugal estar presente no campeonato mundial a disputar no México. No domingo, será a verdade **do nosso futebol a querer opor-se à** verdade **do futebol romeno. É sempre assim, pois infelizmente (suponho que desde a dentada de Adão na maçã paradisíaca) nunca o homem conseguiu transformar a sua verdade na Verdade de todos nós. Muitos deles, porém, façamos-lhes justiça, gastaram séculos em tentativas bem intencionadas, das quais resultou, pelo menos, o estabelecimento de uma regra indispensável à boa convivência: que cada um tente impor a sua verdade respeitando a do próximo. Esperamos que seja assim no próximo domingo num campo de futebol de Bucareste; esperamos que seja assim em todos os domingos, em todos os campos, em todas as cidades.**

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE: Em Portugal continental o céu estava em geral muito nublado ou encoberto e o vento era moderado de leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 29°,5; mínima: Penhas da Saúde, 9°,4.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Coimbra, 20°; Faro, 21°; Funchal, 22°; Lisboa, 19°; Penhas Douradas, 11°; Portalegre 18°; Porto, 20°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 19°,7; na água do mar, 16°,6

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco e moderado do quadrante Norte a Sul; possibilidades de chuva ou chuvisco.

Amanhã:
Nascer ás 7 e 41
Ocaso ás 19 e 7

Dia 11 Dia 18 Dia 25 Dia 2

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 9** — 2 e 58 (3,7 m); 15 e 10 (3,9 m). **Dia 10** — 3 e 30 (3,9 m.); 15 e 41 (4,1 m). **Dia 11** — 3 e 58 (4 m); 16 e 14 (4,1 m). BAIXA-MAR: **Dia 9** — 8 e 33 (1,3 m); 20 e 58 (1,1 m) **Dia 10** — 9 e 10 (1,1 m); 21 e 30 (1 m). **Dia 11:** 9 e 42 (1 m); 22 e 02 (0,9 m).

NOVAS RELAÇÕES ENTRE OS BISPOS E O PAPA

MALINES, 9 — (F. P.) — Antes de partir para Roma, onde assistirá ao Sínodo, o cardeal Suenens publicou uma mensagem em que declara nomeadamente: «O segundo Concílio do Vaticano lembrou-nos a responsabilidade que nos incumbe como «povo de Deus» colocado neste mundo. Em relação aos bispos, foi dado particular relevo á colegialidade. Assim, o Concílio destinou a cada um de nós, fiéis e bispos, uma tarefa a cumprir, a qual, evidentemente na sua maior parte, deverá ainda ser realizada. O Sínodo que vai reunir-se em Roma deseja ser uma nova etapa nesse caminho. A sua agenda comporta as relações entre o Papa e os bispos. Estudar-se-á, pois, esta questão com a ideia de a precisar melhor».

O cardeal Suenens pede igualmente que os bispos «tenham a força e a coragem de se pronunciarem abertamente e com toda a franqueza a favor da justa liberdade dos filhos de Deus, prestando, ao mesmo tempo, uma atenção de respeito e de compreensão ás situações peculiares a cada uma das partes do mundo».

CONTRA-OFENSIVA DA «FRATERNALIDADE»

CIDADE DO VATICANO, 9 — (F. P.) — A «Fraternidade Sacerdotal Europeia» passou á contra-ofensiva atacando a «Assembleia Europeia dos Padres», constituída por padres contestantes que vão reunir-se em Roma.

Uns 40 delegados da «Fraternidade» chegaram, ontem, a Roma, dizendo representar 4000 sacerdotes «tradicionalistas», sobretudo espanhóis e franceses. Num comunicado critica-se os «contestantes e progressistas por procurarem levar o Sínodo a aprovar as suas teses que afloram a heresia». «Têm mesmo a audácia — prossegue o texto da «Fraternidade» — de acusar Paulo VI, classificando de fraqueza culposa a sua prudência e ponderação».

O comunicado diz ainda que «alguns dos contestantes são padres condenados pelas autoridades religiosas e civis dos respectivos países».

A «Fraternidade» decide exprimir, ao Santo Padre e aos membros do Sínodo, o seu total apoio e denunciar a «conspiração» daqueles que «querem servir-se da Igreja».

«Mais vale — conclui — preferir novas perseguições ou uma nova cruzada do que favorecer a vitória dos inimigos da Igreja».

INVESTIMENTOS ROMENOS NA GRÉCIA

ATENAS, 9 — (A. N. I.) — A Roménia está interessada em investimentos industriais na Grécia e no alargamento das relações comerciais entre os dois países — afirmou, hoje, em Atenas, o ministro grego do Comércio, Epaminondas Tsellos.

O ministro esclareceu que os romenos estão interessados em prospecções petrolíferas e na exploração de novos depósitos de bauxite, manganésio e ferro. Propuseram-se, também, fornecer material para os caminhos-de-ferro gregos e construir fábricas na Grécia. Tsellos revelou ainda que os romenos pediram a renovação do actual acordo de comércio entre os dois países.

A Grécia e a Roménia mantiveram sempre boas relações comerciais e diplomáticas.

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

RADEMAKER VICE-PRESIDENTE DO BRASIL?

RIO DE JANEIRO, 9 — (F. P.) — O almirante Augusto Rademaker, de 64 anos, ministro da Marinha, aceitou o cargo de vice-presidente, que lhe foi oferecido pelo general Emílio Medice, próximo presidente brasileiro, segundo anuncia uma fonte bem informada.

O almirante começou por recusar, mas finalmente cedeu á insistência do futuro presidente. O almirante Rademaker é actualmente o decano da junta dos três ministros militares que assumiu o poder no fim de Agosto devido á doença do presidente Artur Costa e Silva.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

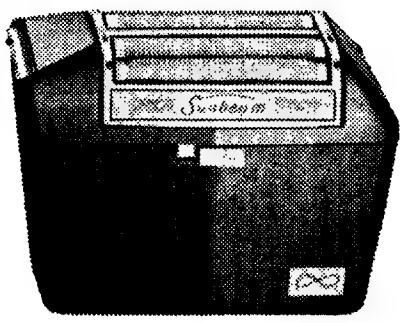
A COSTA ESMERALDA NA ILHA DA SARDENHA — «ENCLAVE» DE AGA KHAN

CAGLIARI (Sardenha), 9 — (R.) — O deputado local Sérgio Morgana propôs que o Governo italiano tome medidas para evitar que a Costa Esmeralda se transforme num «enclave feudal» do seu proprietário, o príncipe Aga Khan, que transformou aquela região da Sardenha num retiro de férias para milionários.

O deputado apresentou esta sugestão durante um debate parlamentar sobre um processo movido por um fotógrafo italiano contra Aga Khan.

O fotógrafo acusa Aga Khan e os seus guarda-costas de o terem agredido e destruído as máquinas fotográficas, quando procurava captar imagens de hóspedes mais famosos do príncipe.

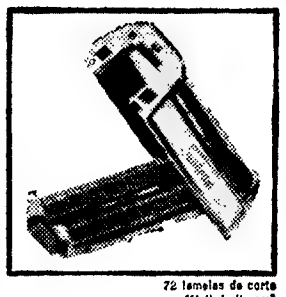
O deputado disse que o Governo devia «intervir para evitar que uma parte do território da Republica se transforme numa espécie de enclave feudal abandonado ao poder absoluto de um indivíduo que, ainda por cima, é estrangeiro».



GRANDE NOVIDADE

— A Sunbeam International G-9, com o novo motor "synchro-magnético" para corrente 110/220 V., extremamente suave, é a mais moderna das máquinas eléctricas de barbear.

Só a grande experiência mundial da Sunbeam pode oferecer uma máquina eléctrica de barbear por um preço tão sensacional.



72 lamelas de corte (fácil de limpar) garantindo um barbear impecável.

Sunbeam

Agentes Exclusivos AZEVEDO & DUARTE, LDA.
Rua do Crucifixo, 78-1.º — LISBOA

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 livros técnicos e científicos
Cem editores representados

LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

Rallye da TAP

Tony Fall em dificuldade

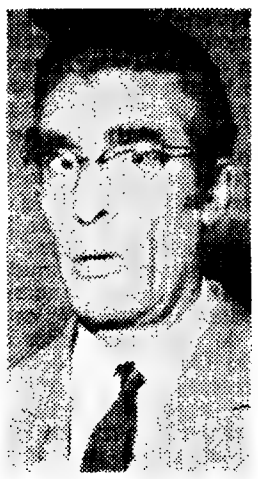
MADRID, 9 (Pelo telefone, do nosso enviado especial) — Os concorrentes ao «Rallye TAP» começaram a chegar a esta cidade ás 11 e 45. E. até ás 13 e 30, tinham já passado 38 automóveis, etre os quais os de R. Barbara, L. Pointet, George Honel, Heitor Morais, A. Peixinho, F. Romãozinho e José Lampreia

Tony Fall saiu de San Sebastian com sérios problemas de mecânica: o motor a trabalhar em 3 cilindros e o dínamo avariado.

— *Chegar a Lisboa é o problema* — disse-nos o consagrado volante, que telefonou para Cascais a solicitar que lhe seja enviada assistência técnica para a fronteira luso-espanhola.

Alberto Pedroso

Pardete da Fonseca



Sousa Tavares

Marcelo Curto

O estado da Previdência e as reformas que se impõem

Publicamos hoje na página central a conclusão da mesa-redonda acerca do estado actual da Previdência e das reformas que se impõem com vista a corresponder às necessidades e aos anseios da população portuguesa neste decisivo sector da organização social. Tomaram parte no debate Alberto Pedroso (C. D E.), António Pardete da Fonseca (C. E. M.) e Francisco de Sousa Tavares (C. E. U. D.). Interveio como moderador Francisco Marcelo Curto.

MESA REDONDA

especial eleições

2000 pessoas num comício em Almada

«Venceremos as eleições» —proclamou um dos candidatos da C. D. E. do distrito de Setúbal

«Como médico, posso fazer um diagnóstico: o Fascismo está doente. E posso adiantar um prognóstico: o Fascismo vai morrer».

Esta frase, do dr. Jaime Malheiro da Silva assinalou um dos momentos de maior vibração da sessão de propaganda da C. D E de Setubal, que ontem se efectuou na Academia Recreativa Almadense, em Almada. O dr. Jaime Malheiro, ultimo orador da sessão, falava perante cerca de 2000 pessoas, durante um comício que se manteve sempre num plano de indiscritível entusiasmo

O advogado Herculano Pires, o assistente social Joaquim Palmeiro Gonçalves, o estudante Alvaro Monteiro Ribeiro e o economista José António Tavares da Cruz, os quatro ultimos candidatos da C. D. E. por Setubal á Assembleia Nacional, tinham usado antes da palavra, frequentemente interrompidos por longas e calorosas salvas de palmas.

O tom dominante dos discursos foi de crítica severa ao Regime, de exaltação da Liberdade e de apelo aos sentimentos democráticos da assistência, que se encontrava enquadrada por grandes letreiros nos quais podia ler-se: «O Poder para o Povo», «Autodeterminação para o Ultramar», «Democracia, paz e liberdade», etc.

Um dos candidatos o dr. José António Tavares da Cruz, proclamou: «Venceremos as eleições». A assistência secundou esta frase com prolongados gritos de «Vitória» e «Liberdade».

A sessão assistiu um representante da autoridade (sentado, no palco, a uma pequena mesa isolada e coberta com a bandeira na-

(Continua na últ. pág.)

Sessão eleitoral da U. N. em Santarém

Aspecto das duas mil pessoas que assistiram à sessão eleitoral da Oposição em Almada

SANTARÉM, 9 — Um «Manifesto aos eleitores do distrito de Santarém» foi distribuído ontem á noite aos jornalistas, numa conferência de Imprensa realizada na sede da Comissão Distrital da U. N. em que estiveram presentes, além do sr. dr. Calado da Maia, presidente da referida comissão, os candidatos da U. N. srs. engs. Carlos do Amaral Neto e José Correia da Cunha, e drs. António Castelinho e Alvim, João Nuno Serras Pereira, Joaquim Magalhães Mota e Julio Dias das Neves.

No fim da conferência, o sr. eng. Amaral Neto, na qualidade de mais antigo deputado pelo círculo, pronunciou um discurso em que agradeceu a presença dos representantes dos órgãos da Informação, terminando com um convite a todos os presentes para um jantar que se realizou num dos restaurantes da cidade.

Após a leitura do manifesto, o sr. dr. Calado da Maia convidou os presentes a formularem perguntas relacionadas com o programa enunciado.

A primeira pergunta partiu do director de um jornal de Tomar que quis saber os motivos do encerramento de uma escola do ensino pré-primário naquela cidade, quando o número de alunos era bastante elevado. Respondendo, o dr. Dias das Neves, afirmou que a U. N. mantinha em estudo o problema do ensino pré-primário.

Seguiu-se uma pergunta sobre a posição da U. N. perante as sugestões tendentes á paz no Ultramar

(Continua na últ. pág.)

espelho da imprensa

Eleições à vista...

«Afadigam-se as hostes de todas as bandas para a apresentação das listas. Há reuniões e jantares por todo o lado. Com os jantares lucram, ao menos, as casas de pasto.

Pelas landes oposicionistas, não se pode dizer que a harmonia seja o lema. Há uma explicação, entretanto: é que são tantos os valores a aproveitar, que a divisão em grupos, mesmo que não seja ideal na contenda, é lógica na estruturação.

No lado nacionalista ou assim chamado, a panorâmica (á data em que escrevo: 15 de Setembro) é divertida, por certas coordenadas: além dos repastos, há uma afluência de marcellistas da ultima hora, veramente engraçada: a perspectiva de candidatura perturbou muita gente! É que isto de ser deputado, além dos carcanhóis e das viagens a Lisboa, aumenta consideràvelmente a fama do mando e até as prendas..., desde a vulgar perna de vitela á baixela de prata. Como me dizia, há dias, um rustico, «é fama e lúcaro»!

Há sujeitos que andaram a dançar por várias bandas, mas vieram agora a correr, afobados, a ver se pescam o «tacho»! E mesmo antes da «pescaria», já se dão ares de alto mar..., como velhos marinheiros que, de há muito, tratassem o Atlantico por tu!

Acho bem... Mas há um aspecto, embora pessoal ou afectivo, que me contrista: o abuso que se faz da boa fé do dr. Marcello Caetano!

(«O Jornal de Estarreja»), 25 de Setembro de 1969).

Uma Oposição que sirva de fermento...

«Começa agora a campanha eleitoral para os deputados á Assembleia Nacional, estando designado o dia 26 de Outubro para as eleições. Durante um mês terão lugar as sessões de propaganda dos vários candidatos, cujos nomes foram já amplamente divulgados pelos órgãos de informação. Como em épocas anteriores se tem verificado, a válvula da Censura abre-se um tanto mais, podendo a Imprensa dar vasão a criticas e comentários que foi recalcando durante anos, o que provocou uma certa «fermentação» que os torna por vezes demasiado azedos.

O presidente do Conselho, na sua recente alocução, afirmou que «Na politica dos partidos o que há de mau não é a oposição mas o espirito sistemático de oposição.» E disse ainda, que a «oposição, no sentido de comentário, de critica, pode ser salutar na medida em que obrigue a ponderar, a reflectir, a medir bem as consequências das decisões a tomar».

Concordamos plenamente em que é esta uma das maiores vantagens da oposição. E diremos mais, que ela terá a vantagem de limitar o prepotente á vontade com que determinadas medidas de pretenso interesse publico são publicamente defendidas e executadas, com a certeza de que ninguém poderá denunciar-lhes os inconvenientes.

Na sequência deste raciocínio, sentimo-nos inclinados a desejar que a oposição ganhe as eleições em alguns dos circulos eleitorais, para que, durante a próxima legislatura, sirva de fermento a temperar a monotonia duma Camara em que todos digam que sim, tomando-se por acordo o cabecear dos ensonados...

Para ficar bem claro, «cá dentro e lá fora, que o povo português prefere um clima de ordem publica e paz social», é conveniente que toda a campanha eleitoral decorra em ambiente de inteira compreensão e respeito mutuos, sem os virulentos ataques pessoais que são apanágio de algumas correntes. Que o conceito de liberdade de expressão seja entendido nos seus precisos termos, isto é, dentro do completo respeito pela liberdade dos outros e pela dignidade de cada um.

A Imprensa portuguesa tem, neste momento, um importante papel a desempenhar, que é ao mesmo tempo a resposta a um teste não menos importante. É que foi acusada de, em resultado dos quarenta e dois anos de «censura», ter criado certa mentalização que se não coaduna com a supressão imediata daqueles Serviços. Isto equivale a negar-lhe maturidade civica. Nesta contingência, poderá revelar que está á altura de continuar, sem contrôle do Governo, a defender os interesses do país, criticando com objectividade e sem azedume, e não permitindo que a utilizem como instrumento de recalcadas frustrações.

F. M.»

(«Portugal Popular» n.º 66 — 25 de Setembro a 6 de Outubro 1969).

Verborreia...

«Não faltam aí Senhores Qualquer coisa que, falando pelos cotovelos e por outras anatomias — sobretudo as ventoriais —, têm a especialidade de não dizerem coisíssima nenhuma. Depois de terem falado horas, dias, anos consecutivos, a gente pergunta que disseram, nesses ataques de verborreite aguda, e é-nos respondido:

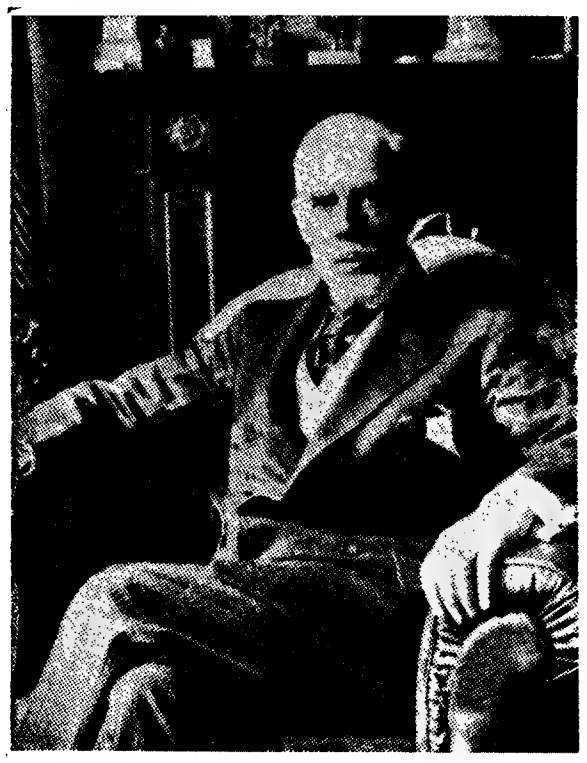
— Por enquanto só estiveram a falar, ainda não disseram nada. Nadinha.

Quando o tirano nos manda calar, há ainda um processo de lhe dizermos as ultimas: é dilacerarmos a própria lingua, e cuspirmos, sobre ele, os farrapos ensanguentados em que a dilacerámos.

É muda essa eloquência. Não pertence á de sujeito, verbo e predicado. Não tem os ingredientes da escorreita sintaxe. Mas o certo certinho é que nenhuma outra é mais eloquente nem mais dramática. Ela — e só ela — é capaz de tirar o surro ao carrasco e de lhe fazer oscilar o chão debaixo dos pés.»

(«Mar Alto», da Figueira da Foz, 24-9-969).

ASSIM VAMOS NÓS



Em campa rasa

«Em comemoração do 59.º aniversário da implantação da República em Portugal, os democratas de Portimão quiseram vir, com outros democratas do Algarve, em romagem ao cemitério desta cidade, para recordar os republicanos aqui sepultados. Entre estes jaz em campa rasa, por seu expresso desejo de comungar com o povo com quem sempre esteve irmanado, uma figura de português que á medida que os anos forem correndo sobre a sua morte mais avultará em toda a sua grandeza. É Manuel Teixeira Gomes, que foi ministro plenipotenciário de Portugal em Londres, Presidente da República Portuguesa, exilado no Norte de África, e grande escritor da lingua pátria.»

(Palavras proferidas na romagem de 5 de Outubro, no cemitério de Portimão, pelo candidato oposicionista dr. Manuel Campos Lima)

Sombra tutelar

A campanha eleitoral oposicionista de Aveiro está a ser feita á sombra tutelar de Mário Sacramento, nobre figura de intelectual e de cidadão, cuja morte deixou um vasio dificil de preencher. Mas o seu exemplo é ainda estimulo e palavra de ordem.

Façam um mundo melhor

Mário Sacramento

(Carta Testamento inédita)

O significado da adesão da C. D. E. às comemorações do 5 de Outubro

— segundo um comunicado da respectiva Comissão Política

Da Comissão Política da C. D. E. de Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

«Convém situar com o possível rigor o significado que, para um movimento como a C. D. E., tem a adesão ás comemorações do aniversário da implantação da República. E não só pelo que isso pode implicar de esclarecimento público sobre a natureza mesma do movimento, mas, ainda que secundàriamente, pela confusão que pode este ano ter resultado de ter sido dada uma ampla publicidade ás comemorações patrocinadas pelo Governo.

Um momento revolucionário corresponde ao desfecho de um processo mais ou menos longo de afastamento entre o País «de facto» e o País «de direito». Por esse momento são analisadas todas as aspirações e ideais, nem sempre claramente expressos ou até conscientes, daqueles que pressentem o desajustamento profundo entre as estruturas do Poder e as estruturas socio-económicas que, lògicamente, deveriam ser o seu alicerce. 1910 constituiu um desses momentos, a assinalar no desenrolar do processo histórico uma ânsia de renovação e de progresso social que não fora possível obter dentro do quadro esclerosado do regime monárquico. E, no entanto, deve acentuar-se, o movimento republicano vinha há várias décadas a ganhar apoios e a conquistar posições, através de uma acção pública e legal desenvolvida com tanto maior eficácia quanto era por demais evidente responder ás expectativas do País real.

O regime republicano tinha uma função histórica a cumprir. A sua obra foi, nesse sentido, largamente positiva e, se a não pôde terminar, isso ter-se-á devido ás próprias contradições de uma burguesia ainda insuficientemente consolidada.

A lição dessa derrota não está esquecida. Contudo, o Portugal de 1969 já pouco tem que ver com o de 1910 ou de 1926.

As aspirações de uma comunidade condenada ao silêncio e á passividade não se podem hoje limitar a uma qualquer «liberalização» que mantenha intactas as estruturas de um poder de que seria ilusório esperar que se negue a si próprio. Bem mais difícil tem sido a luta contra o actual regime do que a travada pelo Movimento Republicano contra a monarquia.

Por isso mesmo saudamos nos que entusiàsticamente nos acompanham uma coragem que os não diminui em comparação com os homens de 1910. E, também, por isso, ao comemorar o 5 de Outubro, prestamos, sobretudo, homenagem aos Portugueses que estão certos de poder construir um Portugal que lhes pertença de facto.

Pela Comissão Política

Joaquim Mestre»

A C. D. E. DE LISBOA RESPONDE À U. N:

A Oposição não vem às eleições servir as conveniências do Partido Único

A Comissão Política da C. D. E. de Lisboa enviou-nos um comunicado do seguinte teor:

«Com a publicação de três comunicados em dois dias a União Nacional trouxe já á lide elementos mais do que bastantes para que se possa avaliar o tónus que irá presidir á sua campanha.

1. A trave-mestra de toda a propaganda do *partido único* é agora a insinuação, quando não a afirmação, de uma completa metamorfose no seu espírito, na sua composição e no seu significado político. Hoje — pretende-se —, a U. N não é já aquela plêiade de ultra-reaccionários que, durante quarenta anos, procurou dotar a ditadura de Salazar de um corpo de doutrina; nem aquele partido que até 1942-43 adoptava nos seus congressos a saudação fascista do braço esticado; nem aquela guarda-avançada da ditadura que, ao longo de vários simulacros de eleições efectuados desde o pós-guerra, foi beneficiária e cúmplice de todas as fraudes emanadas, de todas calúnias e operações repressivas de que o País tem notícia. Não, hoje a U. N. é uma «congregação de tendências políticas» em «saudável pluralismo de opiniões»; a oposição imaginava a U. N. «á moda antiga, esta não o é, felizmente». O monolitismo «era dantes».

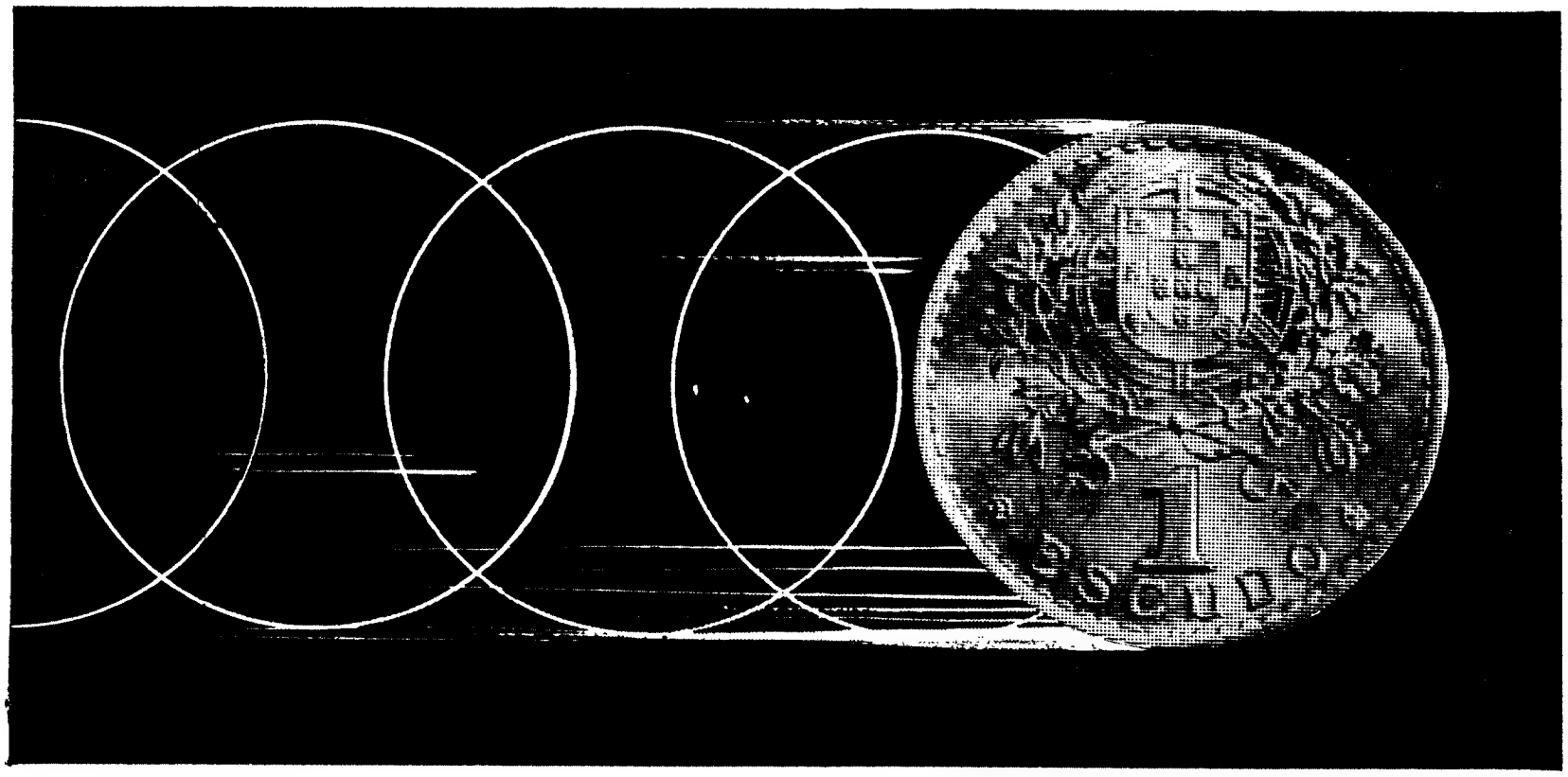
Ou seja: com um simples *passe* de capa, a U. N. procura fugir ás suas responsabilidades passadas e, a coberto de uma demagogia sem freio, apresentar-se como uma realidade completamente nova, sem compromissos históricos, inimputável, portanto. Mas o espectador está atento e o passe ilusionista não engana. Se quarenta anos de ditadura foram a expressão política da dominação de um punhado de privilegiados sobre a grande massa do povo, o que é que mudou, tão radicalmente, tão subitamente e tão á socapa, que permita á «nova» U. N. ser qualquer outra coisa que não o instrumento político dessas mesmas classes dominantes? Que estranha revolução foi essa, tão discreta, que ninguém deu por ela? E que repentina também, pois em Outubro passado ainda cá não estava...

Não. As grandes condicionantes do nosso país, no nosso tempo, estão já claras para a maioria do povo (que *não vota*). Enquanto a dominação for a mesma, enquanto a base sócio-económica do regime se mantiver, todas as transformações que o partido único operar na sua máscara pública, destinam-se a reforçar e defender das investidas populares os privilégios de alguns, ciosamente guardados e laboriosamente ampliados ao longo de quarenta e três anos de uma ditadura que se mantém inalterada.

Enfim, a «nova» U. N. proclama agora que «o modo porque espontaneamente se desenhou o xadrez eleitoral a colocou nitidamente no *Centro*». Mas a imprecisão dos direitos políticos que Marcello Caetano proclama e que tão bem serviria os interesses da U. N. não vai tão longe. O «centro», políticamente, corresponde a *uma posição conservadora no respeito das regras de um Estado de Direito*. A U. N. é um partido ultraconservador, sustentáculo de uma ditadura e de um Estado policial. Não vale a pena levantar poeira, recorrendo a formalismos sem qualquer significado.

Em suma: pese embora ao seu esforço, ninguém deixará de pedir á U. N. as contas que ao país deve pelas suas responsabilidades históricas. Passadas e presentes.

(Continua na pág. 8.ª)



DINHEIRO EM MOVIMENTO É SINAL DE RENDIMENTO.

Dinamize as suas economias, contribuindo para o desenvolvimento económico e social do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

PERFIL DOS CANDIDATOS

Publicamos a seguir as biografias dos candidatos da União Nacional pelo Círculo de Aveiro, segundo dados que nos foram fornecidos pelos respectivos serviços de candidatura.

Henrique Veiga de Macedo

Natural do concelho de Vila da Feira, o dr. Veiga de Macedo licenciou-se em Di-

Veiga de Macedo

reito na Universidade de Coimbra. Fez toda a carreira do I. N. T. P. no qual ingressou para desempenhar as funções de subdelegado e agente do Ministério Publico no Tribunal do Trabalho da Covilhã, sendo posteriormente transferido para idêntico lugar no Porto. Nesta cidade foi também inspector dos Organismos Corporativos, inspector do Trabalho e organizou a Caixa Sindical de Previdência e Abono de Família das Industrias Têxteis, de que foi o primeiro presidente. Em 1946 ascendeu á categoria de delegado do I. N. T. P., em Braga, de onde foi transferido para o Porto.

Entrou para o Governo em 1944, como subsecretário de Estado da Educação Nacional e, nesse alto cargo, teve acção decisiva, designadamente na elaboração e arranque do Plano Nacional de Educação Popular e na Campanha Nacional de Educação de Adultos. Em 1955 passou a exercer as funções de ministro das Corporações e Previdência Social. Dentre a sua vasta actividade, á frente deste sector da vida nacional, têm especial realce a elaboração do Estatuto Jurídico das Corporações, do Plano de Formação Social e Corporativo e do Estatuto da Federação das Caixas de Previdência.

E' actualmente presidente do Instituto de Obras Sociais do Ministério das Corporações.

Foi presidente da Comissão Executiva da União Nacional de 1961 a 1965. Deputado na VIII e IX Legislaturas, presidiu, no seu decurso, á Comissão Parlamentar de Trabalho, Previdência e Assistência e foi vogal da Comissão de Legislação e Redacção.

E' titular da Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo.

Joaquim Pinto Brandão

Natural da freguesia de Urrô, concelho de Arouca, nasceu a 22 de Março de 1901.

Terminou a licenciatura em Direito pela Universidade de Coimbra em 1925, após o que se dedicou ao exercício da advocacia.

A partir de 1930 exerceu diversos cargos no concelho da naturalidade, nomeadamente os de conservador do Registo Civil, de presidente da Camara Municipal (por

Pinto Brandão

duas vezes) e de provedor da Misericórdia.

Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional de Arouca de 1933 a 1936, é, actualmente, vogal da Comissão Distrital de Aveiro da União Nacional e conservador do Registo Civil no Porto. Foi deputado á Assembleia Nacional nas V, VI e VII Legislaturas.

E oficial da Ordem Militar de Cristo.

Lopo de Carvalho Cancella de Abreu

Fez os estudos secundários no Liceu de Pedro Nunes, de Lisboa, e licenciou-se em Medicina na Universidade de Lisboa, em 1938, com a média final de 17 valores.

Especializou-se em doenças pulmonares no Instituto Forhamini de Roma, tendo ficado aprovado nos exames

Cacella de Abreu

finais com a classificação máxima.

Doutorou-se em Medicina também na Universidade de Lisboa com a classificação de 18 valores.

O seu trabalho original acerca da suberose foi consagrado com vários prémios nacionais e internacionais.

Desempenhou os cargos de 2.º e 1.º assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa e é, desde 1951, director do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Tomou parte em dezenas de congressos no estrangeiro, tendo sido redactor ou co-redactor oficial nas 12.ª e 13.ª conferências da União Internacional contra a Tuberculose e no 15.º Congresso Internacional da Associação para o Estudo dos Brônquios.

E' membro de numerosas sociedades científicas nacionais e estrangeiras.

E' membro do Conselho da Direcção da União Internacional contra a Tuberculose, pertencendo igualmente á sua Comissão de Epidemiologia; da Direcção da Comissão Internacional Permanente para o Estudo da Medicina dos Seguros de Vida, e da Comissão Permanente da Associação Internacional da Medicina do Trabalho.

E' presentemente titular da pasta da Saude e Assistência e candidata-se a deputado pela primeira vez.

Manuel Homem Ferreira

Natural de Albergaria-a-Velha, tem 47 anos e licenciou-se em Direito pela Uni-

Homem Ferreira

versidade de Coimbra. E' advogado. Participou, apresentando comunicações nos três ultimos Congressos da União Nacional.

Foi deputado á Assembleia Nacional nas VII e VIII Legislaturas, tendo sido autor de um projecto de lei para alteração de alteração de algumas disposições do Código de Processo Penal que mereceu um louvor da Ordem dos Advogados. Fez parte do Concelho Jurisdicional da Associação de Futebol de Aveiro e é presidente da Comissão Distrital da União Nacional de Aveiro.

Manuel José Archer Homem de Mello

Tem 39 anos de idade, é advogado e industrial. Herdeiro de uma já longa tradição política e da posição local de seu pai — o conde de Agueda — foi deputado, aos 27 anos, pelo círculo de Aveiro, na legislatura de 1957 a 1961, sendo eleito segundo secretário da Mesa da Presidência da Assembleia na sessão legislativa de 1957 a 58. Na Assembleia Nacional teve várias intervenções de relevo, entre as quais a efectivação de um aviso prévio, acerca dos problemas migratórios e o anuncio de outro relatório á Imprensa em Portugal, que não lhe foi possível concretizar.

É director do semanário de Agueda «Soberania do Povo» e colaborador de vários órgãos da Imprensa diária.

Em 1961, após a sua pas-

Homem de Mello

sagem pela Assembleia Nacional, publicou um livro, em edição fora do mercado, no qual compilou a maior parte das suas intervenções parlamentares e a que deu título «Uma Experiência Política». Em 1962, publicou, com prefácio do marechal Craveiro Lopes, «Portugal, o Ultramar e o Futuro».

Desde 1963 que se encontrava completamente afastado da actividade política, á qual regressa identificado com as coordenadas políticas definidas pelo prof. dr. Marcello Caetano, sendo, desde Julho do corrente ano, um dos vogais da Comissão Consultiva da União Nacional.

Através da sua actividade profissional tem participado em vários congressos internacionais.

Manuel Marques Silva Soares

O dr. Manuel Marques da Silva Soares ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto ape-

Silva Soares

nas com 17 anos, depois de ter sido durante dez anos aluno do Colégio Militar.

Concluiu a sua licenciatura em 1933.

Desempenha, em Aveiro, os cargos de médico-chefe do Posto Clínico n.º 50, dos Serviços Médico-Sociais, director clínico do Hospital Regional e médico do Internato Distrital e também médico da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

E' presidente da Comissão Concelhia de Aveiro da União Nacional. E' pela primeira vez candidato a deputado á Assembleia Nacional.

Dezoito democratas aderiram à C. D. E. de Braga

Num comunicado da C. D. E. do distrito de Braga em que se dá conta da constituição de uma comissão de apoio em Vieira do Minho, torna-se pública, igualmente, uma mensagem de democratas que aderiram áquela comissão eleitoral.

É do seguinte teor a mensagem referida:

«Os signatários são democratas que, por diferentes razões não têm intervido directamente na presente campanha eleitoral, e alguns deles estavam até decididos a não intervir nela.

Agora, porém, que uma segunda lista de democratas foi apresentada no círculo de Braga, entendem não dever mais conservar-se alheados da situação criada, vivamente impressionados por tão lamentável facto, que só vem enfraquecer as forças oposicionistas.

Declaram, por isso, o seu apoio à lista da Comissão Democrática Eleitoral, porque tendo vindo a desenvolver um trabalho sério e eficiente desde o princípio do ano é aquela que mais oferece reais garantias de êxito na luta distrital pela Democracia.»

Assinam a mensagem os seguintes democratas: José Vicente de Sousa Ribeiro Júnior (comerciante); Aníbal Jorge Mendonça (jornalista); Camilo Gomes Lopes (alfarrabista); Joaquim Almeida Magalhães (chefe da P. S. P. aposentado); José Duarte Pinto (industrial); Fernando Sá Tinoco (técnico têxtil); Artur Silva (comerciante); José Jorge Peixoto (empregado de escritório); José Martins Ribeiro (alfaiate); Aníbal Quintela (agente comercial); Joaquim Rocha da Silva (seralheiro); Abel Ferreira (empregado comercial); Manuel Mendes (carpinteiro); Fernando de Vilhena Ferreira Gusmão (técnico de contas).

manifesto

Dos candidatos democráticos de Coimbra ao povo do distrito

Dos candidatos da Oposição Democrática de Coimbra recebemos, com pedido de publicação, um manifesto «Ao Povo do Distrito de Coimbra», em que se afirma:

«A concorrência da Oposição Democrática de Coimbra às próximas eleições para a Assembleia Nacional não se faz, evidentemente, sem uma linha de rumo que importa dar a conhecer aos eleitores. Qual o sentido da intervenção no escrutínio? Quais os problemas que preocupam os candidatos e quais as grandes soluções que se desenham para eles?

Antes do exame deste grupo de problemas — que constituem a razão de intervir, mas não do tipo de intervenção em concreto —, urge fazer o exame dos motivos que nos levam a intervir politicamente deste modo. Só a resposta às possíveis perguntas sobre a escolha de tal forma de conduta — a concorrência às eleições para a Assembleia Nacional — dará sentido à nossa intervenção, demarcando, ao mesmo tempo, as condições a que ela obedece.

O documento que hoje damos a público constitui o produto deste primeiro exame, a ele devendo juntar-se, dentro de breves dias, o dos problemas do distrito e do país que nos movem, no fundo, a não escolhermos o silêncio. Só o conjunto desses dois documentos traçará por completo as intenções de uma campanha que se deseja o mais séria e o mais serena possível, mas também, e por isso, sem qualquer sombra de equívoco sobre o que lealmente entendemos ser a verdade neste momento.

Apresentar-se uma lista democrática a eleições promovidas por um regime político que há mais de 40 anos tem combatido a Democracia, pode parecer a muitas pessoas de bom-senso uma atitude incoerente, se não de honestidade duvidosa. Iremos nós coonestar o regime? Iremos nós ratificar, com a ida ás eleições, o fogo-fátuo de essa liberalização que o regime alardeia ter consentido ultimamente.

Ninguém ignora que até 1945 as eleições para deputados ou para a presidência da República foram apenas ocasiões de propaganda, sem o mínimo viso de uma consulta popular. O sistema de círculo e de lista única, proposta pela organização política do Poder (a União Nacional) sem qualquer interferência de outras correntes de opinião — cuja importância, de resto, ninguém podia pôr em dúvida —, tendia a fazer do sufrágio uma apoteose do regime, de que o povo se alheava com instintiva repugnância.

É assim compreensível que democratas exigentes pressintam um logro num anúncio de eleições em circunstâncias políticas, que se se apresentam como novas — em relação às vigentes desde 1945 —, não se apresentam tão novas ou suficientemente novas para que possa dizer-se que o regime se alterou. Lá porque houve uma substituição de indivíduos na trave-mestra e o novo chefe preferiu um estilo mais consentâneo com os costumes civilizados e com uma outra e pessoal concepção de autocracia, não pode nem deve concluir-se que o regime não continua tão temível como era.

Não somos nós dos que acreditam que um homem faça e desfaça um sistema de governo, embora possa contribuir notàvelmente para dar coesão aos interesses dispersos, e até desavindos, que o reclamam ou repudiam — e de que ele é ou se torna o precioso suporte enquanto dure o equilíbrio e ele convenha a esse equilíbrio. Não é, por isso, a mudança de pessoas que nos promete uma mudança significativa do regime, mas antes a dialética dos interesses em jogo, os quais nos últimos tempos da própria chefia precedente tendiam já de alguma maneira a rejeitá-la. Os interesses de ressentimento e reacção, alimentados pela propaganda passadista e, depois da última guerra, que lhes frustou as ilusões, deslocados para o mito da defensão do Ocidente, esse culto do «orgulhosamente sós» a que a política africana trouxe o seu último pretexto — e o último reduto contra um capitalismo tecnocrático, desejoso de abrir-se à cooperação estrangeira e predisposto a transigir com o figurino europeu — esses interesses de ressentimento e reacção já em crepúsculo antes da crise de chefia sofrem hoje o embate desse capitalismo com uma força de impulso que desequilibra todo o regime. Decerto que a coincidência episódica entre a política africana e o capitalismo ocidental bem como a subsistência de uma latente «guerra fria» com tolerância benévola pelos baluartes do Ocidente ainda logram manter certo ponto de equilíbrio entre os interesses que conflituam no país mas não tanto que este último já não sinta essa luta e não sofra os vaivens em que se arrisca a sua sorte. Esta modesta liberalização do regime — com o anúncio de fiscalização das eleições, uma menor compressão do dia-a-dia político e alguma transigência cautelosa no período pré-eleitoral — deve-se assim a um mero xadrez de influências que nos corifeus de uma «União» que já se envergonha do seu nome tem as suas vanguardas de capitalismo «progressivo».

É esta espécie de conjuntura política, em que as pessoas mal contam ou contam apenas de relance, que dá um típico relevo às iminentes eleições. Mas urge ver que a evolução do regime, mesmo que chegue aonde o levam os interesses em luta, nunca se move, no fundo, pelas necessidades populares. É que os interesses só verdadeiramente estão em luta porque a prevista transigência com uma liberalização do sistema é condição de desenvolvimento do capitalismo dominante — da estabilidade no interior e da cooperação no exterior continuamente ameaçadas pelas tensões que se processam. Se uma consulta aparentemente regular der uma falsa dimensão dessas tensões, contribuindo formalmente para o crédito do regime, este retoma por algum tempo o seu fôlego e a «liberalização» tende a ficar naturalmente onde ficou. Só, por conseguinte, uma forte intervenção das grandes massas sofredoras do país na discussão desse crédito e no «contrôle» desse crédito—só a presença efectiva de uma oposição consciente e por isso, leal e generosamente interveniente, só uma oposição que se funde nas necessidades de um povo cujas carências não se iludem com arranjos políticos mais ou menos possíveis entre os que o tomam como presa, só uma intervenção deste género pode levar o país a evoluir para uma democracia verdadeira, obrigando o regime a desmentir-se a si próprio e a efectuar sèriamente a liberalização que prometeu.

É este esforço dum exame objectivo da situação e dos problemas do país que nos faz concorrer, como candidatura da oposição ao escrutínio de Outubro para a Assembleia Nacional. Na expectativa de que o Governo cumprirá o que anunciou quanto à regularidade da consulta, insistiremos sem tréguas em que ponha breve termo aos obstáculos subsistentes à informação do eleitor; à permanência de certa margem de censura mesmo no período da campanha eleitoral; ao «contrôle» exercido pelo Governo Civil sobre os prospectos ou selos que se põem em circulação (e isto numa época que se diz de Imprensa livre para que o escrutínio de Outubro seja libérrimo também...). Como estamos atentos — escrupulosamente atentos — aos desvios de rumo na regularidade prometida, muito embora a pretexto da legalidade e da ordem. O nosso interesse em intervir na eleição não nos dispensa do dever de denúncia de qualquer forma de regresso a uma política de terror.

Temos esperança que essa época não volte e que o sufrágio de Outubro venha realmente a fazer-se nas condições propagandeadas pelo regime: com aquele mínimo de regularidade exigida para que não seja uma dolorosa maquinação. Se isto acontecer, lá estaremos com certeza — não seguros do êxito mas do caminho do êxito para o Povo e o País que vão connosco ombro a ombro. Um passo a mais para a DEMOCRACIA e REPÚBLICA, para o «regime do Povo pelo Povo e para o Povo»!

Coimbra, Setembro de 1969

Os Candidatos da Oposição Democrática de Coimbra

Os candidatos da U. N. de Viana do Castelo dirigem-se ao eleitorado distrital

Para efeitos de publicação, recebemos o seguinte «Manifesto dos candidatos da U. N. pelo círculo de Viana do Castelo»:

«1. Conscientes das responsabilidades que envolvem as próximas eleições para deputados á Assembleia Nacional, os candidatos da União Nacional pelo distrito de Viana do Castelo submetem á apreciação dos eleitores o seu programa de trabalhos para a Legislatura de 1969-73, se para tanto merecerem a sua confiança. Ao fazê-lo, pretendem ir ao encontro das variadas tendências que, ao nível nacional e ao nível regional, contribuem para o esclarecimento da problemática portuguesa. Numa perspectiva dinâmica da História, perfilham a opinião de que a atitude crítica mais adequada ás dificuldades da hora presente será a que abranger, de forma integral, todos os ângulos da vida em sociedade. E, dentro desta orientação, não aceitam a visão parcialista que põe acima do interesse nacional a bandeira partidária.

2. Pela experiência dos últimos anos, e á luz das realidades do mundo contemporâneo, os candidatos entendem que é seu dever indeclinável respeitar fielmente a Constituição Política. A unidade do território nacional é ponto basilar dessa adesão ao texto constitucional, vigorosamente manifestada pelo povo português em todos os quadrantes.

3. No plano das ideias, acreditam que o aperfeiçoamento do Estado Corporativo deve ser fruto de uma «renovação permanente», adaptada aos condicionalismos de cada época não enjeitando, por isso, todas as alterações aconselhadas pela aplicação dos instrumentos legais do sistema. «Renovação permanente» na política económica, social e cultural; «Renovação permanente» na administração pública, na saúde e na previdência, na educação e na informação; «Renovação permanente» na dignificação e valorização do Homem, para salvaguarda dos seus direitos fundamentais e activa participação na vida colectiva.

4. Com Marcello Caetano, os candidatos pensam que o progresso económico deve caminhar lado a lado com a política social, num esforço coerente e organizado para tornar o trabalhador beneficiário equitativo da produção, e sustentam que a iniciativa individual é a força impulsionadora deste paralelismo. Com o Chefe do Governo, acreditam na função social da empresa privada e na vantagem — comprovada históricamente entre nós — de ás conquistas sociais se atingirem sem a luta de classes e a confrontação violenta de interesses; insistem na urgência do desenvolvimento regional e da revitalização dos meios rurais; preconizam a intervenção disciplinadora do Estado na vida económica. Com Marcello Caetano, defendem um Estado Social, mas não socialista, que promova o acesso das camadas deprimidas da população aos benefícios da vida moderna e dignifique a iniciativa privada.

5. Conscientes da necessidade de um progressivo aperfeiçoamento das estruturas colectivas, acompanham com o maior interesse a efectivação da reforma administrativa, a valorização dos organismos sindicais e gremiais na linha de autenticidade, liberdade e eficiência, o aperfeiçoamento do seguro social e seu contínuo alargamento a toda a população, bem como a dinamização da justiça e da administração.

Os agrupamentos naturais da vida colectiva, como a família, o município e as associações profissionais, merecer-lhes-ão também a maior atenção na legítima salvaguarda dos seus direitos e permanente intervenção na vida da colectividade, pondo igualmente todo o empenho na dignificação do papel que compete á mulher na sociedade moderna, como mãe, esposa e profissional.

6. Sem esquecer por um só momento a juventude, os candidatos pensam que ela deverá ser chamada a encarar os problemas nacionais num plano de participação activa. Deste modo, reconhecem a importância fundamental do problema da educação e condenam toda e qualquer atitude de negligência na preparação dessa juventude para a vida política, pois entendem que só o conhecimento directo das realidades nacionais lhe dará a possibilidade clara de fazer opções, afastando-a dos caminhos tortuosos da escusa, do comodismo ou do aburguesamento. Falando de «juventude», pensam não apenas na população estudantil mas também nos trabalhadores, nos operários e nos soldados, que, pela afirmação quotidiana do seu valor frontalmente condenam todos os exemplos de abastardamento e de fraqueza.

7. Desenvolvendo uma política de reformas, a marcha da «renovação permanente» obedecerá á ideia de que o desenvolvimento regional deve integrar-se nas linhas gerais do progresso nacional, com vista a uma correcção progressiva dos desequilíbrios existentes. No caso específico do Alto Minho, a que estão ligados directamente, os candidatos sentem que uma evolução ascensional tem de principiar pela reforma das mentalidades que a defendem e animam. A conhecida imagem do «fogo morto» (para usar a expressão do historiador minhoto José Cardas), os candidatos opõem o espírito renovador e insatisfeito de quem não

(Continua na 8.ª página)

O estado actual da Previdência e

Conclusão da mesa-redonda em que participaram Alberto Pedroso (C. D. E.), António Pardete da Fonseca (C. E. M.) e Francisco de Sousa Tavares (C. E. U. D.). Interveio como moderador, a convite do «Diário de Lisboa», Francisco Marcelo Curto

MODERADOR — Eu penso que este assunto está a ser bem tratado e eu só desejava recordar um ponto, aliás um ponto que o dr. Sousa Tavares já tratou que é o problema do direito da reforma e da invalidez, diminuírem por terem sido calculados em função do ordenado mínimo contratual e obtido pela média de muitos anos de trabalho.

SOUSA TAVARES — Não é possível encarar o pagamento dos subsídios de invalidez e da reforma doutra forma, enquanto não for abandonado, pelo menos parcialmente, o sistema de capitalização que é o sistema que se pratica. Quer dizer: enquanto a massa das contribuições para a Previdência não for totalmente distribuída ano por ano, enquanto predominar, uma preocupação financista na previdência nacional, é evidente que o aspecto social, que a finalidade social que ela deve ter naturalmente, será fatalmente afectado e destruído. As Caixas não têm que ser organismos para dar dinheiro, isto é, uma previdência social deve existir para dar o máximo de benefícios, dentro das possibilidades económicas do País, aos trabalhadores, e não para construírem um sistema assente numa capitalização duvidosa, cujas bases estão a ser sistemàticamente destruídas através de empréstimos que serão resgatados em moeda desvalorizada e, portanto, que afecta profundamente a escala de benefícios recebidos pela população. Isso tem causado entre outros males a desconfiança das nossas classes trabalhadoras perante a previdência. O esquema de benefícios que tem existido, é tão parco que normalmente os trabalhadores não compreendem o esforço que lhes é pedido, nem às entidades patronais. E não digamos que se paga muito pouco em Portugal para a Previdência Social. Hoje em dia, já na maior parte dos ramos de produção se atingem percentagens de 26 a 27% da massa de salários pagos, e embora estejamos a distância de certos países muito desenvolvidos que podem suportar um encargo maior, em todo o caso esses 26 ou 27% deveriam permitir se fossem aplicados essencialmente em benefícios para os trabalhadores, num esquema radicalmente diferente e totalmente oposto ao actual, uma melhoria extraordinária nas condições de vida das classes trabalhadoras em Portugal.

ALBERTO PEDROSO — Gostaria só de acrescentar, ainda sobre este aspecto, que não podemos comparar as percentagens descontadas entre nós para a previdência, com as praticadas noutros países. Pelo menos ao fazermos esse confronto devemos ter presente quais as vantagens que esses sistemas oferecem. Portanto, a comparação está falseada na medida em que os benefícios que são concedidos em sistemas estrangeiros são totalmente diferentes nem de longe nem de perto se assemelhando àquele que existe no nosso país.

MODERADOR — Podemos portanto passar aos temas seguintes que serão a eventual maior contribuição do patrão para os encargos da previdência e a cobertura de todos os riscos, incluindo desemprego e acidentes de trabalho.

ALBERTO PEDROSO — Eu penso que, em relação ao ponto que se põe do aumento da contribuição da entidade patronal, a solução mais correcta e mais adequada será a transformação da modalidade de contribuição da entidade patronal. Concretamente, penso que a contribuição não deve ser estabelecida numa base fixa, mas sim numa base de imposto progressivo calculado sobre o rendimento da própria empresa. Parece-me, sem dúvida alguma, que esta situação será mais justa e mais adequada à situação e ao estado das empresas.

PARDETE DA FONSECA — Não concordo completamente que a contribuição não seja fixa, porque nós sabemos que há milhentas maneiras de se fugir à declaração do rendimento, e é o que acontece no dia-a-dia, procura-se sempre o melhor caminho para se pagar o menos possível. Portanto, isso iria dar uma possível imprevisão na previsão que se quisesse fazer. Pode-se, contudo, seguir um caminho duplo: uma parte incida, de facto, sobre o rendimento e outra parte será fixa. De qualquer das maneiras estou convencido de que o Estado, através das contribuições gerais, pode subsidiar, por exemplo um Serviço Nacional de Saúde, o que acontece em países mais desenvolvidos. Na realidade não seria pago pelo Estado, seria pago por cada cidadão que paga as suas contribuições.

SOUSA TAVARES — Eu, embora ache teòricamente boa a ideia do Alberto Pedroso, não estou realmente de acordo com ela, considero-a um pouco idealista, quer dizer, dentro da necessidade de financiamento e de cálculo de previsão que realmente se exige ao seguro social, a prestação por percentagem efectiva dá uma base sólida a uma previsão de gastos anuais da previdência. Mas orientando-se o seguro social para o sistema de distribuição, e que eu considero fundamental e com base na justiça da aplicação do seguro social, tem que ser com base no cálculo do rendimento do trabalho nacional do ano anterior que se pode fazer variar o esquema da previdência em relação ao orçamento de cada ano. Quer dizer, eu concebo um orçamento, um esquema flexível, que se pudesse ir aperfeiçoando de ano para ano, com a melhoria da produção nacional, e do rendimento do trabalho, que iria crescendo no seu montante até atingir o nível necessário para a satisfação distributiva dum perfeito seguro social. O que não devemos esquecer, e isto é completamente esquecido pela previdência portuguesa, é que um seguro social constitui uma resdestribuição efectiva de salários. Se é subtraída uma massa de salários para um sistema de capitalização, isso acarreta fatalmente um desequilíbrio económico muito grande, pela subtracção ao consumo duma massa grande de rendimento de trabalho que devia existir no mercado nacional. Quer dizer, esse subconsumo é prejudicial até sob o aspecto económico, além de acarretar uma privação grande das massas trabalhadoras e não equivale, portanto, à redistribuição e á segurança social que a previdência tem que constituir. Portanto, eu penso que, embora seja difícil no momento presente da produção portuguesa, exigir maiores contribuições patronais do que aquelas que já são pagas, deve incidir o nosso esforço, neste momento, numa adaptação do sistema de seguro social a um esquema de distribuição e a um estudo económico e financeiro do máximo de benefícios que poderiam ser obtidos através duma economia dos gastos de administração, através duma concentração de serviços à escala nacional em vez de estarem fragmentados por dezenas e até centenas de Caixas de Previdência, através duma nacionalização geral desse serviço. A economia que se podia obter em quadros na utilização eficiente, de sistemas de contabilidade mecanográficos, e através, portanto, da reestruturação geral da previdência, saindo do sistema das Caixas para um sistema de seguro nacional, poderá mesmo ao nível de contribuições médias que hoje é exigido às entidades patronais e ao trabalhador, obter muito maiores benefícios desde já e graduá-los depois progressivamente de acordo com as possibilidades da produção nacional.

Francisco Marcelo Curto

ALBERTO PEDROSO — Subscrevo as objecções postas relativamente às possibilidades de fuga; simplesmente não duvido também que, na realidade, essa mesma situação é já hoje possível e existente. Na verdade, todos nós sabemos que os salários e ordenados indicados por muitas empresas não correspondem aos salários reais pagos aos trabalhadores. Não obstante, continuamos a assistir, anualmente, á elevação vertiginosa dos capitais da previdência. Isto me leva a concluir que esse risco, a verificar-se, não poderia influenciar decisivamente os valores e reservas das instituições, até por que se deveria encarar o «contrôle» e inspecção dos rendimentos declarados, coordenando-os com a fiscalização já exercida actualmente pelo Estado, para efeitos fiscais. Gostaria também de sublinhar que os benefícios distribuídos pela previdência devem revestir a feição duma redistribuição dos rendimentos, corrigindo parcialmente as flagrantes desigualdades. Ressalve-se, no entanto, e desde já, não se pretender corrigir através da Previdência a má distribuição do rendimento nacional. Para atingir este objectivo não basta a Previdência nem servem de modo algum as estruturas socio-económicas e políticas vigentes. no País.

PARDETE DA FONSECA — Eu queria acrescentar um ponto. Será sempre necessário ou não esse aumento de vencimentos? Estou convencido que na realidade, uma maior cobertura dos seguros sociais corresponde a um aumento de salários e o seguro social alargue as situações de desemprego, se se conseguir que na velhice as pensões sejam mais elevadas, nós estaremos automàticamente, a pagar maiores vencimentos aos operários, porque isto equivale, no fundo, a um aumento de salário. É como o próprio abono de família que pode considerar-se um sobre-salário, que tem em vista o operário não individualmente mas em função da sua família.

SOUSA TAVARES — É evidente que nenhum esquema de seguro social é possível de conceber sem a cobertura do seguro de desemprego. Quer dizer, é um aspecto complementar de todo o esquema de seguros sociais. Inclusivamente no nosso sistema o desemprego pode acarretar, nalgumas circunstâncias, a perca de benefícios já anteriormente possuídos, quer dizer, o direito a benefícios já adquiridos por vários anos de trabalho, o que me parece particularmente grave e que afecta um direito fundamental do trabalhador, inclusivamente às deduções e contribuições do trabalho que fez, possívelmente até durante anos, e que perde completamente pelo facto de se enconrar desempregado. A não ser que durante o período em que esteja desempregado ele possa fazer esforço voluntário de pagar a totalidade das suas contribuições para a previdência. Ora, isto é absolutamente absurdo, porque é evidente que é durante o período de desemprego que o trabalhador mais necessidades económicas tem, e nessa altura exigir-lhe o pagamento voluntário da totalidade da contribuição para não perder os direitos adquiridos é uma violência absolutamente incrível. Portanto, o seguro de desemprego com a conservação de todos os direitos já adquiridos parece-me basilar para atingirmos um mínimo de justiça no sistema, mesmo actual, dos seguros sociais em Portugal. Além disso é evidente que a situação de desemprego é uma das situações graves que se põe à sociedade, não só pela sua repercussão directa, na situação individual do desempregado, como, inclusivamente, pelo pelo subconsumo, determinado pela situação generalizada de desemprego. Quer dizer, aumentando a curva de desemprego dá-se um abaixamento no consumo, que pode acarretar, por sua vez, um abaixamento na produção, com todos os efeitos de repercusão económica em cadeia que isso acarreta. E que pelo menos um seguro social de desemprego pode estabilizar a um nível mínimo. Portanto, o seguro social de desemprego, numa base de garantia dum salário mínimo, é, parece-me absolutamente necessário reinvindicar. O seguro de acidentes de trabalho é também um seguro complementar que já hoje é exigido a muitas empresas, e que já muitas fazem voluntàriamente, mas que deveria ser generalizado, de facto, como um seguro social obrigatório.

ALBERTO PEDROSO—Apenas desejo completar acentuando que a cobertura do risco de desemprego está prevista muito vagamente em termos muito gerais, quer na lei actual, lei n.º 2115, quer igualmente na lei anterior, simplesmente redigida e posta em termos tais que impossibilitam a sua prática: fazendo-a depender de regulamentação especial, regulamentação essa que desde a primitiva lei de 1935 nunca foi promulgada. Por outro lado, abordando a inclusão do desemprego involuntário dos riscos sociais a cobrir pela previdência social, entendo que nós não devemos deixar de salientar a existência, desde 1932, dum fundo a que se chama Fundo de Desemprego, o qual foi criado para uma emergência, e continua a vigorar em nossos dias. E já lá vão cerca de 40 anos... Esse Fundo de Desemprego tem servido quase exclusivamente para a realização e financiamento de obras públicas locais. Apenas tem tapado buracos em lugar de servir a cobertura dum risco social efectivo e que no nosso País, frequentemente assinalável.

PARDETE DA FONSECA — Falou na questão do fundo de desemprego. Eu gostaria de acrescentar que de facto em certas ocasiões o fundo de desemprego pode ser um paleativo como em certas regiões onde há questões de desemprego razoável. No Alentejo utiliza-se o Fundo de Desemprego para certos trabalhos públicos precisamente na altura em que o trabalhador está numa fase de dificuldades económicas por falta de trabalho. É claro, que o que eu não considero é que seja este o caminho a seguir. É certo que pode remediar uma situação de emergência. Como situação de emergência acho que está certo, como situação que se arrasta há dezenas de anos acho que está completamente errado. Só a conversão desse Fundo de Desemprego num verdadeiro e estruturado seguro de desemprego pode ajudar a resolver o problema do desemprego ocasional e involuntário, porque a situação de desemprego ocasional é uma situação que traz não só perturbações de ordem económica para o indivíduo, como também pode causar traumas psicológicos que podem, inclusivamente, fazer perder a própria autoridade do chefe da família, na medida em que deixa de ser ele a fonte de rendimento da família. E especialmente hoje em dia, em que o trabalho da mulher cada vez se alarga mais, o facto de o chefe de família ser privado dos seus recursos económicos é bastante grave ao nível do quadro familiar. Em relação aos seguros de acidentes de trabalho não tenho pràticamente nada a acrescentar. É da maior urgência que ele seja incluído num esquema de seguros sociais, porque se pode dar o caso, cóm um regime de seguro voluntário, de a falência duma empresa privar o trabalhador das indmenizações a que possa ter direito.

e as reformas que se impõem

ALBERTO PEDROSO — Ainda sobre a ampliação de cobertura dos riscos existentes é oportuno encararmos também ser já mais que tempo de promover a universalização da cobertura do risco de sobrevivência. O esquema existente, muito limitado e recente, funciona através da Caixa Nacional de Pensões, a partir de 1965, cobrindo tão só algumas actividades. Modalidade dispendiosa (mas de interesse real) mas tem merecido o favor dos responsáveis da previdência corporativa, mais interessados na solidez financeira das instituições do que com as condições económicas elementares dos trabalhadores e seus familiares.

SOUSA TAVARES — Gostava ainda de dizer duas coisas. Uma, refere-se ao aspecto, que eu considero escandaloso, do pagamento das horas extraordinárias, que são pagas com 50 % sobre o salário, e em que metade desses 50 %, portanto, 25 %, vão como contribuição directa dos trabalhadores para o Fundo Nacional de Abono de Família. Este aspecto aliás revolta quase toda a gente que tem trabalhado nas empresas, e cria, muitas vezes, até uma aversão dos trabalhadores á prestação de horas extraordinárias. Pessoalmente, tenho verificado que em muitas empresas se supre o pagamento, cobindo voluntáriamente esses 25 %. Mas isto são sempre aspectos voluntários de paternalismo, que não invalidam a arbitrariedade legal, que é a subtracção dos 25 %, honradamente ganhos pelo trabalhador, com o seu trabalho extraordinário, servirem para o financiamento de um Fundo Nacional de Abono de Família. Infelizmente, ainda por cima a aplicação desse fundo tem sido muitas vezes desviada para fins que nada têm a ver com o abono de família. O outro aspecto era, não quero deixar de reconhecer, o perigo que ás vezes pode haver em países sem grandes tradições de trabalho, como o nosso, da criação dum seguro efectivo de desemprego. Isto é: de poder ser um incitamento ao não trabalho. Penso portanto que esse seguro social do desemprego deve ter como 1.ª finalidade: a conservação de todas as vantagens de previdência ao trabalhador; 2.º, o mínimo vital, porque de facto nas nossas condições de educação e ainda de falta de amor ao trabalho, podia ter de facto consequências sociais relativamente graves.

MODERADOR — Penso que em ordem ao aspecto da cobertura do seguro social de desemprego, estaremos práticamente entendidos.

ALBERTO PEDROSO — Permito-me contrapor uma ligeira objecção: 1.º, não esqueçamos que o seguro a instituir será um seguro de desemprego-involuntário; 2.º, esse seguro terá, naturalmente, a sua regulamentação própria. Nestas condições é improvável o risco que o dr. Sousa Tavares enunciou. Pelo menos muito difícil de se verificar.

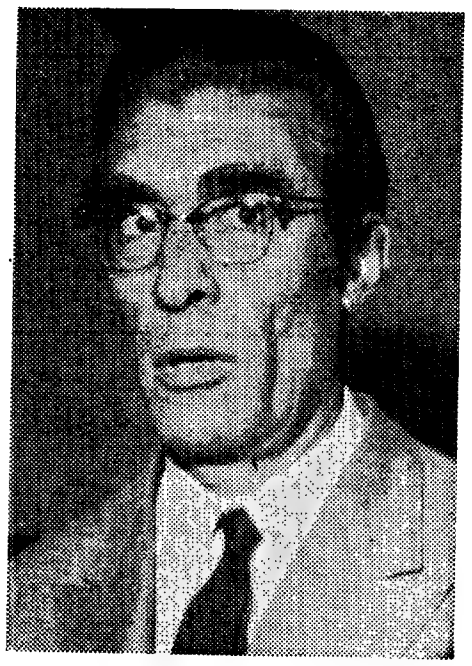
MODERADOR — Parece-me que chegou á altura de fazermos uma revisão rápida das opiniões aqui expandidas e que para remate seria de resumirmos a nossa opinião, a opinião geral dos intervenientes, sobre a questão da Previdência.

PARDETE DA FONSECA — Para resumir o problema em linhas gerais, podemos dizer que nesta mesa-redonda vimos essencialmente que o que estava errado era o problema da capitalização e de não existir uma cobertura total de todos os riscos baseados num sistema de distribuição. Uma vez que a base do sistema está errada é natural que se façam sentir os seus efeitos em todo o resto do sistema. O que não quer dizer que, em certos casos, mesmo dentro da actual conjuntura, não pudesse haver uma melhoria geral em determinados aspectos. Contudo, insistimos, que é fundamentalmente de interesse corrigir a base. Impõe-se a transformação da capitalização das contribuições dos beneficiários num sistema de distribuição ou num sistema misto.

ALBERTO PEDROSO — Desta nossa troca de impressões creio ser possível extrair algumas conclusões. 1.º — o actual sistema de Previdência não corresponde, nem de longe, nem de perto, ás necessidades efectivas da população portuguesa, além de não corresponder também, ainda menos, ás exigências que se devem formular a uma política de segurança social; 2.º — a inexistência dessas condições resulta do facto de ser impedida na prática a participação dos trabalhadores, da população, na administração dos organismos de Previdência Social; 3.º — a reforma da Previdência Social Portuguesa é uma tarefa urgente, impondo-se a remodelação profunda das estruturas em que se encontra baseada, bem como dos seus processos de acção e objectivos. 4.º — essa revisão só pode ser feita após a conclusão dum amplo debate entre toda a população, no qual se possam manifestar livremente sobre o que deverá ser e como estruturar um sistema de segurança social orientado pelo povo, dirigido pelo povo e servindo inteiramente o povo.

Alberto Pedroso

António Pardete da Fonseca



Francisco de Sousa Tavares

SOUSA TAVARES — Resumindo: abandono da ideia de previdência social e passar a falar em seguro social obrigatório. Abandonar a ideia de capitalização e adoptar o sistema da predominante distribuição, ainda que com uma pequena constituição de reservas para segurança do seguro da velhice. Acabar portanto com o financiamento indirecto do Estado ou de fins á margem do Estado, através de empréstimos, exclusivamente destinados a serem subscritos pela Previdência Social, como se passa actualmente. Abandono da preocupação de «financismo» e isso só pode ser obtido realmente pela adopção do esquema da distribuição em ordem á Previdência Social, e, portanto, da orçamentação anual das despesas do seguro social e da acção supletiva do Estado para cobertura dos seus «déficits». Seguro de doença, ligado ao problema nacional de saude e á criação duma rede hospitalar efectiva; desaparecimento de dois esquemas sobrepostos: o esquema da assistência médica hospitalar do Ministério da Saude e o esquema dos postos clínicos da Federação das Caixas de Previdência do Ministério das Corporações, e, inclusivamente, o 3.º esquema da assistência médica geral na clínica particular do médico, e a unificação destes vários esquemas para a obtenção dum maior rendimento de um seguro de doença; aliás, a taxa já hoje paga para ele de 4 %, teria permitido, sem duvida, um equipamento completamente diferente e uma efectividade muitíssimo maior na prestação deste seguro. Finalmente, adopção imediata do seguro social do desemprego e do seguro social dos acidentes de trabalho. Estes são os aspectos fundamentais sobre que incidiram as minhas intervenções.

PARDETE DA FONSECA — Eu só queria acrescentar uma coisa ao Alberto Pedroso, que é o seguinte: não acredito na possibiproblema. Acredito sim numa equipa de especialistas, que saem dessa população, naturalmente, e que vão estudar o problema. E' claro que a opinião publica terá que ser lidade da população em geral estudar o problema, até porque ela não conhece o informada de todos esses trabalhos e terá que acompanhar e terá que apoiar ou discordar, naturalmente, através dos seus representantes, mas, enfim, pôr o problema assim a nível nacional, ao nível da população em geral... acho que ela não se encontra preparada para saber qual é o melhor caminho em matéria tão especializada pois não se encontra informada, até porque nós sabemos que a opinião publica hoje em dia, se existe, está deturpada por uma informação limitada que a desabituou de se debruçar sobre certos problemas.

ALBERTO PEDROSO — Permito-me discordar, pois considero que a melhor forma, mesmo a unica forma de as pessoas entrarem realmente nos problemas, tomarem conhecimento com eles e estarem habilitadas a gerir-se e a governar-se a si próprias tem de assentar necessáriamente na acção. De facto, só praticando e tomando contacto com os problemas encontraremos as soluções adequadas. Necessáriamente que este debate não virá a ser feito sem a devida preparação, portanto sem que, préviamente, sejam elaborados todos os estudos preliminares necessários. Mas, mesmo nesses estudos (e aqui discordo também do Pardete da Fonseca) a participação dos trabalhadores não só é necessária mas é, sobretudo, indispensável. Sem isso, sem a participação autêntica dos trabalhadores, qualquer reforma que se faça está falseada na origem. Este é um ponto fundamental.

SOUSA TAVARES — E' evidente que o seguro social tem que passar a fazer parte das reivindicações dos sindicatos livres. E portanto, os sindicatos terão obrigação de inserir o estudo do problema do seguro social nas suas predominantes preocupações; o esquema de seguro social, hoje em dia, é determinado, fundamentalmente, pelo Ministério das Corporações sem intervenção, nem discussão, práticamente, das entidades patronais ou das entidades trabalhadoras. A representação sindical e gremial nas administrações das Caixas de Previdência é uma representação absolutamente de carácter fiscalizador e passivo. Quer dizer, os esquemas de Previdência estão, portanto, subtraídos á discussão e á preparação dos seus principais interessados. Neste ponto estou inteiramente de acordo com o Alberto Pedroso. E suponho que o Pardete da Fonseca também está. E' evidente que o estudo técnico do seguro, dos esquemas possíveis de obter, da orçamentação, das aplicações de tabelas necessárias para obtenção deste ou daquele benefício, só pode ser dado por especialistas. Também neste ponto suponho que o Alberto Pedroso estará de acordo com o Pardete da Fonseca.

MODERADOR — Parece-me que de facto interpreto o que pensam os presentes, dizendo que não há uma diferença fundamental, porque na verdade o estudo da Previdência teria que ser feito através dos representantes reais dos trabalhadores. Penso que podemos pôr termo a esta mesa redonda e o «Diário de Lisboa» agradece a vossa comparência e espera que tenha sido uma contribuição válida para o problema da Previdência.

Ao promover a série de mesas-redondas que tem vindo a publicar, o «Diário de Lisboa» pretendeu possibilitar, num clima de convivência cívica, o diálogo entre pessoas representativas da pluralidade de opiniões que está expressa nas diversas candidaturas. Esta abertura a todas as correntes de opinião é aliás uma das características da independência do nosso jornal, como dissemos no primeiro numero de «Mesa-Redonda — Especial Eleições». Por isso convidamos a intervir no debate representantes de todos os movimentos que, em Lisboa, propõem candidatos a deputados: a União Nacional, a Comissão Democrática Eleitoral, a Comissão Eleitoral de Unidade Democrática e a Comissão Eleitoral Monárquica. Infelizmente, a União Nacional não pôde, até agora, considerar o nosso convite. Continuamos esperançados de que possa ainda fazê-lo a tempo de participar em alguns dos debates que publicaremos até ao fim da campanha eleitoral.

tem a palavra o leitor

Se cessasse para a Metrópole a exportação das riquezas ultramarinas como se equilibraria a balança de pagamentos?

Subscrita pelo industrial António Bartolomeu Machado da Cruz, administrador da Indústria Fosforeira Angolana, S. A. R. L., residente em Luanda e acidentalmente em Lisboa, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«Sr. director do «Diário de Lisboa»:

Sou português radicado em Angola e, pelo contacto humano, resultante de convivência de 30 anos com portugueses brancos e negros desta Província, não posso alhear-me dos problemas equacionados no presente momento político e julgo meu dever manifestar estranheza pela discussão duma hipotética separação das Províncias Ultramarinas Portuguesas.

Não venho invocar raízes históricas de 400 anos; tão-pouco o abandono a que os interesses ultramarinos foram votados, durante algumas décadas. Procuro, sim, evidenciar alguns pontos da vista — não apenas pessoais, mas também de uma numerosa comunidade que — embora pareça estranho e ousado — se permite pensar.

O eminente professor catedrático, escolhido para timoneiro da Nação, abriu a salutar janela da «conversa em família». Conversa não é monólogo e jamais se negou esse conceito de «família multiprovincial» que nos envolve a todos nós os portugueses do Ultramar.

Compreendo que, no presente momento, difícil é expor claramente a situação destas Províncias no âmbito nacional, porquanto essa situação poderia ser considerada antipolítica, no que visa a opinião pública internacional. Contudo, a discussão do problema ultramarino não pode permanecer «tabu», até porque determinados sec-

(Continua na pág. seguinte)

A C. D. E. de Lisboa responde à U. N.

«Continuação da 3.ª pág.)

De resto, quando a U. N., a «nova» U. N., silencia por completo as inúmeras restrições que têm sido postas á actividade das comissões de oposição (designadamente pelos cortes de Censura) e vem bradar que a campanha tem decorrido em ilimitada e impecável liberdade, não está a fazer mais do que revelar a perfeita continuidade dos seus processos, a linear identidade dos seus propósitos.

2 Outro ponto de relevo na táctica do partido único consiste em tentar forçar a ida ás urnas dos seus opositores: «Não se podem levantar questões tão importantes e melindrosas sem uma finalidade concreta, decidida e honesta. Em actividades eleitorais, só pode ser a de, perante as urnas, obter o veredicto do eleitorado acerca dessas questões» (...) «Vamos a isto das eleições, *mas a sério*» (...) — proclama ela á C. E. U. D., por um candidato desta ter feito a cristalina afirmação de que a ida ás urnas, para a C. E. U. D. estaria dependente da utilização durante a campanha por parte das autoridades, de um mínimo de lisura de processos.

E compreensível a afirmação da U. N. As eleições, apesar de todas as restrições que lhes são postas, constituem ainda um período incómodo para o regime. A pequena margem da sua tolerancia, neste período, é suficiente para um esclarecimento e uma denúncia pública que não deixam de causar algum abalo na sagrada ordem do Regime. E se o Governo e a U. N. estão dispostos a pagar o preço, é porque esperam poder acenar ao Ocidente com o que é norma ser resultado de eleições: percentagem de vencedores e percentagem de vencidos. Os vencidos são indispensáveis á «legitimação» do regime. Sem vencidos, a «base popular» do regime, a «política nacional» do Estado Novo, não terão verosimilhança — e a opinião internacional continuará a associar-nos com Saigão e com os coronéis gregos.

Por isso, para a U. N., correr os riscos, embora magros, a que a campanha eleitoral a sujeita, para nada de útil poder dela retirar, e inaceitável. Daí o empenho que põe — e o pânico que trai — em que as oposições vão ás urnas na base de um recenseamento de 19% da população, sendo certo que os seus partidários estão sempre inscritos «oficiosamente» e que a oposição não pode desenvolver livremente e em tempo útil, a sua campanha pelo recenseamento das grandes massas populares.

Todavia, a oposição não vem ás eleições servir as conveniências do partido único. Pela nossa parte, estamos conscientes de que a ida ás urnas dará pretexto ao regime para invocar uma legitimidade que não tem, mas que não nos será possível desmentir, pois a partir de 26 de Outubro, as «facilidades» acabam, por não servirem já os interesses da U. N. e do Governo. Por isso, só vamos ás urnas se com isso conseguirmos do regime o tal mínimo de lisura de processos por forma a dar ao sufrágio a expressão exacta do pensar do eleitorado e apesar deste não ser a população.

3. O último ponto a reter da actual política do partido único é a tentativa de deslocar a principal clivagem desta campanha dos pólos Regime-Oposição para os de bons portugueses-maus portugueses. Recorrendo á sua linguagem tradicional, chocarreira e demagógica, a U. N. tenta meter uma cunha no seio da Oposição para a cindir e para aniquilar em separado. Insinuando que «convive» com a C. E. U. D. («sem viseira corrida»...) e incluindo-a no naipe dos «bons portugueses», a U. N. procura isolar os «maus portugueses» que somos nós para melhor poder depois cobrir-nos dos habituais anátemas dos reaccionários. Do mesmo passo, a manobra visa destruir a verticalidade política da C. E. U. D., propalando a notícia de «convívios» que, seguidos de reticências, têm o sabor dos mais estranhos conluios.

Se a U. N. fosse, como pretende ser, a «nova» U. N., nós dir-lhe-íamos que tudo seria de esperar menos tamanha dose de egarite de processos. Mas a U. N. é apenas a U. N. de sempre.»

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

HOJE

Da Oposição

ALCANENA — Às 21 e 30, da C. D. E. de Santarém.

LISBOA — Às 21 e 30, no Teatro Vasco Santana (à Feira Popular), da C. E. U. D. Preside o prof. Vitorino Magalhães Godinho, com a participação de Rui Grácio, Rogério Fernandes e José Esteves e os candidatos José Carlos Mégre e Jaime Gama, num debate sobre o tema «Educação e Juventude».

— Às 21 horas, no Centro Escolar Republicano Fernão Boto Machado, da C. D. E. Preside o candidato Sottomayor Cardia.

— Às 21 horas, no Centro Escolar Republicano Alberto Costa da C. D. E. Debate sobre problemas bancários.

PORTO — Às 21 e 30, na sede da C. D. E. do Porto, primeira reunião para discussão dos problemas de fiscalização.

VENDAS NOVAS — Às 20 e 30, no cinema local, da C. D E. de Évora.

Da U. N.

BOMBARRAL — Às 21 e 30.

TOMAR — Às 21 e 30, no Cine-Teatro de Tomar.

AMANHÃ

Da Oposição

LISBOA — Às 21 horas, no Clube Atlético de Alvalade. Preside o candidato Joaquim Mestre

PORTIMÃO — Uma sessão da C. D. E. de Faro.

MATOSINHOS — Às 21 e 30, no Teatro Constantino Nery, da C. D. E. do Porto.

Da U. N.

VIANA DO CASTELO.

TAVIRA.

DIA 11

Da Oposição

CANTANHEDE — Colóquio da C. D. E. de Coimbra.

CONDEIXA — Às 15 horas, colóquio da C. D. E. de Coimbra.

FIGUEIRA DA FOZ — Às 21 e 30, no Parque Cine, da C. D. E. de Coimbra.

LISBOA — Às 21 e 30, no Cinema Tivoli, da C. E. U. D.

Da U. N.

PORTO — No Coliseu do Porto.

Manifesto da U. N. de Viana do Castelo

(Continuação da 5.ª pág.)

aceita que o distrito tenha caído num marasmo fatalista, enquanto outras parcelas do território nacional constantemente se valorizam.

Região povoada intensamente, minifundiária e policultural, o distrito de Viana do Castelo continua a assentar na agricultura, mas sofre, actualmente, as consequências de um vasto surto de emigração, reflectido nas carências de mão-de-obra, na fragmentação das élites e no alastramento perigoso da citada mentalidade conformista.

Para estancar a emigração e estabilizar a vida social, torna-se necessário oferecer melhores condições de trabalho e remuneração a quantos procuram fora do distrito e no estrangeiro compensação para as carências do «habitat» natural. Corolário desta verdade, a vitalização da indústria, da agricultura e do comércio aparece como única solução positiva. Mas «vitalizar» não pode ser tarefa dos indivíduos, isoladamente, pois exige a participação solidária de todos os que estão ligados á vida económica local. Daí a necessidade de pôr em prática um esquema conjuntural de economia de grupos, em todas as modalidades associativas e cooperativas aconselháveis, onde as aspirações individuais se enquadrem na moldura mais ampla dos vários sectores em que se integram. Por tudo isto, os candidatos comprometem-se a defender na Assembleia Nacional uma política de fomento que, ao mesmo tempo, fixe o homem á terra e realize o aproveitamento integral das riquezas locais.

8. Numa perspectiva de aceleração do ritmo de crescimento económico, problemas de acentuada importância para o distrito, como a indústria das madeiras, a construção naval, a pecuária, a rede de transportes, as instalações portuárias e o plano de aproveitamento e valorização do Vale do Lima, estarão na linha imediata destas preocupações, que os candidatos sentem comuns a todo o eleitorado do distrito.

9. Neste contexto prospectivo caberá ainda uma palavra sobre a cultura, os desportos e o turismo, três sectores em que o distrito de Viana tem tradições a honrar e a defender. Sabe-se como nas últimas décadas a vida cultural e desportiva tem sido afectada neste distrito: conhecem-se as causas mas tem-se a consciência de que será possível contrariar esse estado de coisas, dando ao Alto Minho um papel dinamizador, que já teve, no contexto nacional. Dentro desta linha de rumo, os candidatos propõem-se estimular por todos os meios o aparecimento de núcleos culturais e desportivos, batendo-se, entretanto, pelo progresso e modernização das associações existentes. A propósito, não querem deixar de aproveitar a oportunidade para saudar a denodada imprensa do distrito, que, no meio de dificuldades materiais sem conta, vem lutando corajosamente para que o fogo espiritual não se apague no Alto Minho.

10. No sector do turismo, os candidatos entendem que o distrito de Viana do Castelo deverá tirar o maior partido das suas belezas naturais, e das suas imensas potencialidades históricas, sociais e humanas dando assim curso á formação de uma «segunda frente» nacional. Pela voz dos seus deputados, pela dedicação dos seus municípios, pelo entusiasmo das suas freguesias, o distrito lutará pela definição e pelo estabelecimento duma política de turismo, para cujo êxito se consideram imprescindíveis, além do mais, a construção de um aeródromo, a melhoria da rede rodoviária e a ampliação da infra-estrutura hoteleira.

Conscientes de terem demonstrado, na sua vida privada ou no desempenho de funções oficiais, o direito a defenderem a sua entrada na Assembleia Nacional, os candidatos sentem-se capazes de fazer trabalho sério e profícuo, desde que não lhes falte a ajuda de todos. — José João Gonçalves de Proença, António Lacerda, Fernando Baptista da Silva e Júlio Evangelista.»

As riquezas ultramarinas e a balança de pagamentos

(Conc da pág anterior)

tores da política interna do País se nutrem da exploração desse mesmo «tabu».

Terá Portugal estruturas económicas suficientemente sólidas para consentir uma ablação, não só territorial, mas também de valores insubstituíveis que o Ultramar fornece ao «todo» nacional? Poderá sobreviver sem se tornar uma colónia europeia de qualquer potência estrangeira?

Outros países europeus não encontraram ainda essas estruturas, embora fossem considerados ultra-industrializados e — aparentemente — auto-suficientes.

Pensarão os que defendem uma revisão separatista da política ultramarina ser possível a implantação dum sistema neo-colonialista no Ultramar Português, apesar da repugnância que a própria ideia nos causa?

Outros países, como a França, a Bélgica e a Inglaterra não o conseguiram e desesperam na perda de «peões» sobre o tabuleiro de xadrez internacional. Após o seu êxodo, são a Russia e a China e ainda alguns sectores do capitalismo mundial que preenchem o vácuo criado pelos Estados renunciantes.

Poderia Portugal, mutilado, sem o Ultramar, enfrentar a cobiça das esmagadoras potências, estrangeiras, tanto do Ocidente como do Oriente? Já alguém se debruçou sobre o complexo problema de escolher, no território de Portugal europeu, os milhões de brancos, mestiços e pretos que — como Portugueses — não se dispõem a sujeitar-se a governos irresponsáveis e primários, como os que têm — após a «ventania da História» — pseudodominado certas regiões de África?

Que futuro esperaria os Portugueses Ultramarinos? O caos da gerência do Racismo Negro? Ou a migração, em massa, dos expatriados, buscando o devido refúgio na Casa Mãe? E com que meios poderia esta albergar e nutrir os milhões de filhos desapossados do próprio património nacional?

As centenas de milhares de contos que, anualmente, pesam na balança de pagamentos do Ultramar, quer em mesadas, quer em auxílio aos familiares dos portugueses ultramarinos residentes nas Províncias europeias, deixariam de constituir um dos eternos «balões-de-oxigénio» da economia nacional. Seriam, então, mais bocas e muito mais reduzidos proventos!

Como sobreviveria a navegação marítima e aérea, sem a protecção que lhe garantem as Províncias Ultramarinas? Seria com a cabotagem entre Porto e Lisboa?

Como sobreviveria a indústria textil e muitas outras actividades metropolitanas, se não pudessem adquirir as suas matérias-primas — como, por exemplo, o algodão — nos mercados ultramarinos e se encontrassem coagidos pelos mercados internacionais?

A quem se venderia a maior disponibilidade de vinho, de azeite, de tecidos e de todos os outros produtos que são absolvidos pelo consumo ultramarino e, no seu conjunto, representam milhões de contos anuais?

Por outro lado, se cessasse, para a Metrópole, a exportação das riquezas ultramarinas (sempre em via de desenvolvimento e exploração), como o café, as oleaginosas, os minérios, os diamantes e o petróleo, com que se equilibraria a balança de pagamentos nacional? Com a venda, avulso, de «galos de Barcelos»?

Um dos muitos aspectos positivos da guerra no Ultramar é o dar-se a conhecer á nossa juventude a dimensão real — geográfica e económica — de Portugal. No mundo político e financeiro, esta escala dimensional de valores interessa predominantemente.

Não sou um político. Apenas manifesto a minha opinião de Português. Sei que há bem e mal-intencionados; conhecedores e ignorantes dos problemas ultramarinos. A todos apelo para que se não debatam, infrutíferamente, os erros passados; que se analisem, sim, profunda e construtivamente os problemas de arrumação «caseira», mas que se não discuta a hipótese — seja qual for o seu aspecto — do abandono ultramarino.»

tem a palavra

Sílvia Soares

A Mulher e o Voto

Começar um artigo sobre a mulher, afirmando que ela não é inferior ao homem, mas sim um ser de sexo diferente, é duma banalidade assaz confrangedora e tanto mais confrangedora, quanto é certo que é ainda necessária. Pois, na verdade, a maioria da população masculina portuguesa continua sobejamente convencida da sua superioridade varonil. Aliás, mais grave ainda é o facto da própria mulher se ter convencido, ao longo dos séculos, de que não tem a mesma competência que o homem, que nunca a teve, nem nunca a terá...

Foi afirmado há dias neste jornal não haver problemas «especificamente femininos». Penso que na realidade *não deveria* haver problemas sociais especificamente femininos, todavia no ponto em que estamos e enquanto a mulher não estiver nivelada ao homem no plano cívico e jurídico continua e continuará a haver problemas sociais especificamente femininos.

Além do mais, convém não esquecer, que uma coisa é a lei e outra é o facto e que um grande número de mulheres portuguesas nem chega a desfrutar sequer da *relativa* igualdade jurídica que a lei lhes faculta.

Ao referir-me à mulher portuguesa, lembro-me especialmente daquelas que não vivem nos grandes centros nem pertencem às classes privilegiadas. Lembro-me das mulheres que trabalham rudemente mais de 16 horas por dia, criam filhos e são frequentemente maltratadas e até espancadas. A este estado de coisas não se chama escravatura porque a sociedade o sanciona com o nome de casamento ou mancebia e nada faz para o melhorar, antes pelo contrário, agrava-o com o desamparo económico e moral inerente à sua indiferença.

É certo que, recentemente, o direito de voto se tornou extensivo à maioria das mulheres. Porém, embora seja doloroso afirmá-lo, pode-se dizer sem receio de exagerar, que apenas uma escassa minoria está nas condições de usufruir cabalmente desse direito. E que, muitas delas não só não o usufruirão como até (dado o seu total alienamento sociopolítico) terão repulsa e vergonha em se imiscuir no que reputam ser uma ousada interferência no âmbito masculino.

Durante as últimas décadas, toda a população portuguesa tem sido prejudicada pela carência de informação ou, pior ainda, pela unilateralidade sistemática de uma informação que por vezes não informa mas deforma. E neste campo o sector feminino tem sido o mais atingido não só pela sua permeabilidade (pelas razões que acima expus) como também pelos frequentes e repetidos apêlos ao seu amor pelas tradições, ao seu apego ao lar, etc., etc. Ora o amor ao lar não é incompatível, antes pelo contrário, com uma visão mais larga do que se passa à nossa volta e mesmo no estrangeiro, onde não há só corrupção e desordem como certa propaganda frequentemente insinua. E para citar apenas um exemplo entre muitos, basta dizer que na Holanda toda a mulher, mesmo a doméstica, aquela que nunca saiu de sua casa, tem direito a uma pensão de reforma aos 65 anos, o que significa que a dona de casa é não só respeitada como até protegida.

Para a mulher poder realizar a sua escolha política sem se limitar a seguir passivamente pelo caminho que o marido, o padre ou pessoa mais próxima lhe aponte, é necessário que ela se capacite que a sua consciêncialização política é um dever e não um desvio.

Urge, pois, que ela ajude conscientemente a decidir, de moto-próprio e por sua voz, de assuntos tão prementes e delicados como sejam o da paz e da guerra, o futuro dos seus filhos e o seu próprio futuro.

«Os governadores civis têm usado o mais benevolente dos critérios»

— diz uma nota do Ministério do Interior

O Ministério do Interior tornou pública a seguinte nota:

«Finda a primeira semana do período da campanha eleitoral, parece oportuno apreciar algumas das afirmações produzidas e esclarecer dúvidas suscitadas, no que respeita, estritamente, á interpretação das disposições legais, vigentes ou sua justificação, bem como á actuação das autoridades e dos serviços, no cumprimento das instruções oportunamente expedidas e tornadas públicas.

1. Tem-se aludido ao escasso número de cidadãos recenseados.

Ninguém ignora que, durante o período de revisão do recenseamento eleitoral, houve o cuidado de, através de todos os meios de informação — Imprensa, Rádio e Televisão — apelar para a colaboração dos cidadãos, no sentido de promoverem a sua própria inscrição e a daqueles que soubessem satisfazer aos requisitos legais.

Se o resultado de tais diligências não é inteiramente satisfatório, pode, no entanto, afirmar-se que nunca o êxito foi superior, pois alcançámos a maior percentagem de eleitores de todos os tempos.

Foi escasso o número de requerimentos — 33 396, dos quais 12 978 respeitantes ao distrito de Lisboa — mas mercê do esforço exigido ás comissões de recenseamento, que actuaram com o maior escrúpulo e objectividade, conseguiu-se que as inscrições, relativamente ao ano anterior, aumentassem de 415 319 eleitores, ou seja, cerca de 30 por cento. E isto não obstante a eliminação dos falecidos, dos emigrantes e de muitos que mudaram de residência dentro do País, quando esta não foi compensada pela inscrição nos concelhos do destino devido á falta de comunicação dos interessados.

É, pois, injusto quanto se diga em desabono dos trabalhos do recenseamento eleitoral.

2. Procura-se diminuir o alcance das providências constantes do Decreto-Lei n.º 49 299, de 10 de Setembro findo, que podem resumir-se nos termos seguintes:

— Acesso, por parte dos mandatários das listas ao recenseamento eleitoral, que dele poderão fazer extrair, por quaisquer meios — gravando, copiando ou fotocopiando —, os elementos que julguem convenientes, para dominar integralmente o recenseamento do círculo;

— Possibilidades de reembolso por parte do Estado, das despesas feitas com a impressão das listas que venham a obter 20 por cento dos sufrágios expressos;

— Livre constituição, mediante simples participação ao governador civil, de comissões de apoio ás candidaturas;

— Para além da fiscalização do acto eleitoral garantido á generalidade dos eleitores inscritos na respectiva assembleia ou secção de voto, reconhecimento, para o mesmo efeito, de delegados dos candidatos, com lugar especial próximo da mesa e com o direito de serem ouvidos acerca de todas as questões que ali venham a suscitar-se.

Objecta-se que, segundo a lei, as comissões eleitorais serão extintas quando «se afastem do objectivo de propaganda das candidaturas ou recusem a colaboração que lhes for solicitada.» Está claro que se as comissões são reconhecidas para fins eleitorais é dentro destes fins que devem mover-se.

Supõe-se bem patente, através dos factos ocorridos até agora, que os governadores civis têm usado o mais benevolente dos critérios. Não sendo quebrada a disciplina a que devem sujeitar-se as comissões eleitorais nem perturbado o período da campanha eleitoral por manifestações ou actuações inteiramente estranhas ao objectivo de propaganda das candidaturas nos respectivos círculos, as comissões não têm nada a temer.

Concertaram-se entre si, visando a oposição frontal a alguns dos princípios fundamentais da Constituição e formularam publicamente a sua declaração de luta contra o regime. Não obstante, a intervenção da autoridade tem-se limitado a exigir o cumprimento das leis gerais sobre reunião e ordem pública, exigência de que não podem naturalmente desistir.

Quanto ao exercício do direito de reunião:

a) A eleição dos deputados efectua-se por círculos eleitorais, correspondentes aos distritos, e nela só podem participar os cidadãos recenseados pelo próprio círculo, para que deste modo se obtenha a verdadeira expressão regional da vontade dos eleitores, conforme se declara no relatório do Decreto-Lei n.º 37 585, de 18 de Outubro de 1949.

Por outro lado, dispõe o parágrafo 4.º do art. 25.º do Decreto-Lei n.º 37 570, na redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º

(Continua na pág. 11.ª)

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE69/DSM

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
25PAE/69	VIATURAS AUTO MACAS 2M URBANAS	45 000$00	17DEZ69	15.30 H.
26PAE/69	VIATURAS AUTO TP 3	40 000$00	22DEZ69	15.30 H.
27PAE/69	VIATURAS AUTO TP 21/22	100 000$00	29DEZ69	15.30 H.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias uteis das 14 ás 18 horas e aos sábados das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

Lisboa, 6 de Outubro de 1969.

Pelo Presidente da COMPAE69/DSM,
JOSÉ MANUEL TOUEIRO QUINTÃO
Ten.-Cor. Eng.º SM

GRANDE SORTEIO "OPERAÇÃO SAUDADE"

RESULTADOS DA EXTRACÇÃO REALIZADA EM 30 DE SETEMBRO 1969

Números premiados em cada série (ABCDE)

3836 — Bicicleta de Pedal MSC-Marialva
10057 — Calorífero a Gazcidla
13062 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
13451 — Bicicleta de Pedal MSC-Marialva
14399 — Aspirador Starmix SM3
15324 — Ferro Eléctrico Rili Simples
17809 — Aspirador Starmix SM3
20033 — Bicicleta de Pedal MSC-Marialva
20953 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
27690 — Bicicleta de Pedal MSC-Marialva
30296 — Ferro Eléctrico Rili Simples
33149 — Esquentador a Gazcidla
41587 — Telefonia Siera SA 3259/A
41925 — Calorífero a Gazcidla
42835 — Televisor Siera SA 51 T 146/A
47098 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
50056 — Máq. de Barbear Remington de Luxe
50175 — Máq. de Café Jolli Express 3
50982 — Máq. de Café Jolli Express 3
51936 — Máq. de Barbear Remington de Luxe
55000 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
56160 — Telefonia Siera SA 3259/A
57017 — Aspirador Starmix SM3
62652 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
64685 — Aspirador Starmix SM3
69463 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
69738 — Fogareiro Lusogás
72738 — Televisor Siera SA 51 T 146/A
73400 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
74929 — Automóvel Morris 1000 * * *
77579 — Máq. de Barbear Remington de Luxe
81132 — Televisor Siera SA 51 T 146/A
84071 — Telefonia Siera SA 3259/A
86719 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
87648 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
90792 — Esquentador a Gazcidla
92528 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
98785 — Aspirador Starmix SM3
98912 — Ferro Eléctrico Rili Simples
103040 — Frigorífico Indesit 165L
103682 — Calorífero a Gazcidla
104946 — Bicicleta Motorizada Vespa «Ciao»
108481 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
109743 — Ferro Eléctrico Rili Simples
109936 — Fogareiro Lusogás
112592 — Calorífero a Gazcidla
113078 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
113276 — Ferro Eléctrico Rili Simples
122207 — Telefonia Siera SA 3259/A
124837 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
129908 — Frigorífico Indesit 165L
130198 — Aspirador Starmix SM3
130668 — Esquentador a Gazcidla
134566 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
139678 — Viagem TAP i/v a Luanda
143363 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
146089 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
148244 — Máq. de Barbear Remington de Luxe
151866 — Telefonia Siera SA 3259/A
158628 — Telefonia Siera SA 3259/A
160094 — Ferro Eléctrico Rili Simples
162017 — Bicicleta Motorizada Vespa «Ciao»
164308 — Telefonia Siera SA 3259/A
168098 — Fogareiro Lusogás
169202 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
173219 — Frigorífico Indesit 165L
174339 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
177012 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
181987 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
190095 — Scooter Vespa 125 Sprint
190224 — Máq. de Café Jolli Express 3
193712 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
197326 — Máq. de Lavar Scharpf 2204
200847 — Frigorífico Indesit 165L
201554 — Ferro Eléctrico Rili Simples
212354 — Esquentador a Gazcidla
217451 — Aspirador Starmix SM3
218094 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
229299 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
231050 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
237772 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
242411 — Esquentador a Gazcidla
243976 — Calorífero a Gazcidla
247236 — Automóvel Morris 1000 * * *
250382 — Automóvel Morris 1000 * * *
253006 — Máq. de Barbear Remington de Luxe
253989 — Fogareiro Lusogás
257009 — Esquentador a Gazcidla
257282 — Esquentador a Gazcidla
258552 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
260962 — Máq. de Lavar Scharpf 2204
263663 — Cavalo de sela * *
263811 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
265189 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
268606 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
279667 — Esquentador a Gazcidla
285519 — Fogareiro Lusogás
285939 — Telefonia Siera SA 3259/A
287407 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
292447 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
293795 — Telefonia Siera SA 3259/A
296003 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
296065 — Aspirador Starmix SM3
297097 — Máq. de Café Jolli Express 3
297348 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
297604 — Calorífero a Gazcidla
300517 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
304630 — Máq. de Lavar Scharpf 2204
317518 — Calorífero a Gazcidla
320917 — Fogareiro Lusogás
321153 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
323823 — Ferro Eléctrico Rili Simples
330595 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
331666 — Máq. de Café Jolli Express 3
335745 — Máq. de Café Jolli Express 3
336995 — Esquentador a Gazcidla
337393 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
341285 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
343522 — Aspirador Starmix SM3
344440 — Fogareiro Lusogás
350444 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
357440 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
357634 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
359744 — Telefonia Siera SA 3259/A
361101 — Máq. de Café Jolli Express 3
367365 — Máq. de Café Jolli Express 3
375450 — Fogareiro Lusogás
378010 — Telefonia Siera SA 3259/A
378058 — Aspirador Starmix SM3
380455 — Aspirador Starmix SM3
382228 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
388603 — Automóvel Morris 1000 * * *
389220 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
389501 — Telefonia Siera SA 3259/A
395265 — Calorífero a Gazcidla
396904 — Telefonia Siera SA 3259/A
397522 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
397670 — Andar J. Pimenta S. A. R. L. *
398004 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
399590 — Aspirador Starmix SM3
400253 — Máq. de Café Jolli Express 3
400646 — Calorífero a Gazcidla
400715 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
400921 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
404634 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
409028 — Esquentador a Gazcidla
412022 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
418305 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
423853 — Fogareiro Lusogás
424142 — Calorífero a Gazcidla
429738 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
436121 — Scooter Vespa 125 Sprint
435528 — Ferro Eléctrico Rili Simples
451538 — Fogareiro Lusogás
456081 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
460369 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
461488 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
467883 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
475591 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
476727 — Esquentador a Gazcidla
477199 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
479750 — Ferro Eléctrico Rili Simples
481852 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
497498 — Ferro Eléctrico Rili Simples
497591 — Máq. de Café Jolli Express 3
503000 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
514339 — Bicicleta Motorizada Vespa «Ciao»
518797 — Máq. de Café Jolli Express 3
525041 — Aspirador Starmix SM3
525087 — Aspirador Starmix SM3
527553 — Aspirador Starmix SM3
531437 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
533284 — Telefonia Siera SA 3259/A
533344 — Esquentador a Gazcidla
535031 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
536792 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
538418 — Telefonia Siera SA 3259/A
543246 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
546960 — Calorífero a Gazcidla
548537 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
554613 — Fogareiro Lusogás
557200 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
560851 — Calorífero a Gazcidla
562573 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
567586 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
568635 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
592425 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
593841 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
599778 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
605611 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
605946 — Aspirador Starmix SM3
608066 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
611880 — Máq. de Café Jolli Express 3
613068 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
615548 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
618308 — Ferro Eléctrico Rili Simples
623882 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
623920 — Ferro Eléctrico Rili Simples
629110 — Esquentador a Gazcidla
631273 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
632494 — Esquentador a Gazcidla
634058 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
663468 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
671064 — Frigorífico Indesit 165L
674416 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
676354 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
679638 — Esquentador a Gazcidla
683004 — Esquentador a Gazcidla
683277 — Máq. de Café Jolli Express 3
683792 — Esquentador a Gazcidla
689377 — Fogareiro Lusogás
691300 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
695326 — Fogareiro Lusogás
701486 — Televisor Siera SA 51 T 146/A
705250 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
711094 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
711340 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
713903 — Ferro Eléctrico Rilli Simples
716461 — Calorífero a Gazcidla
724030 — Máq. de Café Jolli Express 3
736593 — Ferro Eléctrico Rili Simples
737143 — Máq. de Café Jolli Express 3
737234 — Esquentador a Gazcidla
742573 — Máq. de Café Jolli Express 3
742616 — Fogareiro Lusogás
744510 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
744896 — Televisor Siera SA 51 T 146/A
746584 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
747381 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
747747 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
752550 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
753367 — Fogareiro Lusogás
753722 — Viagem TAP i/v a Lourenço Marques
754256 — Ferro Eléctrico Rili Simples
761365 — Telefonia Siera SA 3259/A
761410 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
761839 — Calorífero a Gazcidla
765237 — Fogareiro Lusogás
769365 — Esquentador a Gazcidla
777338 — Calorífero a Gazcidla
782326 — Máq. de Café Jolli Express 3
784471 — Fogareiro Lusogás
789300 — Calorífero a Gazcidla
794939 — Calorífero a Gazcidla
800802 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
801706 — Aspirador Starmix SM 3
806438 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
806554 — Telefonia Siera SA 3259/A
807528 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
809013 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
811975 — Máq. de Costura Oliva B-7 50/N
816961 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
820250 — Telefonia Siera SA 3259/A
823475 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
825918 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
826336 — Frigorífico Indesit 165 L
826705 — Televisor Siera SA 51T 146/A
829872 — Aspirador Starmix SM 3
831501 — Máq. de Barbear Remington de Luxe
833196 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
833811 — Máq. de Café Jolli Express 3
837109 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
837181 — Aspirador Starmix SM 3
841225 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
846111 — Ferro Eléctrico Rili Simples
846694 — Bicicleta Motorizada Vespa «Ciao»
855398 — Máq. de Café Jolli Express 3
859595 — Aspirador Starmix SM 3
860227 — Ferro Eléctrico Rili Simples
860569 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
872642 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
878902 — Fogareiro Lusogás
882787 — Frigorífico Indesit 165 L
885831 — Fogareiro Lusogás
899137 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
900436 — Fogão de 2 Bocas a Gazcidla
902763 — Calorífero a Gazcidla
909830 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
912140 — Máq. de Café Jolli Express 3
912296 — Máq. de Lavar Scharpf 2204
912296 — Telefonia Siera SA 3259/A
915014 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
916263 — Bicicleta Motorizada Vespa «Ciao»
917121 — Esquentador a Gazcidla
927830 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
929700 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
935564 — Fogareiro Lusogás
937098 — Calorífero a Gazcidla
940169 — Televisor Siera SA 51 T 146/A
942938 — Ferro Eléctrico Rili Simples
954238 — Bicicleta a Pedal MSC Marialva
954499 — Máq. de Barbear Remington De Luxe
954724 — Máq. Fotográfica Kodak Instamatic 133
956854 — Calorífero a Gazcidla
965830 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
974524 — Relógio de Pulso — Ourivesaria Pimenta
975629 — Máq. de Lavar Scharpf 2204
976594 — Telefonia Siera SA 3259/A
983656 — Ferro Eléctrico Rili Simples
992043 — Transistor Mitsubishi L'Amour 7
993893 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva
999031 — Bicicleta de Pedal MSC Marialva

* Atribuição dos andares nas 5 séries:

397670 A — 3.º Esq. Lote 12 — Paço d'Arcos
397670 B — r/c Dt.º Tardoz Lote 21 — Paço d'Arcos
397670 C — 3.º Frente Lote 12 — Paço d'Arcos
397670 D — r/c Dt.º Lote 21 — Paço d'Arcos
397670 E — 4.º Esq. Lote 12 — Paço d'Arcos

* * Atribuição dos cavalos nas 5 séries:

263663 A — Cavalo russo, 6 anos e meio — GABU
263663 B — Cavalo preto, 4 anos e meio — BIAMBI
263663 C — Égua, 3 anos e meio — SUSANA
263663 D — Égua, 3 anos e meio — VARELA
263663 E — Égua, russa, 4 anos e meio — BONECA

* * * Atribuição dos automóveis Morris 1000, pelas suas matrículas, de acordo com os seguintes números e séries:

74929 A — GH-67-08	247236 A — BF-70-03	250382 A — GH-67-18	388603 A — GH-63-09
74929 B — GH-63-13	247236 B — GH-67-07	250382 B — GH-67-11	388603 B — GH-63-12
74929 C — GH-67-10	247236 C — BF-78-73	250382 C — GH-67-12	388603 C — GH-63-11
74929 D — GH-66-94	247236 D — BF-78-72	250382 D — GH-67-17	388603 D — BF-78-76
74929 E — GH-67-09	247236 E — BF-78-75	250382 E — GH-67-19	388603 E — GH-63-10

Jorge Sampaio durante a sua exposição

«Continuar a esclarecer»

—norma que orientou o colóquio da C. D. E. no Palácio Fronteira

«A despeito de tudo, a C. D. E. entende, até este momento, que é preciso continuar a esclarecer» — esta frase do dr. Jorge Sampaio, colocada, logo de entrada, na sessão (ou colóquio) ontem realizada no Palácio Fronteira, sobre «Política Internacional», serve, na verdade, de legenda ao que se passou naquela reunião.

Quem lá foi e fez perguntas ou, mesmo, *quem lá foi e apenas escutou o que se disse*, procurou um apoio esclarecedor aos seus pontos de vista, se não, até, ás suas dúvidas ou omissões de informação. Daí, certas questões terem, aparentemente, seguido o rumo das previsões ou «de como se fará, quando se tiver que fazer».

No entanto, durante a sessão, também se debateram e articularam posições que não deixam dúvida sobre o esquema geral de uma posição segura da C. D. E. em relação ao assunto proposto: Política Internacional.

Toda a primeira parte do colóquio, após a apresentação do dr. Jorge Sampaio, foi preenchida pelo candidato a deputado dr. Bernard da Costa, que propôs, para troca de impressões, o tema.

TRANSPORTE DE TRABALHADORES PELO CAMINHO-DE-FERRO, COM DESTINO A FRANÇA E ALÉM

Com o objectivo de poder assegurar, nas melhores condições de regularidade, o transporte dos Srs. Passageiros destinados a França ou além, a C. P. solicita-lhes que não deixem de efectuar, com a devida antecedência a marcação dos seus lugares quando regressem de férias, pois só assim todos poderão ter o seu lugar evitando aglomerações á ultima hora que dificultam ou mesmo podem impossibilitar uma cómoda viagem.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

«A agressividade das Oposições» esteve na base da desistência dos nacionalistas de Braga

Da Comissão Eleitoral Nacionalista Independente de Braga, recebemos o seguinte comunicado:

«1. — Conforme comunicado de 18 de Setembro findo, publicado na Imprensa, constituiu-se a Comissão Eleitoral Nacionalista Independente, que apresentou uma lista de candidatos a deputados á Assembleia Nacional. Os motivos daquela atitude foram participados ao eleitorado no manifesto «As razões de uma candidatura».

2. — O Governo tomou conhecimento dessas mesmas razões na audiência que o Presidente do Conselho de Ministros concedeu aos candidatos.

3. — Perante a rápida deterioração do ambiente político nacional, decorrente da campanha eleitoral, da agressividade das Oposições — que voltam a pôr em causa a própria integridade da Nação — julgamos ser estrita obrigação depor nas mãos do Chefe do Governo a nossa candidatura.

Braga, 6 de Outubro de 1969.

Pela C. E. N. I., *a*) José Moreira».

Marcado para 30 do corrente o apuramento da eleição dos deputados pelo Estado da Índia

Foi publicado no «Diário do Governo» o seguinte despacho ministerial:

«Tornando-se necessário dispor sobre a constituição e funcionamento da assembleia de apuramento da próxima eleição dos Deputados pelo círculo do Estado da Índia:

Tendo em consideração o preceituado na base X da Lei n.º 2112, de 17 de Fevereiro de 1962, nos artigos 39.º e 40.º do Decreto-Lei n.º 37 570, de 3 de Outubro de 1949, e nos termos do artigo 2.º do Decreto n.º 46 546, de 23 de Setembro de 1965, aplicável por força do preceituado no Decreto n.º 48 957, de 9 de Abril do ano corrente;

Determina o ministro do Ultramar:

1.º A assembleia de apuramento da eleição dos Deputados pelo círculo do Estado da Índia funcionará no Ministério do Ultramar, sendo constituída pelo director-geral de Administração Civil, que presidirá, e por dois presidentes das assembleias ou secções de voto por ele escolhidos que servirão de escrutinadores.

2. A assembleia reunirá no dia 30 de Outubro, pelas 9 horas, e o apuramento poderá efectuar-se tomando por base a correspondência telegráfica transmitida pelos governadores-gerais ou de província ou pelos directores ou chefes dos serviços de administração civil das províncias ultramarinas e as actas enviadas pela Direcção-Geral de Admisistração Política e Civil do Ministério do Interior».

A nota do Ministério do Interior

(Continuação da 9.ª pág.)

49 229, que a campanha eleitoral será conduzida pelos candidatos, dentro do respectivo círculo, com o apoio das comissões eleitorais, quando existam.

Depreende-se destas disposições, com evidência, que a actividade própria da campanha eleitoral, para que não seja desvirtuada a sua finalidade, deve ser exercida, em cada círculo, pelos candidatos desse círculo e por aqueles que constituem as comissões eleitorais respectivas.

E assim deve ser, pois em toda a parte, numas eleições para deputados, a campanha eleitoral tem por objectivo permitir aos candidatos que exponham as suas ideias aos eleitores e a estes que tomem conhecimento dos candidatos.

Não se põem quaisquer entraves a que colaborem nessa actividade outros eleitores pelo círculo. O que não é lícito, é que sejam chamados ou admitidos á colaboração na campanha, designadamente tomando parte activa em reuniões publicas, cidadãos que não podem intervir no acto eleitoral do círculo e que, por consequência, nada têm que ver com a acção de esclarecimento dos eleitores acerca da orientação que os candidatos desse círculo se propõem adoptar se vierem a ser eleitos.

b) Ainda no que respeita a reuniões e sessões de propaganda, as instruções do Governo, a que se aludiu no início desta nota, dispensam autorização do governador civil, bastando que sejam participadas, com as indicações legais, 48 horas antes ao magistrado administrativo do distrito, ou, fora da sede do distrito, á autoridade policial respectiva.

As reuniões e sessões ficaram, assim, extremamente facilitadas, o que não impede que a autoridade responsável use dos meios próprios para impedir quaisquer veleidades de provocar agitação subversiva.

c) No que respeita a manifestos, é claro que a autoridade não se demite durante a campanha eleitoral e não pode deixar de se agir quanto ao uso de expressões reputadas desrespeitosas para quem, com indiscutível legitimidade, detém as responsabilidades do Governo, ou que notóriamente impliquem incitamento á revolta.

3 — Outra reclamação vinda a publico relaciona-se com o facto de os delegados eleitorais terem de ser eleitores inscritos pela assembleia ou secção de voto que se destinam a fiscalizar, conforme prescreve o parágrafo 1.º do art. 32.º do Decreto-Lei n.º 37 570/49 229.

Havendo o propósito de garantir que a fiscalização do acto eleitoral se exerça por intermédio dos cidadãos que estejam em condições de conhecer o eleitorado da respectiva assembleia e o possam identificar mais fácilmente, não devia ser admitida a intervenção de eleitores estranhos á mesma assembleia cuja presença poderia exorbitar de uma regular fiscalização do acto eleitoral.

Esta a doutrina legal que os mandatários de todas as listas conhecem. Não se diga que dela podem resultar dificuldades, pois é de supor que os candidatos encontrem sempre, entre os eleitores que originàriamente constituem a assembleia ou secção de voto, quem possa assumir as funções de delegado.

4 — O Governo reafirma o desejo de que todas as candidaturas recebam igual tratamento e que a propaganda em que se empenham os seus defensores seja conduzida com inteiro respeito pela lei.

Se alguns candidatos se queixam de dificuldades, isso não se deve ao arbítrio da autoridade, mas ao facto de não se conformarem com o carácter e finalidade da campanha eleitoral e suas normas próprias, procurando aproveitar para outros objectivos a liberdade de que dispõem e lhes é para tais fins garantida».

As colectividades de cultura e recreio e a campanha eleitoral

Assinado pelo respectivo presidente, sr. Saphera Costa, recebemos da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio o seguinte comunicado:

«Tendo vindo a público, num comunicado da C. D. E., que esta Federação, «através de um dos seus dirigentes, está a levantar dificuldades á cedência de salas para a realização de sessões», apressamo-nos a esclarecer:

1. A F. P. C. C. R., quer pela letra dos seus estatutos quer pelo próprio espírito da missão que lhe incumbe na defesa dos interesses do movimento associativo popular, é estranha e alheia a qualsquer propósitos de natureza política ou religiosa.

2. Este é um princípio geral de isenção que se coaduna com a índole que enforma todas as colectividades de cultura e recreio.

3. Só os actos da Direcção obrigam a F.P.C.C.R., sendo natural e evidente que em tudo o que estiver fora do âmbito da sua acção e competência não se obrigam por seu turno as colectividades federadas.

Candidatos da U. N. do círculo de Coimbra visitaram 16 concelhos da periferia do distrito

Os candidatos da U. N. pelo círculo de Coimbra realizaram, na passada semana, diversas reuniões com os meios eleitorais de 16 freguesias do distrito — informa a comissão distrital daquele organismo político.

Segundo a referida informação, «as visitas fazem parte do programa de contactos com o eleitorado», tornando-se ainda público que esses contactos «não se limitarão ao período eleitoral mas que se continuarão depois das eleições, devendo realizar-se periòdicamente, durante as eleições. Só assim os representantes eleitos pelo povo poderão prestar e receber informações e discutir problemas que interessam às populações.»

Deste modo, os candidatos situacionistas pelo círculo de Coimbra estiveram em Condeixa-a-Nova, Soure, Condeixa, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Tábua, Oliveira do Hospital, Arganil, Góis, Pampilhosa da Serra, Lousã, Miranda do Corvo, Penela, Mira, Penacova e Poiares.

De acordo com o comunicado da U. N., «nessas assembleias, de algumas dezenas de pessoas, sem qualquer protocolo, em regime de mesa-redonda sem moderador», foram apontados e discutidos «os mais variados problemas quer de interesse geral, quer de natureza regional ou local, tais como: Ultramar, ensino e juventude; educação; agricultura, sua modernização e mecanização; comercialização dos seus produtos; desenvolvimento regional; viação rural; reforma das estruturas; simplificação da burocracia; mais justa distribuição dos impostos e simplificação da sua cobrança; assistência e previdência; regionalismo, etc.»

Terminada esta visita aos concelhos da periferia, os candidatos destinaram os dias 4 e 5 de Outubro para os contactos com os elementos preponderantes de cada uma das freguesias rurais do concelho de Coimbra.

Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal

Não se efectuou a anunciada sessão da C. D. E. na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal. Segundo pudemos apurar, o motivo foi o seguinte: os estatutos da instituição não permitem a realização de reuniões políticas nas suas salas.

A União Nacional de Portalegre discute problemas da agricultura

Os candidatos a deputados da U. N. pelo círculo de Portalegre, srs. coronel João Vasconcelos Guimarães, eng. José Malato Beliz, José Vicente de Abreu e professor Silva Mendes, avistaram-se ontem com o secretário de Estado da Agricultura com quem tiveram demorada audiência, no decorrer da qual foram tratados problemas relacionados com a agricultura do distrito.

Os candidatos convidaram o eng. Vasco Leónidas a deslocar-se em breve àquele distrito para ponderar «in loco» as soluções mais adequadas.

Filipe Garcês, durante a sua actuação no comício em Almada

O comício oposicionista em Almada

(Continuação da 1.ª pág.)

cional), que nunca interveio. Não se registaram quaisquer incidentes.

«NADA MUDOU EM PORTUGAL»

Presidiu á sessão o velho democrata de Almada José Alaiz, ladeado por membros da Comissão Democrática Eleitoral de Setubal No palco viam-se dois enormes letreiros com os dizeres «Liberdade» e «Acorda sem medo». Outros dísticos na sala: «A verdade é mais forte que as algemas», «Portugal é terra de todos e não quinta de alguns» e «Estamos com o «general sem medo».

Na abertura da sessão a assistência cantou o hino nacional e guardou, depois, um minuto de silêncio em homenagem á memória do general Humberto Delgado, cujo nome foi ovacionado entusiásticamente mal acabou de ser pronunciado pelo presidente da mesa.

O primeiro orador foi o dr Herculano Pires, que dissertou largamente sobre a desigualdade em que, nestas eleições, a Oposição se bate com a União Nacional e atacou violentamente as estruturas do regime actual

A terminar disse que o Movimento deveria prosseguir depois das eleições.

«FARTOS DE PALAVREADO»

O candidato Joaquim Palmeiro Gonçalves, que falou a seguir, indicou as causas da formação do Movimento Democrático Eleitoral, sublinhando:

— *Fartos e cansados de palavreado magistral e estéril estamos todos nós. Ao fim de 43 anos de administração de élites mais ou menos aristocratas, o povo português vive na menoridade política, completamente alheados dos seus problemas de classe.*

Estabeleceu relações entre o futebol e a política, denunciando os moldes em que aquele se pratica como um meio de alienação do publico

— *A maioria das pessoas que enchem os estádios estão ali por frustração social.*

A terminar analisou criticamente o ultimo discurso do Presidente do Conselho, de quem — confessou — foi aluno na Faculdade de Direito, e propôs um questionário sobre o problema ultramarino, a ser submetido ao povo português.

HOMENAGEM A MANUEL DA FONSECA

Antes de ser dada a palavra ao orador seguinte, o presidente da sessão anunciou que se encontrava presente Manuel da Fonseca, «um escritor do povo, autor de «Seara de Vento» e de tantas outras obras concebidas ao serviço dos trabalhadores portugueses Manuel da Fonseca foi alvo de uma entusiástica salva de palmas.

Seguiu-se, na série de discursos, o candidato Alvaro Monteiro Ribeiro, que se referiu á situação dos jovens e ao facto de não se poder votar com menos de 21 anos.

A terminar, reclamou uma série de direitos fundamentais, como o do livre acesso ao ensino (actualmente há uma universitária para cada 3000 pessoas), direito á greve e direito á autodeterminação. Pediu ainda (no meio de estrondosas ovações, a extinção da P. I. D. E. e de todos os órgãos de repressão política.

BALADAS E POEMAS

Houve, então, um pequeno intervalo, durante o qual alguns jovens interpretaram baladas e poemas. Rosa Leonor Pedro recitou a poesia de Sophia de Mello Andresen «Esta gente»; Filipe Ganês cantou uma balada de Manuel Alegre e, finalmente, Manuela Ribeiro interpretou o poema «A verdade é mais forte que as algemas», com musica de Luís Cília.

PORTUGAL PODE SUBSISTIR SEM O ULTRAMAR

Usou, depois da palavra o dr. Tavares da Cruz, que fez uma análise da actual situação económica portuguesa.

A concluir, disse, por entre grandes aclamações:

— Venceremos as eleições!

REPTO À UNIÃO NACIONAL

O ultimo orador, dr. Jaime Malheiro da Silva foi recebido entre grandes ovações. Num impressionante improviso, o dr. Malheiro da Silva galvanizou a assistência, lembrando as tradições democráticas de Almada.

Prescindindo do microfone, atacou, depois, a assistência médica oficial, particularizando o caso de Almada, e atacou o Governo por não permitir sindicatos livres dos médicos.

No seu improviso brilhante e empolgante afirmou:

— *Vós sois doentes, porque estamos num país de miséria e a doença anda sempre ligada á miséria e ao baixo índice cultural. E os que não são doentes são candidatos a enfermos.*

Comentando o relatório do Hospital da Misericórdia local, disse:

— *Nós não queremos caridade. Queremos um hospital do Estado!*

Denunciando as eleições como «uma farsa», desafiou a U. N. a que realizasse um comício no mesmo dia e á mesma hora em que se efectuasse outro da Oposição.

— *Veremos quem tem mais gente: se nós, se eles!*

A terminar, no meio do delírio (é o termo) da assistência, o dr. Malheiro da Silva disse:

— *A aurora da liberdade chegará!*

Antes de encerrada a sessão o publico cantou o hino nacional. Um enorme coro de «Vitória, vitória» fez-se, então ouvir, e prolongou-se por vários minutos.

Comunicado da C.D.E. de Vila Real

A Comissão Democrática Eleitoral de Vila Real enviou-nos o seguinte comunicado:

«A CDEVR tem recebido da parte da população do distrito inequívocas manifestações de completa adesão ao Movimento Democrático traduzido em inumeras mensagens de apoio e diversas sugestões sobre materias de interesse regional e nacional a abordar durante a Campanha que ora se inicia. Dia a dia a presença de democratas na sede central, ao largo do Pelourinho, 11, 3.º, Dto em Vila Real, aumenta, quer traduzindo o seu apreço pela linha política que a CDEVR e os seus candidatos se propõem prosseguir, quer contribuindo para as despesas que o trabalho a fazer necessáriamente implica Por outro lado regista-se singular interesse na formação de comissões de freguesia e concelhias, podendo desde já adiantar-se que, quanto a estas ultimas, quase todo o distrito se encontra coberto, estando os seus responsáveis prestes a assegurar o serviço de sedes regionais onde se realizarão as sessões de trabalho e que servirão de centros de distribuição da propaganda eleitoral.

Brevemente será dado a conhecer ao distrito o programa de candidaturas dos deputados democráticos por este círculo, em que se definirão, de forma clara e objectiva, os pontos capitais de acção política que se têm em vista, no sentido de imprimir á campanha um cunho acentuadamente popular. Estamos certos de que os candidatos democráticos de Vila Real serão os candidatos do povo A Democracia procura, pela voz dos seus representantes legítimamente eleitos, sem coacções nem subterfugios, defender os direitos dos Portugueses, defender os direitos de toda uma Nação contra o domínio de minorias que a não representam. O voto na Democracia não é um voto no nome ou nas instituições é o voto do povo em si próprio. A CDEVR pela voz dos seus candidatos procurará consubstanciar no decorrer da sua campanha — uma campanha que não será de sensacionalismo ou tiradas demagógicas — a voz da verdadeira Democracia que é e será sempre a voz do Povo.

Portugal é um País onde as mais elementares liberdades individuais permanecem numa atrofia que urge fazer desaparecer quer alertando as consciências, quer agindo no acto eleitoral que se avizinha de forma a eleger os homens que melhor possam representar os anseios da Nação, homens libertos de passado homens dignos que possam levantar bem alto, na Assembleia Legislativa, os anseios do Povo. É a este Povo que compete a opção decisiva. Votar num futuro alicerçado em homens de ideias livres e objectivos válidos

A sessão da U. N. em Santarém

(Continuação da 1.ª pág.)

apresentadas pelos candidatos oposicionistas. Respondendo, o eng. Amaral Neto referiu os vínculos históricos entre todas as parcelas do território de soberania portuguesa. Reforçando as afirmações do seu colega de lista, o sr. eng. Correia da Cunha reafirmou as razões invocadas, considerando, também, como motivo ponderoso da inalterabilidade da política ultramarina o esforço já despendido na sua prossecução.

Levantado, depois, o problema da crise da lavoura ribatejana, o eng.º Amaral Neto afirmou ser tal crise uma situação de facto, cujas soluções se quadram numa formação intensiva de técnicos, na mecanização do trabalho e na regulamentação do comércio dos produtos agrícolas. No caso específico da previdência rural, o sr. eng. Amaral Neto afirmou que, embora houvesse concordado com a instituição dos novos benefícios quando chamado a pronunciar-se como deputado na anterior legislatura, o fizera tendo em vista os graves prejuizos que o êxodo de trabalhadores acarretava ás explorações agrícolas, impondo-se portanto medidas que prendessem a mão-de-obra á terra.

Uma política de Salvação dos valores do Alto-Minho

— defendida por umc andidato

VIANA DO CASTELO, 9 — A primeira sessão pública da Oposição Democrática deste distrito, a que presidiu o sr. conselheiro Morais Cabral, provocou uma verdadeira enchente do Teatro Sá de Miranda, desta cidade.

Abriu a sessão o antigo governador civil sr. Ernesto Ferreira da Silva e falou, depois, o dr. Sá Lopes, para saudar os candidatos. Seguiu-se o dr. Alberto de Oliveira e Silva, que se referiu ao próximo acto eleitoral, pormenorizando as causas que levam a Oposição a concorrer. Seguiu-se o dr. Alvaro Salema que declarou ter aceitado o lugar pois reconhecia que se impunha uma política de salvação dos valores nacionais e, no caso, da região alto-minhota.

Após as palavras do Dr. António Felo Ribeiro da Silva, o almirante Ramos Pereira evocou com saudade seu pai, senador da Republica, dr. Luís Inocêncio Ramos Pereira, figura de perfeita integridade pessoal e política, seguindo-se a evocação dos vultos da Marinha de Geurra Portuguesa que, no dia 5 de Outubro de 1910, prestaram juramento nacional cantado pela assistência. Antes, porém, o dr. Sá Lopes leu uma carta de um grupo de republicanos de Portalegre de aplauso ás iniciativas dos colegas de Viana.

Actualidade eleitoral

corajoso contributo para que triunfasse a implantação da Republica. Terminou a sessão com o hi-

SESSÃO DA C. D. E. DE ÉVORA — No sábado, em Arraiolos, efectua-se uma sessão de propaganda eleitoral da C. D. E. de Évora, durante a qual usam da palavra os candidatos Mário Ventura Henriques, Antunes da Silva, Manuel Baguinho e Joaquim Ventura Trindade.

FOTOCÓPIAS DE CADERNOS ELEITORAIS — A C. D. E. do distrito de Évora comunicou que já foram obtidas fotocópias dos cadernos eleitorais.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 9 DE OUTBRO DE 1969

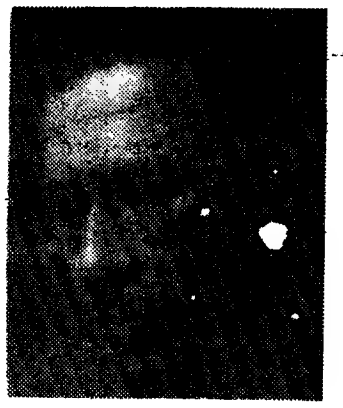
SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

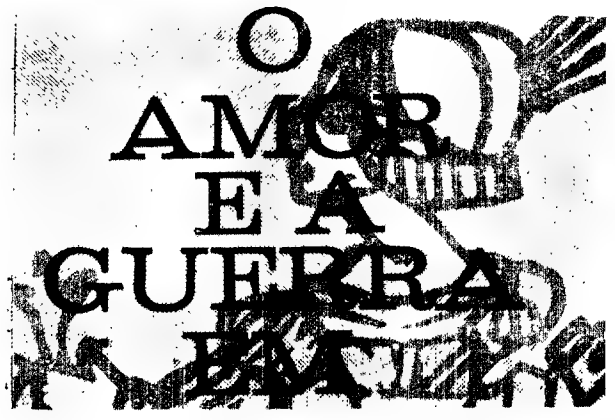
N.º 583/9 DE OUTUBRO DE 1969

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

(«Poesias Completas»)

analisado (pág. 8) por Eduardo Prado Coelho





Shakespeare

por Luís de Sousa Rebelo

A LEITURA INTEGRAL de uma grande obra literária é objectivo inatingível e que persistentemente se furta à curiosidade do crítico, devido à condição inerente à linguagem multissignificante que a constitui e lhe dá a sua estrutura própria e singular. É, portanto, do somatório de frequentes leituras «parciais», condicionadas pela perspectiva histórica do tempo em que o leitor se situa, e do exercício aturado da exegese textual, que a pouco e pouco se nos vai desvendando a gama de significações que a obra de arte encerra.

Tal como Philippe Sollers já observou para a obra de Dante, onde nada há que jamais seja ilegível, nem completamente legível (*Logiques*, Paris, 1968, pp. 47-48), o teatro de Shakespeare é dos que mais têm desafiado a argúcia dos críticos que dele têm proposto diversíssimas interpretações legítimas, deixando, no entanto, ainda em aberto uma pluralidade de leituras que o futuro lhe possibilita. Uma tal situação da obra literária não é produto de artifício crítico, mas resultado do nexo que liga a intenção estética do seu autor à experiência cultural e ao fundo histórico do leitor que a aprecia.

Assim, quando Shakespeare escolhe para assunto dramático os temas de antigas narrativas históricas ou lendárias, que eram na sua grande maioria do conhecimento dos seus contemporâneos, não o fez com o intuito de nos apresentar nas suas peças uma visão do mundo que fosse cronològicamente a das personagens do drama por ele recriado. O seu objectivo estava bem longe de ser o da reconstituição histórica. Ele procura, sim, é dar-nos uma interpretação do passado, encarado do ângulo da sua própria época, e infundindo na temática herdada as inquietudes e a problemática suas contemporâneas.

De modo idêntico procedem, aliás, todos os autênticos criadores. Assim procederam os outros dramaturgos isabelinos. E por isso os heróis de Shakespeare, quer revestidos da toga romana ou do peplo helénico, têm todos o coração de verdadeiros homens do Renascimento.

Por outro lado, a atitude do espectador hodierno, quando assiste á representação de uma peça de Shakespeare, é fenómenològicamente muito semelhante à do próprio autor quanto à matéria da sua criação. Porque assim como o espectador moderno não vê e não pode sentir a peça da mesma maneira que um espectador isabelino, o qual perante uma acção històricamente datada não a sentia tão-pouco como um contemporâneo dela, assim o dramaturgo também não pode tratar um assunto haurido, por exemplo, na Antiguidade Clássica, como se ele fosse autor grego ou romano. As emoções estéticas e os conflitos, que no espectador de agora desperta o drama shakespeareano, são coados pelo crivo da sua sensibilidade e da sua cultura de homem moderno.

Há depois ainda um outro factor que entra em jogo nesta apreciação de uma obra dramática do passado. Na formação do gosto contemporâneo convergem, algo subrepticiamente, os prolongamentos do próprio teatro shakespeareano, que no do nosso tempo vive sob

(Continua na 6.ª página)

Lukacs

encontros sobre a literatura

OS DOIS TEXTOS que hoje apresentamos («Realismo e Naturalismo» e «Uma literatura de hoje» — títulos nossos) fazem parte de um volume — *Encontros com George Lukacs* — cuja tradução francesa está anunciada para breve (ed. Maspero).

No seu apartamento de Budapeste, onde continua a trabalhar com um vigor não muito comum num homem de oitenta e quatro anos, George Lukacs recebeu quatro professores alemães (Wolfgang Abendroth, Hans Heinz Hotz, Leo Kofler e Theo Pinkus) que o submeteram a questões como estas: «Qual a ligação entre as pesquisas estéticas e as opções ontológicas? Que pensa da literatura destes últimos anos?» — questões a que o crítico e filósofo húngaro, autor de uma obra complexa e não raro contraditória, respondeu com luminosa sinceridade.

São justamente dois excertos dessas respostas que passamos a transcrever.

REALISMO E NATURISMO

A HISTÓRIA DA ARTE passa ao lado de um problema essencial, quando considera o realismo e o naturalismo idênticos. Não quero entrar aqui nos pormenores, pois se o leitor conhece as minhas obras sabe perfeitamente que esta questão me preocupa muito e, se, por exemplo, numa pequena brochura sobre a arte moderna, eu critico o realismo socialista da época estalinista, critico-o porque lhe chamo e o acho um naturalismo agrário.

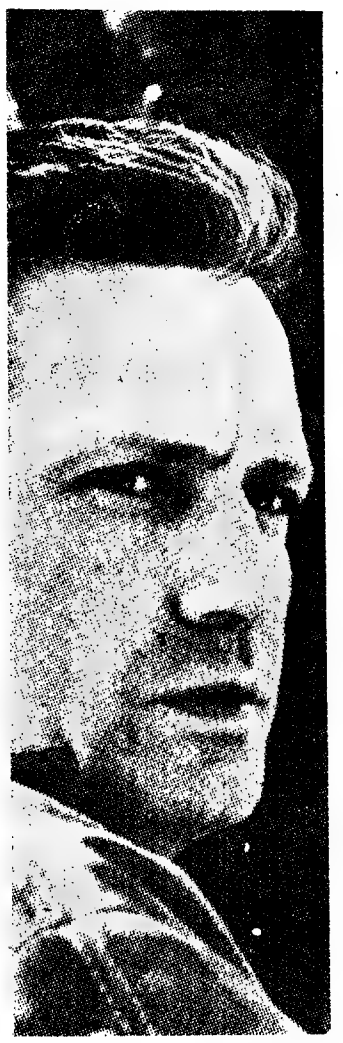
Aquilo que se exibe sob o pendão do «realismo socialista» e que hoje se utiliza para comprometer essa qualificação de «realismo socialista» não é, a meu ver, um realismo socialista nem sequer, de maneira geral, um realismo *tout court:* é precisamente um naturalismo agrário.

Se, por conseguinte, falamos da noção de realismo, penso que essa noção se refere a um género literário que, nas minhas obras polémicas sobre a época soviética, denominei de realismo de Homero a Gorki. Mas fi-lo num sentido literal, não para comparar Gorki a Homero, mas antes para dizer que há aqui uma tendência comum que não diz respeito às técnicas da expressão, do estilo, etc., mas sim ao ser verdadeiro, essencial, alinhado num processo contínuo, da humanidade. É a isso que se refere o problema do realismo, não consistindo este último numa questão de estilo, tanto mais que a arte em todas as épocas — e isso é o essencial — reduz os problemas imediatos da época à evolução geral da humanidade e assim os liga, se bem que este laço possa ficar totalmente oculto ao escritor. Não está provado que Homero tenha tido uma concepção da humanidade, e, no entanto, na cena em que o velho Priamo se dirige até junto de Aquiles para trazer o corpo de Heitor, põe-se um grande problema da humanidade, que, em certo sentido, nenhum homem pode desprezar hoje se quer acertar as contas com o passado e consigo mesmo (...). Se tomarmos o exemplo de *Grand Voyage* de Semprun, há aí pura e simplesmente um diálogo interior e, a meu ver, um dos produtos mais importantes do realismo socialista, o que mostra que monólogo interior e realismo socialista não se excluem (...).

A QUESTÃO não pode ser posta de maneira formal, e creio que um dos grandes males do nosso tempo consiste em considerar toda a arte, de um ponto de vista puramente formal. E, assim como há na moda uma discussão sobre as mini-saias, há também uma discussão sobre a *op'art* e a *pop'art*, etc., que se desenrola quase ao nível das exposições de moda. Esta concepção encontra a sua forma teórica na escola dita de interpretação, onde os problemas puramente formais da renovação da linguagem são transformados em grandes problemas independentes. Volto à ontologia primitiva: *a língua é um meio de comunicação entre os homens, não uma informação,* porque quando eu digo a uma mulher: «amo-te», não se trata de uma informação mas de coisa totalmente diferente. E por mais teorias que o senhor professor Bense arranje para saber se as declarações de amor têm um coeficiente 448 ou 487, isso nada terá que ver com a questão da declaração de amor. O leitor compreende o que eu quero dizer com isto. Põe-se agora novamente a questão: se essa renovação da linguagem contribui essencialmente para uma concepção exacta e aprofundada do mundo, então ela passa para a linguagem geral e o caso perdeu — como direi? — o seu carácter de novidade.

Por conseguinte a minha opinião é que o elemento essencial aqui é o conteúdo. Não temos que partir das

(Continua na página seguinte)



Semprun: um certo monólogo interior

Lukacs: encontros sobre literatura

(Continuação da pág. anterior)

coisas técnicas, mas devemos perguntar-nos que grande conteúdo da época determina e traz uma certa técnica da linguagem, da pintura, etc., e que se passa depois na evolução posterior. De modo que considero um interessante problema técnico o de saber o que é que um poeta dos nossos dias pode fazer com a linguagem de Gongora, porque acho muito interessante que certas coisas técnicas sejam descobertas para depois virem a ser, naqueles que por elas foram estimulados, uma coisa diferente do que originalmente se propunham ser. Por exemplo, o caso das descobertas da linguagem surrealista. Não há dúvida que elas exerceram grande

Gorki: como em Homero, um processo continuo da humanidade

influência na poesia de Éluard. Mas não há dúvida também que os grandes poemas de Éluard são muito mais que a simples linguagem surrealista. Em Éluard essa linguagem tornou-se um elemento de um complexo que exprime algo de essencial para a subjectividade de hoje.

UMA LITERATURA DE HOJE

O romance de Jorge Semprun, intitulado *Le Grand Voyage*, contém muitas coisas excelentes. Quando considero toda a

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

literatura destes ultimos 20 anos, acho um tanto escandaloso que este livro notável (com as últimas cartas que contém dos antifascistas condenados à morte, nos anos 60, e onde se mostra uma tal medida de grandeza humana, valentia e força de carácter) não tenha dado qualquer impulso aos escritores. Este livro é, de facto, uma das primeiras obras em que a literatura começa a aproximar-se do nível humano dessas cartas, nível a que já se chegou na vida.

Não digo que não haja nada de semelhante; há a bela novelazinha de Hochhut, *L'Antigone berlinoise* e óptimas coisas em *Billard à neuf heures et demi*, de Böll. Agora não falo de arte, falo de vida. Esta velha de Böll, encerrada numa casa de alienados e que, finalmente, completamente fora de si, atira sobre o soldado, é uma figura de verdadeiro adversário do fascismo e representa um gesto em prol da sua liquidação interna, em contradição com o que se passa na Alemanha. E há aqui em Semprun uma coisa que eu gostaria de sublinhar, porque se refere a esse aspecto medonho do fascismo, a saber, a questão judia, que nunca chegamos (com a frequência desejada) a revelar como exemplo de brutal manipulação. Apesar disso, considero errado querer, como hoje é tendência demasiado frequente na Alemanha, reduzir a luta contra o fascismo à questão judia. Essa questão é apenas um aspecto da luta e Semprun, muito bem e muito corajosamente, apresentou o caso como uma autocrítica do judaismo; há um judeu comunista alemão, que vai a França, se bate nas fileiras dos *maquisards*, cai durante a luta, e Semprun põe-lhe estas palavras na boca: «Não posso morrer de morte judia». Morte judia — significa que centenas de milhares e milhões de homens foram levados para os fornos crematórios sem terem esboçado o mínimo gesto de resistência. A insurreição do *ghetto* de Varsóvia foi na realidade algo desse género, mas penso que, se compararmos a realidade com a literatura, mesmo sobre o judaismo, este *maquisard* judeu comunista, caído em França, é o primeiro que está, no plano literário, ao nivel da insurreição de Varsóvia. Não sei se se vê claramente o que eu quero dizer com isso e que neste dominio a literatura tem uma grande obra a realizar. Tenho-o indicado noutro dominio diferente: quando se compara o romance *Un jour de la vie d'Ivan Denissovitch*, de Soljenitzine, com as outras obras que tratam da vida nos campos de concentração, vê-se uma grande diferença: de um lado, uma descrição realista de actos de crueldade, do outro, o problema que consiste em saber de que maneira, pela astúcia ou não sei como, uma pessoa pode manter a sua dignidade humana num campo. Nisso, o romance de Soljenitzine é qualquer coisa de novo e perturbador (...) A literatura poderia contribuir enormemente para a luta contra a manifestação, nomeadamente se não capitulasse literàriamente perante ela e não a considerasse como destino. Citei exemplos para mostrar que, no plano literário, é possivel desenvolver esta revolta real que todos nós vemos nas últimas cartas dos an-

Soljenitzine: novo e perturbador

tifascistas condenados à morte, com os meios actuais e os acontecimentos actuais, ou então voltando a acontecimentos antigos que comportam certas lições para a luta dos homens de hoje contra a manipulação.

GEORGE LUKACS

Quem é ele ?
Um homem
de preferências bem definidas
Os melhores fatos ...
Os melhores carros ...
Objectos raros ...
e os cigarros KENT
com o filtro exclusivo micronite
KENT, o cigarro americano
preferido em todo o mundo

Repr.: R. S. Contreras, Lda - R. do Telhal, 4 - B-Lisboa Telef 36 95 84

PASSAPORTES

Obtenha seu passaporte por intermédio da
AGÊNCIA TURALGARVE
Rua Luciano Cordeiro, 6-C
Tel. 53 82 40 — L I S B O A

Günter Grass: ou a nota discordante entre o autor e o politico

GRASS: ANESTESIA LOCAL

FOI EM PLENA campanha eleitoral que Günter Grass lançou o seu novo romance, a que deu um titulo de certo modo provocador *Ortlich betaubt*, isto é, «anestesiado localmente»; estas duas palavras têm um arzinho irónico, quase injurioso, ainda que sem excesso. Setenta mil exemplares vendidos em quatro semanas, uma imprensa unânime (se não no elogio, pelo menos no interesse que dedica aos temas abordados por Grass) interrogando-se sobre o «valor literário» desta obra menos brilhante que as anteriores e uma série de reportagens em todos os jornais sobre a campanha eleitoral do romancista de *O Tambor* (Grass é um partidário fogoso de Willy Brandt e tem desempenhado papel activo nos quadros do partido social-democrata) conferem a esta actividade e a esta publicação o carácter de um acontecimento excepcional.

Há algumas semanas, a revista *Spiegel* reproduzia na primeira página o retrato de Grass e consagrava às reuniões eleitorais do escritor uma boa parte das suas páginas interiores. No entanto, *Ortlich betaubt* limita-se a retomar o assunto de uma peça que Grass tinha feito representar em Fevereiro no Schiller Theater de Berlim, aliás, sem obter sucesso de monta. *Davor* (a peça) inspira-se numa realidade actual. O ambiente estudantil, os professores, os burgueses ocupam a cena, num plano de fundo adivinha-se as inquietações de uma geração em confronto com uma sociedade indiferente aos sofrimentos dos outros. Já se sabe que a guerra do Vietname é absurda. Mas bastará que um estudante sacrifique o seu cão queimando-o vivo no Kurfurstendamm em frente da esplanada do Kempinski, onde as damas debicam bolinhos de creme, para alertar a opinião pública e, sobretudo para que a guerra termine? Para que serviram o sacrifício dos bonzos no Vietname e o de Jan Palach na Checoslováquia? Para nada. A acção politica racional nunca poderá assentar no desespero. O estudante Scherbaum não queimará o cão — isto porque a peça decorre *antes* da acção em perspectiva. *Davor* dá corpo a uma ameaça cuja ineficácia reclama outros comentários e permite uma visão mais nuançada das ideias politicas de Grass.

O romance alarga o assunto da peça e confere-lhe um carácter mais irónico e mais desiludido. O personagem principal, o professor primário Starusch, que se confia ao seu dentista, verifica a inutilidade de todo o tratamento: as dores não deixam de voltar. Numa sociedade em que os homens sofrem de anestesia local, como agir, como passar à acção, como obter transformações?

Há entre a obra e o «engagement» politico do autor uma nota discordante. Em quem acreditar? No romancista ou no orador? O mundo de Gunter Grass está cheio de contradições. A agitação, qualquer que ela seja, não pode voltar a dar-lhe uma unidade. Alternadamente, cada homem, cada partido, cada ideologia, guarda uma parte de verdade. A lição que se retira deste romance como deste tipo de acção não será que é preciso reflectir esperando encontrar para amanhã outras formas de diálogo e de combate?

Resposta a um «Esclarecimento»

Respondendo ao repto lançado por António de Macedo no «Esclarecimento» que publicámos neste suplemento em 18 de Setembro ultimo, António Lopes Ribeiro enviou-nos, com pedido de publicação, a carta que passamos a transcrever:

«É COM MUITO GOSTO que presto o esclarecimento publico que me foi «exigido» pelo meu estimado colega e amigo António Macedo, a propósito da decantada questão da dobragem em português dos filmes estrangeiros.

Ao escrever que António de Macedo considerava a dobragem obrigatória como «a unica solução para o cinema português» de nenhum modo quis dizer que ele não considerasse também a necessidade de tomar «outras medidas». Mas, segundo ele próprio transcreve no seu «Esclarecimento» referia-se a medidas «não cinematográficas». Daí eu supor que a unica medida *cinematográfica* para ele susceptivel de criar as condições de mercado necessárias ao desenvolvimento do cinema nacional fosse a dobragem. Com tão nutrida soma de argumentos a defendia no plano prático (embora a condenasse do ponto de vista estético) que me convenci de que, no seu consenso, sem a dobragem obrigatória dos filmes estrangeiros o cinema português se tornaria inviável. Não vi portanto inconveniente em empregar os termos «unica solução», no sentido de medida basilar, fundamental, sem a qual todas as outras seriam inoperantes.

Vejo agora que essa minha afirmação, expressa de boa-fé, se revela «tão despropositada como falsa». Ainda bem!

Quanto ao facto, rigorosamente verdadeiro, de ter sido eu — «conhecido opositor da dobragem» — «o director da dobragem para português do filme alemão *Helga* e do filme espanhol *Os 5 Avisos de Satanás*», esse nada tem de paradoxal, pelas seguintes razões:

1.ª — O filme alemão *Helga* é um *documentário*, que a Lei 2005 obriga a ser dobrado em português.

2.ª — O filme *Os 5 Avisos de Satanás* é uma *co-produção hispano-portuguesa*, legalmente reconhecida como tal, interpretada por actores espanhóis e portugueses, cada um deles falando na respectiva lingua, o que tornou inevitável, como é corrente nas co-produções, o recurso á dobragem.

Devo acrescentar o seguinte:

Se *detesto*, como espectador e como crítico, o enxerto artificial da dobragem, *gosto muito*, como cineasta, do meticuloso trabalho de adaptação fonética, de disciplina mental e habilidade técnica exigido pela dobragem.

Isto, que talvez não seja entendido por toda a gente, é admitido e compreendido, sem duvida por um técnico de cinema da estirpe de António de Macedo.»

GRAVURAS NA «GRAVURA»

por Rocha de Sousa

BEATRIZ, CALHAU, CAMILA, MARIA GABRIEL, LUZ LINO, HOGAN, VITOR FORTES, VITOR POMAR

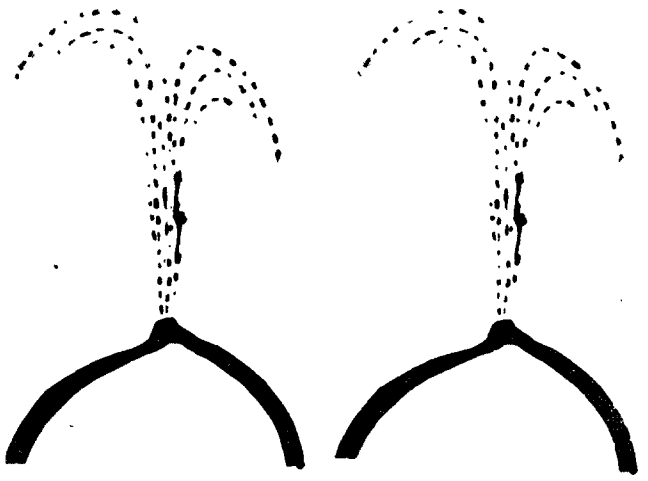
Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses

A Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses continua a demonstrar uma clara capacidade de acção e um espírito atento às realidades da gravura, desde o domínio da pedagogia que a projecta à sua expansão, aos seus possíveis objectivos e à informação que envolve o seu lançamento no mercado. Não é a primeira vez que temos oportunidade de salientar a natureza e o mérito deste trabalho, em geral menos espectacular do que a produção de choque apresentada pelas galerias mais avançadas, mas que continuam a intensificar-se um pouco por toda a parte, na redescoberta das técnicas que lhe correspondem e na sua aplicação a necessidades actuais de comunicação. As características artesanais da gravura, a variedade dos seus métodos e os limites tecnológicos em que se esboça, têm conduzido muitas pessoas a uma atitude de reserva perante os resultados possíveis, ainda que sejam indesmentíveis, no plano dos juízos de valor, as qualidades alcançadas por alguns grandes autores do nosso tempo que à gravura dedicaram ou dedicam um empenho pouco circunstancial. Pela nossa parte, estamos em crer que a gravura corresponde a uma técnica de expressão tão qualificada como qualquer outra, permitindo ao artista a prática de caminhos muito diversos e a escolha de níveis de expressão perfeitamente enquadráveis na problemática actual da produção artística. Na gravura, a oficina é patente e não pode ser traída arbitrariamente; há nisso uma exigência de rigor, um comportamento de fundo que tem de permanecer intacto. Este princípio conduz o operador a uma espécie de moralização do seu trabalho, à exactidão dos seus gestos e à previsão correcta dos elementos ou dos métodos de que vai servir-se. O que não exclui, de forma nenhuma, o imprevisto e a improvisação, condições reais que enriquecem em grande medida a função de criar.

A oposição dos métodos e das expressões está patente, de resto, na própria exposição apresentada pela Sociedade de Gravadores, que inclui obras recentes de alguns jovens autores que ali têm aprendido ou completado a sua técnica. Há em João Hogan, professor nas oficinas da Gravura e que acompanha com os seus trabalhos a exposição em referência, uma atitude barroca na densidade das formas que constrói e nas atmosferas que desvenda de mistura com apontamentos de natureza surreal. Há sempre em Hogan, na insistência desses valores e para além da própria abstracção, uma forte consciência dos conteúdos, a busca torturada e ao mesmo tempo serena da significação dramática das formas. No seu aparecimento, e portanto, este modo complica-se ou reveste-se de uma roupagem que está longe da síntese mais extrema, da secura e da severidade que podemos encontrar noutros autores presentes: Vítor Fortes, Fernando Calhau, Vítor Pomar. Em Fernando Calhau, contràriamente a algumas das suas experiências anteriores no domínio da gravura, assistimos à impressão violenta de um sinal sobre o papel, ao desdobramento do espaço nas realidades e nas ambiguidades do fundo e da forma. Preto no branco ou vice-versa, nenhuma concessão ao espectáculo, um modo de ser e de sentir que se aproxima do limite pela redução ao essencial. Para Vítor Fortes, neste caso e dentro do seu vasto «curriculum», a gravura é também definível dentro da própria acção de gravar, no módulo que se reproduz em qualquer posição, na sequência, e no intercâmbio das formas. Sinais puros, marcas definidas de uma disposição prévia, e apenas a impressão seca no papel, sem tinta, sem pintura, sem cenário: o relevo de uma voz branca que recomeça o acto de criar a partir do primeiro gesto, da primeira marca de reprodução gravada na rocha. A consequência deste método. dentro da sua própria significação humanística, exprime-se pela austeridade, a que vem dos meios e a que se perpetua na obra. Seguindo esta linha de associação, Vitor Pomar é também um caso importante de pesquisador, agora atento à necessidade de uma linguagem clara e à coordenação de sinais exactos. As suas séries de gravuras paralelas partem das redes fotográficas ampliadas, aqui exploradas como material ou textura expressiva, para atingirem o domínio da percepção e demonstrarem a variabilidade mecânica do juízo visual.

Nestes três exemplos, por oposição à linha de comportamento de João Navarro Hogan, se pode apreciar o tipo de problemas que a gravura também pode aceitar no seu campo de acção e o sentido assumido pelos artistas de acordo com as exigências da sua pesquisa e do seu interesse estético. Assim se confirmam, muitas vezes, as experiências tentadas noutro domínio e assim se ensaiam, alquìmicamente, a paciência de construir e a capacidade de programar.

Descontando os casos um tanto episódicos e por vezes incipientes de Luz Lino e Camila, podemos verificar a evolução de Maria Gabriel no sentido do isolamento dos sinais que descobre, abrindo o espaço do papel à sua função expressiva e assim permitindo o escalonamento da composição, a sua coerência, o seu progressivo sintetismo. Maria Beatriz, por outro lado e como personalidade inteiramente votada ao destino daquilo que a habita, usa a gravura na medida exacta em que serve a sua decisão forte, humoral, satírica, contundente. Aí se verifica que mais uma vez a gravura resiste, é igualmente um meio para a formulação de uma linguagem com os seus objectivos particulares.



Será inaugurada em Cracóvia, no próximo mês de Maio, a III Bienal Internacional de Gravura promovida naquela cidade pelo Ministério da Cultura e pela Associação dos Artistas Polacos. Prevê-se que serão expostas cerca de mil gravuras, já que em 1968 participaram na Bienal 420 artistas de 47 países, tendo sido convidados pelo Comité da Bienal 194 autores enquanto 226 enviaram os seus trabalhos por iniciativa própria. Serão integrados na III Bienal Internacional de Gravura, por convite do Comité de Organização, os representantes dos diferentes países assim como os artistas convidados directamente. Cada artista convidado pode concorrer com três obras produzidas no período de 1968-1969 e que não tenham sido apresentadas nas exposições internacionais da Europa. Estas obras não são submetidas à aprovação do júri de selecção, que funcionará apenas para os artistas que concorrem livremente, por sua própria iniciativa. Serão atribuídos cinco prémios e diversas distinções

Curso de Formação Artística

Procurando corresponder às necessidades da nossa vida cultural, no plano artístico, e às que surgem dentro de uma sociedade em expansão de actividades, criou a Sociedade Nacional de Belas-Artes, em 1965, o Curso de Formação Artística. Esse curso tem sofrido diferentes alterações e adaptações que a experiência pedagógica não pode deixar de promover e o ajustamento ao meio impõe de forma renovada e constante.

Este ano o Curso de Formação Artística volta a funcionar não apenas para os alunos em frequência do 2.º e 3.º anos, mas também para novos alunos inscritos no 1.º ano, que desta vez aparece desdobrado em aulas de dia e de noite. Esta iniciativa responde aos problemas de indisponibilidade por parte de pessoas empregadas de dia e a muitas propostas de ampliação do Curso Nocturno feitas pelos alunos aí inscritos no ano lectivo anterior.

O Curso de Formação Artística é dirigido muito em especial a quem pretenda adquirir uma profissão dentro de serviços de «atelier» (Produção, Publicidade, Arquitectura) em empresas industriais e comerciais; de serviços de comunicação de massas (Jornais, Editoras, Rádio, Cinema e TV) e de organizações culturais e turísticas (Guias e Monitores de Museus). O curso, que pode ajudar a reconverter ou a melhorar uma profissão, serve igualmente como introdução a um curso superior de especialização no País ou no estrangeiro e beneficia de modernas experiências no ensino artístico, distribuindo-se por três anos lectivos em regime de pleno tempo: um primeiro ano de estudos básicos ou Curso Preliminar (Educação Visual), seguido dos Cursos de Especialidade (Comunicação Visual e «Design») com a duração de dois anos cada um. Estes cursos são ministrados segundo três tipos de aula: «atelier», seminá-

(Continua na 7.ª página)

C. F. A.: uma contribuição de base para a vida artística portuguesa

EXPOSIÇÕES

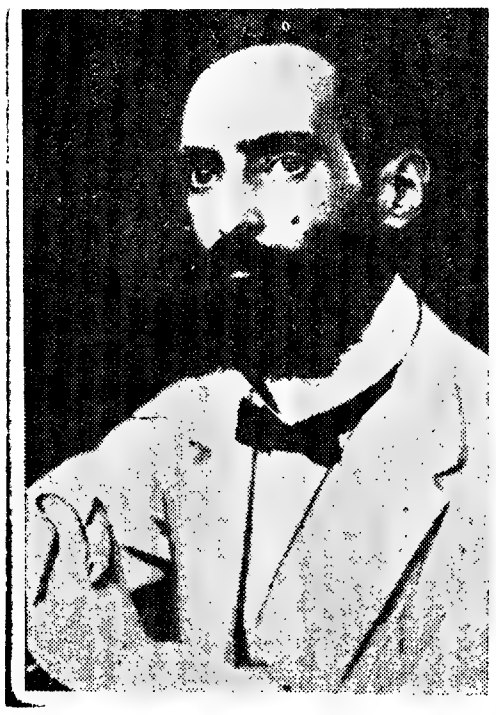
S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**SALÃO DE VERÃO,** exposição retrospectiva da actividade das galerias na temporada de 1968-1969.
GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**JOÃO ABEL MANTA, CONDUTO, MARIA VELEZ, CHARRUA, ANTÓNIO SENA** e **SÁ NOGUEIRA,** numa colectiva importante de carácter permanente.
GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS *Fundação C. Gulbenkian*	**EXPOSIÇÃO DE OBRAS DE PINTURA, PROPRIEDADE DA FUNDAÇÃO, DE ARTISTAS PORTUGUESES CONTEMPORANEOS.**
SOCIEDADE COOPERATIVA DE GRAVADORES *Travessa do Sequeiro*	**BEATRIZ, CALHAU, CAMILA, MARIA GABRIEL, HOGAN, LUZ LINO, VITOR FORTES** e **VITOR POMAR,** numa colectiva que documenta algumas tendências da gravura entre os autores jovens.

AO TEMPO ESTÃO SUJEITAS AS PALAVRAS

A QUERELA DOS ULTRAPASSADOS

por Gastão Cruz

A POESIA — nunca se insistirá demasiado nisto — é uma investigação permanente. Como qualquer outra realidade, ela está continuamente submetida ao movimento e à mudança. Escrevê-la é, automàticamente, contestar e refazer toda a poesia anteriormente escrita. Cada obra poética é uma nova totalidade; cada estilo uma nova síntese. A importância de um poeta depende da coesão e da ousadia da síntese obtida. A originalidade e a inovação, não só não são incompatíveis com um profundo enraizamento em um ou vários sectores da poesia pré-existente, como só possuirão consistência que as imponha se provierem do estudo amadurecido dessa poesia. Não é possível inovar, em dado momento, sem o conhecimento da problemática da composição nesse momento, pois inovar é enfrentar oportunamente problemas, embora no acto de criação se possa ter maior ou menor consciência disso.



Camilo Pessanha: ultrapassado está o P. Homem de Melo!

Ao tempo estão sujeitas as palavras, escreveu Correia Garção. Na verdade, tudo se resume a essa sujeição das palavras ao tempo. E não só as palavras com o tempo se alteram, mas os próprios problemas da linguagem e da composição. A problemática de hoje pode ser já diferente da de ontem — para isso bastará, por vezes, o aparecimento de um poeta, de um livro ou de um poema. Uma visão crítica da poesia não é apenas sincrónica. Tem de adoptar uma perspectiva que lhe proporcione a observação do fenómeno poético como totalidade em constante alteração.

★

CERTOS POETAS *fora de moda* (e, evidentemente, os críticos que os apoiam) desferem, de vez em quando, contra a moda as suas setas enferrujadas.

Para eles, a experimentação de novas técnicas, a construção dum estilo que se insira nas coordenadas do seu tempo e não nas de meio século ou um século atrás, todos os problemas da expressão poética e todos os passos da evolução da poesia, enfim, não passam de desprezíveis passagens de modelos, cujo rumor mal chega às excelsas alturas da sua incorruptível intemporalidade.

Sim, esses poetas *são* intemporais! Que lhes importa que já para Walt Whitman, por exemplo, a rima e o verso medido não fossem atavios indispensáveis à poesia, o mesmo sucedendo com a pontuação para Apollinaire... Cem anos depois do primeiro e cinquenta depois do último, eles não hesitam em verberar pùblicamente idênticas *liberdades* (secundárias, de resto) em poetas de hoje. E, com mais forte motivo, é claro, igualmente hostilizam ou ignoram as mais profundas alterações da linguagem poética, que não podem entender. Profissionalmente, a sua atitude é equivalente à dum médico que se recusasse a utilizar antibióticos, proclamando-se adversário das modas em medicina.

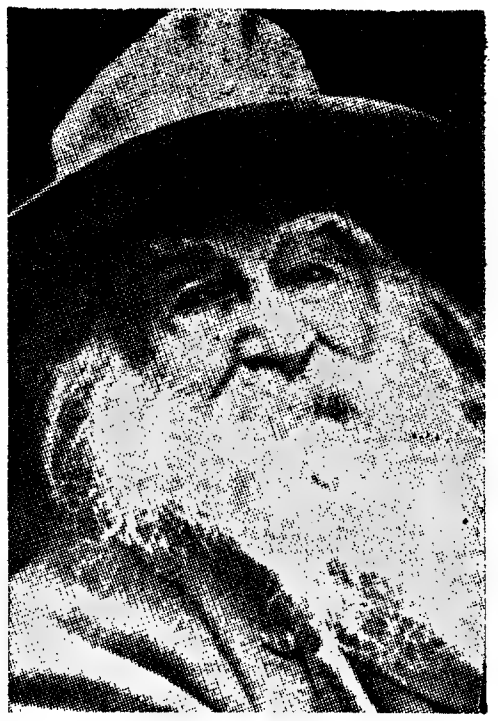
Mas como não existe poesia intemporal e como nenhum poeta importante ignorou ou ignora a problemática da poesia do seu tempo, toda essa sobranceria não é senão um sintoma de passadismo e uma autodefesa contra as críticas de desfasamento dirigidas ao altivo e obsoleto poeta. E o que, neste caso, é designado por *moda* e atacado como tal não é mais, como já vimos, que o próprio movimento interno da poesia, a adopção constante de novos processos de composição.

A ùltimamente bastante debatida questão dos *poetas ultrapassados* resume-se a que só estão *ultrapassados* os poetas que sempre o estiveram. Donde, não estão ultrapassados Cesário Verde, Camilo Pessanha ou Mário Cesariny de Vasconcelos, embora, com toda a certeza, o estejam Júlio Dantas, Pedro Homem de Melo ou Natércia Freire, pela razão única e bastante de que nunca a sua produção se situou na esfera da modernidade.

Mário Cesariny de Vasconcelos (visto por João Rodrigues): ultrapassado está o Dantas!

Mas a questão da *moda* em poesia pode igualmente ser vista de outro ângulo. É que se essa palavra serve a alguns para designarem toda uma evolução da linguagem poética que lhes convém ignorar, ela é, por outro lado, aplicável, com perfeito cabimento, à postiça modernidade daqueles que, aligeirando as características mais fàcilmente assimiláveis de alguns poetas e movimentos representativos, exploram num sentido simultâneamente mundano, comercial e académico um certo número de assuntos e de habilidades susceptíveis de agradar a um largo sector burguês.

É evidente que esta assimilação das características de outros não tem, aqui, nada de fecundo, nem de saudável, nem de criador. Porque não se trata de receber uma influência ou de ser permeável a um estilo alheio durante a tarefa de construção de uma modernidade própria. Trata-se apenas de macaquear o que possa parecer mais interessante para um público de fracas exigências estéticas — trata-se, em resumo, de pretender *estar na moda*, o que é, curiosamente, uma das formas mais seguras de estar ultrapassado.



Walt Whitman: certas liberdades na linguagem poética

Temos, pois, e concluindo, que há sem dúvida, poetas ultrapassados, por muito que isso custe a certas pessoas a quem este termo provoca um sensível e acentuado mal-estar. E que *estar ultrapassado* nada tem que ver com a passagem dos anos, nem com a aparição de posteriores técnicas e experiências: este ultrapassado é, muito simplesmente, não ter sido ou não ser capaz de participar na construção da poesia do seu tempo.

PRONTUÀRIO DAS LETRAS

NERUDA, ADEUS NOBEL

Para Pablo Neruda a nomeação como candidato comunista à presidência do Chile, anunciada no último dia de Setembro, deverá representar desde já muitas bolas pretas noutra votação: a do Nobel. Proposto mais uma vez este ano para o prémio literário da Academia de Estocolmo, o poeta de Isla Negra está antecipadamente batido. É certo que Mikhail Chólokov recebeu o prémio, mas a candidatura Neruda reveste-se agora de circunstâncias diferentes. Tem razão o dirigente do Partido Nacional (direita conservadora) quando diz, citado em telegrama da France-Presse: «É pena que o país perca a sua melhor oportunidade de obter o prémio Nobel.» Um segundo Nobel, esclareça-se. Em 1945 o prémio foi para a poetisa chilena Gabriela Mistral.

BRETON NA MORAES

Breton no catálogo da Moraes: sai em meados do mês a tradução dos «Manifestes du Surréalisme», assinada por Pedro Tamen. Os editores valorizam o volume com um prefácio de Jorge de Sena. Entretanto podemos anunciar que o Suplemento Literário DL apresentará a sua nota crítica em cima da hora.

AH, ESSE TEATRO!

A «saison» teatral 69-70 de Paris é qualquer coisa. Lemos em «Le Figaro Littéraire» uma antecipação bastante pormenorizada, encimada pelos nomes de Paul Claudel ««Le pain dur»), Shaw («Major Barbara»), Brecht & Weil («Dreigroschenoper»), Cocteau («Oedipe Roi»), Arrabal («On a passédes menottes aux fleurs» e já «Le jardin des délices») e Anouilh («Cher Antoine»). Outros autores previstos: Diego Fabbri, Moravia, Pagnol, Félicien Marceau, Pinter, Gombrowicz, Mart Crowley, Peter Nichols, Wolinski, Tchekhov, Feydeau, Strindberg, Marguerite Duras. E de permeio um golpe duro — o encerramento do teatro Lutèce, cujo proprietário (o arcebispado de Paris) denunciou a concessão.

NOTÍCIAS DO BRASIL

O historiador José Honório Rodrigues foi eleito para preencher a cadeira n.º 35 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono o poeta Tavares Bastos. José Honório, 56 anos, formou-se em Direito aos 24 concluindo em 1955 o Curso de Pós-Graduação da Escola Superior de Guerra. ● Salvatore d'Anna organizou e traduziu para o italiano o volume antológico «Poesia del Brasile d'Oggi». Entre os autores escolhidos: Paulo Bonfim, Ida Laura, Oliveira Ribeiro Neto, Lindolf Bell, Renato Pallotini, Péricles Eugénio da Silva Ramos e Jamil Almansur Haddad. ● Raul Bopp outra vez na berra: com «putirum», onde reúne a produção poética e de prosa (documental) ligada ao Modernismo. Inclui a famosa «Cobra Norato». ● De José Triana no Teatro Ipanema do Rio; «A noite dos assassinos», com encenação de Martim Gonçalves e Norma Benguel na protagonista. O autor é cubano. ● Para o lançamento de «Tenda dos Milagres», novo romance de Porge Amado, prevê-se para começar uma edição de 100 mil exemplares. A maior de sempre no Brasil.

ALMEIDA FARIA

O «Madrid» do passado dia 20 de Setembro trazia uma notícia de vinte e nove linhas sobre a produção francesa (Gallimard) de «A paixão», segundo romance de Almeida Faria, «uno de los escritores portugueses más interesantes de la nueva generación». Comentário de passagem: «las condiciones em que se desarrolla la creación literaria portuguesa guardan cierta relación con las de nuestro país.» Ou a descoberta da pólvora.

O CINEMA QUE VEMOS

	ArC	AdC	APV	EPC	JVP	LA	MML	VST
Amo-te, Amo-te (Alain Resnais)	—	5	2	4	5	5	4	4
Os Comediantes (Peter Grenville)	—	—	—	2	—	2	1	1
Barbarella (Roger Vadim)	—	2	—	2	3	2	1	2
Por Quem Os Sinos Dobram (Sam Wood)	—	—	0	—	—	2	1	—
Repulsa (Roman Polanski)	—	—	3	4	4	4	4	4
Os Indiferentes (Francesco Maselli)	1	2	—	1	—	1	1	1
A Mulher Infiel (Claude Chabrol)	—	2	1	4	—	4	3	3
O Diabo À Solta (Philippe de Broca) ...	—	—	—	2	—	2	—	—
Espião Por Acidente (Dick Clement) ...	—	—	—	—	—	2	—	2
Helga (E. F. Bender)	—	0	0	0	0	0	0	0

Os «números»: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

Os «votantes»: AdC (**Adelino Cardoso,** Revista «Rádio e Televisão»); ArC (**Armando Caeiro,** dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos,** «Jornal de Letras e Artes»); EPC (**Eduardo Prado Coelho,** D. L.); JVP (**José Vaz Pereira,** D. L. e «Seara Nova»); LA (**Lauro António,** D. L. e «Século Ilustrado»); MML (**Manuel Machado da Luz,** D. L. e «Seara Nova») e VST (**Vítor Silva Tavares,** D. L.).

UM OUTRO PENSAMENTO

por José Vaz Pereira

TESES E DOCUMENTOS
do II Congresso Republicano de Aveiro
Volume I
Edição «Seara Nova»
Lisboa, 1969

OCULTANDO E DESVIRTUANDO as opiniões contrárias, a mentalidade do poder absoluto marcou dolorosamente várias gerações que, durante décadas e décadas, sempre conheceram o mesmo regime. Era lógico concluir que, submetido a um cilindro compressor e não obstante a fulgurância dalguns dos seus intelectuais, o pensamento de oposição enfraqueceria e perderia a sua vitalidade. Sem organizações, sem debates, sem possibilidade de imprimir, de publicar, de informar, ele jamais teria possibilidade de se fazer ouvir, de reunir alguns dos seus nomes mais representativos dispersos pelo exílio, pela segregação profissional e por outras situações conhecidas e paralelamente dramáticas.

Tal não aconteceu porém. Contra o que seria de esperar, o outro pensamento mostrou a sua vitalidade e a sua combatividade quando se encerrou o longo período que veio de 1958 até 1968.

CONGRESSO REPUBLICANO

As teses do II Congresso Republicano de Aveiro (com a 1.ª parte já publicada em volume) provam claramente para que lado se inclina a iniciativa e a renovação na batalha das ideias. Quem tivesse pensado, quer no campo oficial, governamental quer em simples atitudes públicas ou privadas de opinião, num desarmamento ideológico enganava-se redondamente. Uma mobilização intelectual imediata impedia que ao gelo do silêncio sucedesse o vácuo cómodo da capitulação.

Mas mesmo dentro desse espírito de não capitulação havia dois caminhos: ou prosseguir uma retórica inflamada mas tornada obsoleta por novas conjunturas ou criar um novo tipo de pensamento, logo de acção. Por isso mesmo, será difícil encontrar um denominador comum entre o realismo das teses ora publicadas e as linhas adoptadas nas movimentações do MUD em 1945/6 ou da campanha do general Humberto Delgado em 1957. Falar com um país que não está habituado a isso não é necessàriamente dirigir-lhe «clichés» por mais válidas e fortes que sejam as razões que os informem. É preciso, neste fecho da década de sessenta, explicar de maneira a não deixar dúvidas como as coisas são, como as coisas estão, para onde as coisas vão e tirar daí conclusões que não podem ser ditadas por pura paixão partidária. Foi esse o caminho seguido.

As Teses do II Congresso Republicano de Aveiro instauram uma objectividade nova num pensamento que se tentou rotular de demagógico nas raras vezes que lhe era permitido manifestar-se. A face dum país e não a sua fachada é aí posta a nu. Com serenidade e com sinceridade, com uma nota de esperança mas sem pieguices escusadas. Não é cruel saber as verdades — é criminoso ignorá-las. O II Congresso convida-nos, olhando de frente, a descobrir novamente o país sem face e a abrir-lhe caminho para um rosto humano. O rosto humano dum país humano a que o povo sabe que tem direito. O rosto humano dum país humano — irreversìvelmente real nesta proposição de futuro aberta em Aveiro.

A nenhum leitor dos documentos do II Congresso Republicano escapará a primazia concedida aos problemas da economia e da educação. Por eles passam ou deles dependem as soluções possíveis que podem apressar a entrada de Portugal na Europa dos nossos dias. Tanto uma organização sólida da economia e a sua integração numa dinâmica de progresso como, também, a democratização e a qualificação do ensino são decisivos para a conquista do futuro. Um futuro que precisará de pertencer a todos para ser futuro.

Situado a poucos meses das eleições legislativas, o II Congresso Republicano teve uma importância histórica excepcional e as teses apresentadas estão á altura desse momento. Muitos certamente esperariam que o pensamento de oposição, dura e longamente reprimido, isolado, colocado em quarentena, não tivesse potencialidades para se afirmar numa altura em a evolução do regime, para lá da substituição dos homens e dos programas, era precipitada pela necessidade urgente de passar de uma sociedade pre-industrial a uma sociedade em processo de industrialização. Viu-se que não era assim, está-se a ver que não era assim. Houve claridade onde se supunha surgisse o nevoeiro.

Todos fazemos uma certa ideia de país, uma certa ideia de nação. Algo que não é fixo, que não é imutável, mas que vai desabrochando, desenvolvendo á medida que se modifica também a nossa visão dos homens e das coisas, a cosmovisão, se assim quiserem. E também uma certa ideia de povo, uma certa ideia de participar (ou de não participar) na sociedade:

Essas ideias, esses pensamentos acompanham-nos e levam-nos também fatalmente a opções. Opções que não são ditadas pela vontade bizarra de ser diferente mas pela imposição de trabalhar ou agir para uma felicidade mais repartida, mais comum, mais generalizada.

Mas, simultâneamente, sofremos outras influências, outro tipo de pressão. Existe um figurino prefabricado onde teremos de nos meter, existe o eterno

CONGRESSO REPUBLICANO

«se não és por mim, és contra mim», existe a violentação das consciências por motivações que convidam mais á adesão cega do que a uma atitude reflectida e ponderada de escolha. Existe uma imagem, um país imaginário com o qual temos de nos identificar para não sermos intrusos. E, muitas vezes, o país imaginário que nos propõem e o país real em que vivemos confundem-se e choram.

Um desmente o outro.

É esta contradição que um pensamento de homens livres tem de desfazer, tem de resolver. Doutra maneira, não prestaria um serviço á comunidade, complicaria a situação onde havia que a simplificar.

As teses do II Congresso Republicano de Aveiro iniciam a abertura dessa operação de inteligência e de luz. Elas ensinam que não há que recear os problemas por mais portentosos que eles sejam e que a primeira maneira de os enfrentar é estudá-los e retirá-los do segredo privilegiado de meia dúzia de grupos ou de meia dúzia de especialistas. Uma informação séria, desprovida de oportunismos é, na hora actual, um dever e um direito.

Cremos que, em relação ao volume agora editado em versão integral, o pior que se poderá fazer é lê-lo e arrumá-lo na estante. Como documentos vivos que são, as teses do II Congresso Republicano destinam-se a ser analisadas, discutidas, desenvolvidas. Destinam-se a continuar um debate, não a encerrá-lo. Destinam-se não a acabar mas a principiar.

Destinam-se a todos e todos lucrarão em, através delas, manter aceso um facho que as trevas não conseguiram apagar. Em Aveiro recomeçou a esperança.

COMPUTAÇÃO E HISTÓRIA DA ARTE

Folhetim artístico de José-Augusto França

QUE a arte se pode fazer à máquina, ou que há uma arte que a máquina cria, por via de computadores, é coisa já sabida — e provada na notável exposição que Jassia Reinhardt organizou o ano passado no I. C. A. de Londres. Suficientes experiências nesse sentido têm sido feitas, para estar já definido estèticamente o «processus» de tal criação — aliás própria, se bem o entendermos, de uma «segunda idade» industrial que a cibernética comanda.

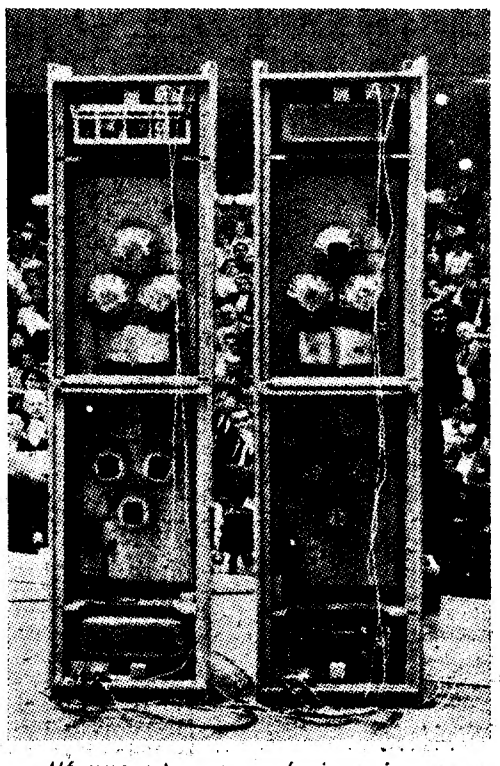
Mas não é disso que aqui se trata, e sim do seu correspondente no domínio da leitura e do conhecimento das obras de outro modo («à mão»...) criadas, em todos os tempos.

«Venho do Congresso do C. I. H. A. (Comité International d'Histoire de l'Art), reunido em Budapeste e dele trago notícias nesse sentido. Para ele, aliás, notícias levei também — e umas e outras se acordaram da maneira que vamos ver neste folhetim.

Com efeito, das comunicações que ouvi (e algo se trabalhou em Budapeste: 188 comunicações em 10 secções), no quadro do tratamento metodológico que especialmente me interessava (e sendo impossível estar em três salas de sessões ao mesmo tempo...), quatro se referiram às técnicas de computação dentro da pesquisa ou da sua utilização em história da arte. Uma delas, de resto, foi apresentada por mim.

LURAINE TANSEY, da Universidade da Califórnia, leu uma curiosa comunicação sobre «classificação completarizada de diapositivos de arquitectura gótica» — informando sobre um engenhoso sistema de arrumação de fichas que permite uma consulta rápida e correlacionada, conforme diversas redes referenciais. Uma bolsa da biblioteca universitária permitiu-lhe pôr em prática e aperfeiçoar uma ideia que é, sem dúvida, de extrema utilidade. Não cabe aqui a sua descrição, tudo dependendo, bem entendido, de fichas variadamente perfuradas, acorrendo ao chamamento do programa que se pretenda realizar — em coordenadas cronológicas, topográficas ou tipológicas de pormenores seriados, etc. O professor ou o conferencista dispõe, assim, sem perda de tempo, de um material sempre aprestado. Uma matriz convenientemente preparada — e a máquina faz a sua obrigação que é de ajudar o homem. O ordenador apresenta-se assim como um auxiliar precioso — e mesmo indispensável num plano de desenvolvimento técnico e científico que certas universidades atingiram. Não vale a pena fazer comentários sobre o gosto

(Continua na 7.ª página)



Há uma arte que a máquina cria...

De Edgar Poe a Arrabal
o ABOMINÁVEL intervém
antologia do conto
ABOMINÁVEL
ed. afrodite. dist. liv. quadrante
uma antologia que faz
BRRR!
para leitores eleitos

O amor e a guerra em Shakespeare

(Continuação da 1.ª página)

a forma original que os seus autores lhe imprimiram.

Ora um dos temas que Shakespeare abordou com implacável lucidez foi o do Amor sob o signo da guerra na *História de Tróilo em Créssida*. O tom desta peça surpreende em Shakespeare, porquanto ele é a negação do patrioteirismo taquenho do seu *Henrique V*. Mas desde então até 1601 ou 1602 (data provável da composição dela) algo aconteceu ao dramaturgo que, ao debruçar-se no tema da Guerra de Tróia, colhido em Chaucer, sentia o mal-estar colectivo gerado por mais de quinze anos de hostilidade contra a Espanha e agravado pelo malogro das negociações de paz em 1600, numa altura em que o conflito degenerava num duelo transoceânico e inconcludente para as armas britânicas.

Para um tema desta ordem acha-se no espectador moderno uma fina receptividade. Tocado pelas vicissitudes de uma época tumultuosa, tem sido ele educado por uma literatura, que desde os dias do existencialismo até à redescoberta do teatro de Brecht (v. g.: *Ti'Coragem e seus Filhos)* e ao drama anticolonialista do libanês Jorge Schehadé na *Histoire de Vasco* (1956) jamais cessou de se interrogar acerca do que se tornou o mal endémico do nosso século.

Depois, as grandes tempestades da história, tendo abalado profundamente a crença num ideário ético, que havia feito um valor supremo do individualismo de dimensão doméstica, sensibilizaram o leitor para toda a casta de problemas atinentes à unidade familiar. Este detecta então nela essa qualidade de «nódulo infungível» (no dizer preciso de Charles Morazé) e a essencialidade do destino dela comove-o até à raiz do seu próprio ser.

Ora tanto a referida peça de Brecht, como a de Schehadé, envolvem de um núcleo dramático que assenta no esquema familiar proposto na *História de Tróilo e Créssida*. Todas as monstruosas contingências que engolfam os comparsas do drama criado pela guerra são observados nestas três peças pelo prisma do microcosmo familiar.

Atentemos mais de perto nessas analogias, começando pela *Ti Coragem*. Aqui a constelação familiar é constituída pela protagonista e pelos filhos: Catarina, a surda-muda cuja crise de consciência ante os desastres da guerra a leva a actuar oportunamente, e os rapazes Eiliff e «Queijo Suíço». Apanhada com a família nas malhas da Guerra dos Trinta Anos, Ti Coragem vai procurar sobreviver com a sua gente numa recusa permanente das opções que o conflito força sobre ela. Traça para si e para os seus um rumo de vantagens individuais que a pouco e pouco os acontecimentos vão torcendo como um fio.

Desta sorte fecha ela os ouvidos aos gritos e à angústia, às assolações das cidades e à ruína dos campos, ao mortório e à miséria, que a luta vai deixando no seu rasto, e lança à conta do seu «fado» o desaparecimento dos filhos, devorados pela guerra, couraçando-se de indiferença, calando desvergonhas, ressaibando-se de cinismo, a fim de poder continuar o seu negóciozinho, achamboada entre os varais de uma carroça — símbolo da sua total desumanização.

Por seu turno na *Histoi-*

rie de Vasco, o tema do amor impossível é tecido dentro do esquema dual do Pai (César) e Filha (Margarida). As barreiras sucessivas que a guerra vai interpondo entre esta e o seu bem-amado Vasco tornam-se incompreensíveis para o Pai, que tudo tenta para consumar a felicidade dela.

E Schehadé tempera as asperezas da situação dramática com um humor negro que, nutrindo-se do elemento lúcido inerente a toda a actividade bélica, mais realça as inconsequências de uma história de amor vivida numa terra em que os homens brincam ao jogo da morte.

Mas em *Tróilo e Créssida* esta ambição de preservar a integridade do casulo doméstico, numa renúncia às exigências do tempo histórico, enquanto a guerra vai ceifando vidas, é potencializada ao absurdo. O fautor da crise é aqui o agoureiro Calcas. Prevendo já a derrota dos seus, Calcas bandeia-se com os Gregos e busca reaver a filha mediante uma eventual troca de prisioneiros. Sucede, no entanto, que este seu desejo de salvar os laços do sangue vão contrariar o amor de Créssida por Tróilo.

Um dia, ao dealbar da madrugada, ela é subitamente arrancada aos braços do seu bem-amado, que a persuade a anuir ao acordo a que haviam chegado os chefes militares. A filha de Calcas jamais fora consultada acerca desta transacção em que ela era uma das peças capitais. Tardiamente e ciente dos motivos daquele escambo infernal, prorrompe então numa dura invectiva:

«Meu pai, esqueci-o. Com
[ele não tenho
qualquer afinidade: nem
[dele conheço
parentesco, nem amor.
[nem laço de sangue,
que tão junto da minha
[alma esteja como
a do meu bem amado
[Tróilo. (IV, c. 2).

Levantada contra o Pai, que tomou um partido adverso ao coração dela, Créssida descobre pela primeira vez a realidade da guerra. Até então esta teria sido para ela talvez um *acidente*, uma degradada maneira de ser, cujo significado lhe escapava. Mas a experiência amorosa é a via da sua consciencialização. Porque a inumanidade praticada no seu caso implica a suspeita de que ela também se possa exercer em muitos outros, afectando, por conseguinte, todas as criaturas. Daí a compreender que vis e desprezíveis são os móbeis que animam os contendores naquela guerra não vai senão um passo. O «nódulo infungível» volve-se num absurdo, como absurdo é tudo quanto se passa naquele mundo em que ela vive.

Ora se até hoje a crítica tem justamente salientado esta interpretação, não soube, contudo, partir do rompimento filial para esse alvorecer de consciência, que aí prefigura já o comportamento de Créssida no acampamento helénico. E por assim ser aqui o dizemos, já que da leitura aferida pelo tratamento ulterior do mesmo tema, se deduz no que Shakespeare dele nos deu a incongruência da família como modelo social absoluto e único.

(Do ensaio *Shakespeare para o Nosso Tempo*, pp. 784-796).

LUÍS DE SOUSA REBELO

PLANO

a MESSA é tão resistente como o carro dos anos vinte...

...E IGUALMENTE PERFEITA.

Ambos combinam uma singular elegância de linhas com uma apurada técnica de fabrico.

Naturalmente, há diferenças a considerar! A nossa máquina tem carros intermutáveis com quatro medidas diferentes, controle ajustável de toque, cinco posições de entrelinhas, diversos tipos de escrita e revestimento exterior em Novodur.

Apesar da leveza da sua batida foi feita para trabalhar e estudada para resistir.

Tem o carácter das máquinas de escrever MESSA.

MESSA

MÁQUINAS DE ESCREVER S. A. R. L. – Mem Martins

Computação e História da Arte

(Continuação da 5.ª página)

à «antiga portuguesa» de perder horas a seleccionar os «slides» necessários a qualquer lição ou conferência, todas as vezes que a sua utilização se impõe. Também é verdade que, para o efeito, é preciso terem, as universidades, diapositivos...

A utilidade da máquina define-se aqui no plano da informação, ou do «consumo» — mas é com certeza possível defini-la no plano criativo da própria pesquisa.

ANDRÉ CHASTEL, da Sorbonne, numa brilhante comunicação sobre «Problemas de atribuição», referiu-se largamente também ao emprego de técnicas de classificação dos dados pesquisados no conhecimento formal das obras de arte. Não sem pôr de sobreaviso os investigadores quanto à tendência quantitativa de tal utilização. São, evidentemente, os fenómenos repetitivos que aqui especialmente interessam, por vias estatísticas — mas a ajuda de tais processos ultrapassa, creio eu, o nível enumerativo, permitindo, mais fàcilmente, uma reflexão «de sentido».

Esta operação, de «qualidade», liga-se, de resto e por sobre a fase quantitativa do ordenador, a uma prévia fase qualitativa também que fora transformada matemàticamente em dados computáveis. Instrumento de trabalho, no plano da classificação e da referência, a máquina desencadeia um processo mental — além de facilitar, e numa pesquisa moderna parece desde já difícil (se não risível) prescindir dela, ou ignorá-la.

Também ao discutir-se a evolução da redacção anual do «Répertoire d'Art et d'Archeologie», elenco bibliográfico internacional iniciado já em 1910, veio a propósito evocar o auxílio que a electrónica poderá vir a dar-lhe, poupando esforços, e tempo. Tempo, sobretudo, que pouco é para dominar tão vastos campos, quando se trabalha a sério.

Um dia, em breve (e nisso todos os membros do C. I. H. A. estiveram de acordo) se irá para a ordenação mecânica da enorme massa bibliográfica catalogada — e os laboriosos volumes anuais deverão assumir outra forma, bem diferente da de 1910, ainda hoje, no fim de contas, utilizada...

Quando se discutiu a realização dum léxico internacional de termos usados na história da arte, de novo se falou em computação — ideia que logo se impôs perante estes sete grossos volumes, só de correspondência alemão-francês, que ainda não passam da letra «G». E eu pude avançar idêntica ideia ao falar-se do «Corpus Vitrearum» que o Prof. A. R. Hahnlozer anima competentemente e vai acrescentando volume a volume, com beneditina paciência. Volumes que será preciso estudar e manusear em anos de vida, quando, por outro processo, os anos se podem reduzir a horas...

...MAS tudo isto se define ainda no plano dos dados e creio bem que importa ir mais longe, formulando uma *leitura criativa* dos objectos ou dos documentos afins.

Na comunicação que apresentei e defendi referi-me à necessidade imprescindível de lidar com estes instrumentos de trabalho ao nível da própria pesquisa — mais tarde ou mais cedo. Não é preciso ser profeta para imaginar que dentro de dez anos novas gerações universitárias de pesquisadores hão-de dispor deles quotidianamente. Como?

Limitei-me, no meu texto, a apontar esta dimensão à reflexão dos meus colegas; ela importa ao «processus» de «um método historiográfico» que pretendi expor. A minha comunicação desenvolveu-se em outras observações e conclusões menos processuais e mais metodológicas — mas por detrás do que propus perfilou-se a responsabilidade de jogar com uma instrumentação moderna. Como? — repito a pergunta.

Como — não sei: nem alguém sabe. Abordamos um terreno inexplorado, no quadro desta ciência humana em questão. Apenas podemos lembrar-nos de que, em outras ciências humanas, os instrumentos da cibernética são já largamente empregues. *Por que não na História da Arte?* Ela não pode ser feita apenas por venerandos e idosos sábios, habituados a trabalhar «à mão». Outra geração os substituirá — e em todas as ciências é o futuro que conta...

MESES atrás, propus a uma instituição cultural portuguesa a criação (dentro dum Instituto de Arte que é urgentíssimo formar também, para remediar ao panorama lusitanamente triste desta ciência) — a criação dum departamento interdisciplinar e internacional para estudar a utilização de técnicas de computação neste domínio. Volto de Budapeste mais convencido ainda da sua necessidade e da sua urgência.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Curso de Formação Artística

(Continuação da 3.ª página)

rio e teórica. As aulas teóricas, obrigatórias para os alunos inscritos no «curso global», podem ser frequentadas em regime de ciclos, de assistência livre, sem limite de idade ou grau de preparação.

No Curso Preliminar (Educação Visual) o aluno é posto em contacto com a mais vasta e diferenciada gama de meios de observação, representação e expressão, qualquer que seja o seu futuro campo de especialidade.

Nos Cursos de Especialidade distinguem-se dois ramos de opção fundamentais: Iniciação ás Técnicas de Comunicação Visual e Iniciação às Técnicas do Design. No primeiro caso, o aluno é posto em face dos problemas da significação dos objectos gráficos e da comunicação visual, através do uso de símbolos abstractos, sinetes ou siglas, símbolos alfabéticos, imagens gráficas e fotográficas. A instrução é ministrada tendo em vista o papel preponderante das artes gráficas como «mass media», para o que além do treino específico no campo da percepção e comunicação visual, o aluno é posto em contacto com os diferentes meios mecânicos de representação, expressão e reprodução. Em relação ao «design», a finalidade é conduzir o aluno à compreensão da realidade tridimensional dos objectos produzidos pelo homem, bem como dos problemas da sua integração no espaço natural (natureza) e no espaço construído (arquitectura-urbanismo). Ao mesmo tempo que o aluno é treinado nos aspectos formais e tecnológicos, ser-lhe-á inculcada a noção exacta do papel do «designer» no conjunto da produção.

Através das lições complementares sobre arquitectura, pretender-se-á incluir no aluno a noção de continuidade e interdependência entre espaço construído (Arquitectura) e de objectos e equipamentos que o ocupam, definindo-lhe as funções.

Na parte da Integração Cultural, o C. F. A. fornece aos alunos um conjunto de lições que se referem a matérias correlativas e incluem necessàriamente a História da Arte. O C. F. A. está assim apetrechado a fornecer à vida artística portuguesa, e aos profissionais de alguns ramos correspondentes, mais uma contribuição de base que, somada a outras acções e ao ensino artístico em geral, continuará de certo a ter o seu peso e o seu significado.

ROCHA DE SOUSA

GRANDE VIAGEM AO BRASIL

de 7 a 21 de Novembro

Especialmente dedicada aos industriais de moagem e panificação

RECIFE • BAHIA • RIO DE JANEIRO

PETROPOLIS • BRASÍLIA • SÃO PAULO

SANTOS • GUARUJÁ, ETC.

UMA ORGANIZAÇÃO DA Europeia

231, Av. da Liberdade, 235

Telef. 53 61 21 LISBOA-2

EM COLABORAÇÃO COM A VARIG Linhas Aéreas Brasileiras

Nas fronteiras do ilimitado

(Continuação da 8.ª página)

se seguiram à guerra): a procura de momentos privilegiados, de instantes de êxtase, que justifiquem o absurdo das coisas; e, por fim, a obsessão por certas formas de irrealidade envolvente: a noite, o mar, a mulher, que figuram o abismo, sinal do desconhecido como permanente decepção do horizonte, marca inapagável do enigma. Assinalemos, por fim, a desagregação do sujeito tradicional, que, projectado pelas forças reactivas, se decompõe no tempo e no espaço até atingir o modo de *impersonalidade* que Casais Monteiro reivindica para a expressão poética.

O PRIMEIRO momento deste itinerário (origem que sempre se retrai, e que sempre é necessário reactivar) é o da *conversão:* duma consciência inútil, adormecida e palavrosa, passamos, através de uma revelação poética, para uma consciência intensa, iluminada, torturada pela sua própria complexidade (e daí a nostalgia da inocência que nela se repercute). Intervindo no curso da vida que vai seguindo indiferente, num «estranho amolecimento» que adormece os sentidos num «vago embrutecimento» que se apodera da nossa vida, a poesia vai produzir a diferença: movimento, desordem, sonho, dispersão, partida. A mudança não possui ainda um objectivo, um termo fixo. O anti-idealismo sistemático de Casais Monteiro radica aqui: abalado o «tempo das certezas», onde tudo se impunha pela evidência da sua estabilidade, é preciso suscitar um movimento que se justifica apenas por ser movimento: *«O essencial é apenas / perseguir alguma coisa / para não ser absurdo / o tanto tempo perdido / a divagar neste mundo».*

MAIS tarde noutro ponto da sua obra, Casais Monteiro definirá este processo através de uma definição simples: o que caracteriza o horizonte é ele *não ser*, é a sua fuga constante. É esse o significado de um dos mais belos poemas do livro «Intimidade». De início, a disponibilidade, o vazio primordial. *«o pressentimento / do erguer vão de tantas catedrais».* Depois a viragem: ferida insuturável, aberta pela lâmina do Momento em que se estrangula a voz do «que não se disse nunca». E, subitamente, nesta zona de indizível, tece-se o Rumo, apelo esvoaçante de um «horizonte fugindo sem descanso». Os movimentos confundem-se: «atroz deslizar quando se crê subir», porque «tudo é cume e logo decadência». É a transgressão de um certo limite, que vai implicar a perda dos nomes, o esboroar das referências estabelecidas, a erosão da memória, a morte da identidade que a voz ainda parecia deter:

Então transcende a vida os horizontes
[certos
em que tudo tem começo, história e fim,
e planam ecos de canções ouvidas...
Mas aí
morrem as mãos erguidas em ânsia de
[conquista...
aí,
nada valem encantações sabidas,
gestos consagrados...
aí tudo passa além da nossa voz
e não têm nome os caminhos...

OS poemas incluídos em *Noite aberta aos quatro ventos* e *Voo sem pássaro dentro* introduzem novas experiências na história do poeta. A exigência da Palavra exprimira-se já num poema anterior: *«Como (...) / do silêncio dos mundos / qualquer resposta pudesse / trazer ainda a Palavra / dar sentido ao sem sentido»* Mas o tema da Palavra (como elemento fixo a irradiar sentido para a proliferação insensata das coisas) torna-se agora mais importante. A Palavra vai confundir-se com o Momento («relâmpago ferindo a treva e o silôncio») e com a «absoluta e impossível noite». A obsessão da impossibilidade figurada na presença ausente da noite, vai insistir progressivamente. Acentua-se uma tonalidade mística que procura desviar tudo o que possa trazer prejuízos à experiência pura dessa noite imensa e opaca. A intensificação do real acaba por destruí-lo: «Torno-me irreal à força de pesar sobre a realidade». O que se nos depara é um «grande vazio entreaberto», uma terrível voragem que subverte as linhas flutuantes do real e do irreal, e iluminando-se como flor de angústia, executa a demorada morte do poeta: «Fui poeta como alguns se suicidam». E assim:

As vezes, é como se uma corda cedesse,
e o vento levasse um pouco do que
[foste;
julgas-te, então, longe do teu passado
[como dum estranho...
Ilusão! Nada se vai embora desde que
[foi em ti existência profunda.
Tudo passa, mas quando não importa...
e cada dia a vida se acrescenta
e vais descendo em ti, mergulhador
[involuntário,
cada vez mais longe dos outros,
cada vez acenando de mais longe o
[lenço irreal da saudade
[pelos que abandonas,
e cada vez mais longe,
mais impossível te parece a mensagem
[fraterna,
e o silêncio em redor vai aumentando,
[e pesando,
e cobrindo-te de véus que a pouco e
[pouco intimidam a tua voz,
— e quanto mais longe, mais distante,
[mais sòzinho,
melhor tu próprio ouves a melodia indi-
[zível da vida que te afoga...

O poeta sabe agora os limites da comunicação: irremediàvelmente discursiva, mesmo quando poética, ela será sempre profanação em relação ao sagrado («o ilimitado, o futuro») que o indizível anuncia. A Palavra impossível é agora a impossibilidade da palavra; e toda a poesia a transgressão (agressiva ou resignada) do silêncio que a atrai:

Uma vez mais a palavra não responde
a palavra não
responde
Onde ninguém me procurar estou
onde ninguém vai procuro
sem saber
como porquê
Não há possível palavra para nós
«Tende piedade de nós que combatemos
[nas fronteiras
do ilimitado e do futuro».

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Adolfo Casais Monteiro, *Poesias Completas*, Colecção Poetas de Hoje, Portugália, Lisboa, 1969.

crítica

NAS FRONTEIRAS DO ILIMITADO

por Eduardo Prado Coelho

Adolfo Casais Monteiro

REFERIMO-NOS há quinze dias a uma obra ensaística de Adolfo Casais Monteiro. Fizemo-lo com certo atraso é verdade, mas a razão foi apenas uma: esperar pelo lançamento do volume de *Poesias Completas* (*), que a Portugália há muito anunciara. A colecção Poetas de Hoje, que tem reunido as obras esparsas e inacessíveis de grandes nomes da nossa poesia em volumes que logo se tranformam em insubstituíveis instrumentos de trabalho, dá-nos agora uma recolha de toda a produção poética de Casais Monteiro (com algumas excepções que o Autor explica), incluindo um livro inédito, *O Estrangeiro Definitivo*, com poemas que vão de 1954 a 1969.

O volume insere ainda um prefácio de 43, onde podemos encontrar algumas das ideias que vimos sistematizadas e desenvolvidas no ensaio que há duas semanas apresentámos ao leitor. «A poesia lírica cabe exprimir tudo o que está demasiado dentro do homem, demasiado mergulhado na sua própria carne, para que dele restasse qualquer coisa se o tentássemos explicar, ou descrever. Essa intimidade comunica-se, é transmissível — mas irredutivelmente impermeável á profanação discursiva» (p. 223). «A arte não é senão vida, não é senão o supremo esforço do homem para não morrer» (p. 326). «Eu creio que a arte se torna intemporal, que a verdadeira arte é a que vale para além do seu tempo, mas que tem de nascer temporal, isto é, que realmente o verdadeiro artista tem de ser do seu tempo» (p. 327). «A comunicabilidade não depende de facto da clareza, mas da autenticidade» (p. 328).

EM relação a este livro, onde encontramos poemas com data de 1928, é difícil escrever qualquer coisa que sirva para as páginas de um jornal. O que se impunha era um estudo sério que percorresse todos estes poemas, os desfibrasse, neles descobrisse as invisíveis linhas de força, a hierarquia dos temas, a tópica dos sentimentos. Ficaríamos então a saber que causas operam o inegável relevo que esta poesia tem entre a produçao poética do seu tempo. E determinaríamos (se em tais coisas é possível atingir determinações decisivas...) os aspectos que hoje se afiguram frágeis nestes versos e, simultâneamente, aquilo que, por vezes, lhes dá uma fascinante actualidade. Mas um jornal não pode ser lugar para considerações deste tipo, por muito que isso nos custe. Resta-nos sobrevoar ràpidamente os textos, sublinhando um ou outro ponto de maior relevância.

ELIMINANDO quase sempre a rima, optando, a maior parte das vezes, pelo verso livre, Casais Monteiro dá-nos uma poesia desgrenhada («Procura sempre aquilo que te ofenda / o ritmo sem ritmo, a palavra rude»), acentuadamente discursiva, em certos momentos muito próximo do estatuto da prosa. Para o poeta, a diferença entre poesia e prosa parece residir mais na *atitude do autor em relação ao texto* (e no modo como ele se figura como origem no interior desse texto em que emerge), do que numa *estruturação específica* do próprio corpo do texto. A poesia de Casais Monteiro parece-nos, por vezes, um pouco abstracta, baseando-se numa exploração constante de sentimentos, de estados, de tonalidades afectivas, que estão simultâneamente muito próximas de uma experiência vivida com a maior intensidade, e muito longe de um sujeito real que as viva. Em Casais Monteiro, a poesia é expressiva e não representativa, embora, por vezes, falte um mínimo de suporte de representatividade para que se possa impor a autenticidade da expressão. Trata-se, portanto, de uma poesia *sem paisagem* («natural» ou humana), onde, por exemplo, abundam os verbos no infinito.

Reunindo estas características (discursividade, ausência de harmonia, tendência para a abstracção, falta de valores representativos), encontramos uma poesia que atinge os seus melhores momentos quando o discurso se elabora interiormente até adquirir aquele peso de inscrição e afirmação plena que define, por exemplo, a obra poética mais recente de um Jorge de Sena. Excluídos certos elementos formais que habitualmente constroem o espaço do poema, cada verso só se impõe quando possui a força suficiente para traçar uma zona de silêncio em seu redor — afastando o alarido das palavras supérfluas, rasgando com solenidade as margens de um caminho. Vejamos um fragmento que ilustra estas observações:

A tua morte é sempre nova em mim.
Não amadurece. Não tem fim.
Se ergo os olhos dum livro, de repente
tu morreste.
Acordo, e tu morreste.
Sempre, cada dia, cada instante,
a tua morte morte é nova em mim,
sempre impossível.
E assim, até à noite final
irás morrendo a cada instante
da vida que ficou fingindo vida.
Redescubro a tua morte como outros
[descobrem o amor,
porque em cada lugar, cada momento,
tu estás viva.

PODERÍAMOS estabelecer uma orientação para uma leitura da obra de Casais Monteiro a partir de três ou quatro indicações muito simples. Em primeiro lugar, o sentimento predominante é o do tédio, da indiferença, do vácuo, da alienação, do sono imenso, da Suprema Inutilidade. Em segundo lugar, teríamos os elementos reactivos: o canto e o processo de consciencialização que ele suscita, sempre frustrado e sempre recomeçado, num movimento incessante que se subordina às leis do desejo; a indignação e o gosto pela luta, a valorização da revolta (sobretudo nos poemas que

(Continua na 7.ª página)

Por causa, por causa de um filme

Porque não é muito comum, justifica referência. Porque, mais que incomum é exemplar, merece referência especial.

Um tal João César Monteiro (vide «Suplemento D. L.» de 14 de Agosto passado) está a realizar uma fita, a segunda da sua carreira de ainda há pouco: «Quem espera por sapatos de defunto morre descalço». O publico (que se interessa por tais coisas, honra lhe seja feita) já o sabe — mas talvez não saiba o resto: se produzida segundo a habitual (e baixa; e subdesenvolvida; e de apertar o cinto) tabela de preços nacionais, a fita (a preto e branco e com cerca de trinta minutos de projecção) custaria para aí uns 130 contos; acontece que a fita do João César M., se atendermos ás previsões (optimistas mas não tanto) dos seus fazedores, custará uns 20 (vinte) contos — mais escudo menos escudo.

É de ponto de exclamação!

E isto (os vinte contos) porque:

1 — O realizador (que é também o argumentista e o montador, se não for mais) trabalha **à borla,** assim com plebeísmo e tudo; o homem das imagens (Acácio de Almeida), idem; o produtor executivo (Jorge Silva Melo), idem; o encarregado do som de referência (José Júdice), idem; a «script» (Margarida Soromenho), idem; o electricista (Oscar Cruz), idem; e os actores — Antónia Brandão, Carlos Ferreiro, Luís Miguel Cintra, Paula Ferreira, Ricardo Malheiro (em princípio...) e uma menina (ainda por descobrir...), aspas aspas.

2 — Um, dois, três mosqueteiros-cineastas decidiram ajudar o artista e a sua obra.

Assim, hoje mesmo, pelas 18 e 30 horas, na sala do cinema «Império» (alugada por um preço de favor) realiza-se (ou está a realizar-se; ou realizou-se) uma sessão apresentada por Fernando Lopes (um) e em que serão (estão a ser; foram) exibidos os filmes **23 minutos com Fernando Lopes Graça,** de António-Pedro Vasconcelos (dois), **Verdes Anos,** de Paulo Rocha (três) e **Sophia de Mello Breyner Andresen,** de João César Monteiro (o quarto mosqueteiro). O produto da sessão (e é aqui que entra em linha de conta a participação do tal público interessado, honra lhe seja feita) destina-se, como é óbvio, à conclusão da fita — parcela, importante, para a soma almejada.

Incomum e exemplar — repita-se — esta atitude de companheirismo, esta aposta num cinema **outro,** também **de outro modo** produzido. Por tal acharmos, decidimos perguntar a Paulo Rocha e a Fernando Lopes: «porque é que resolveram ajudar o João César Monteiro?»

Respostas:

PAULO ROCHA

«É um desafio aos espectadores. Desconhecida, há muita gente que gostaria de ajudar um cinema novo português e não sabe bem como. É simples: no caso de «Sapatos de Defunto», para o César e a sua fita não morreram decalços, não há que esperar... basta ir ver a primeira obra dele, o admirável filme sobre a Sophia. Em complemento, passam os Verdes Anos e o Fernando Lopes (Graça). No preço do bilhete vai incluída a boa consciência (a praxis).»

FERNANDO LOPES

«Porque é meu amigo — e os amigos são para as ocasiões.

Por razões políticas — e

«Sapatos de defunto»: um filme outro...

o César é um dos mais talentosos agitadores do Cinema Novo português.

Porque é importante que ele acabe o seu filme — sobretudo num país como o nosso onde muito se fala e pouco se faz.

Finalmente, porque é bom saber que com o César a teoria e a prática se processam a 24 fotogramas por segundo».

E já agora, registamos também o depoimento de quem (se) permitiu ser ajudado:

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

«Escolhe-se a divisa: FILMAR OU MORRER.

E o cineasta, armado de tão brutais disposições, atira-se todo para a frente, cravando a sua sanha na carcaça do sistema.

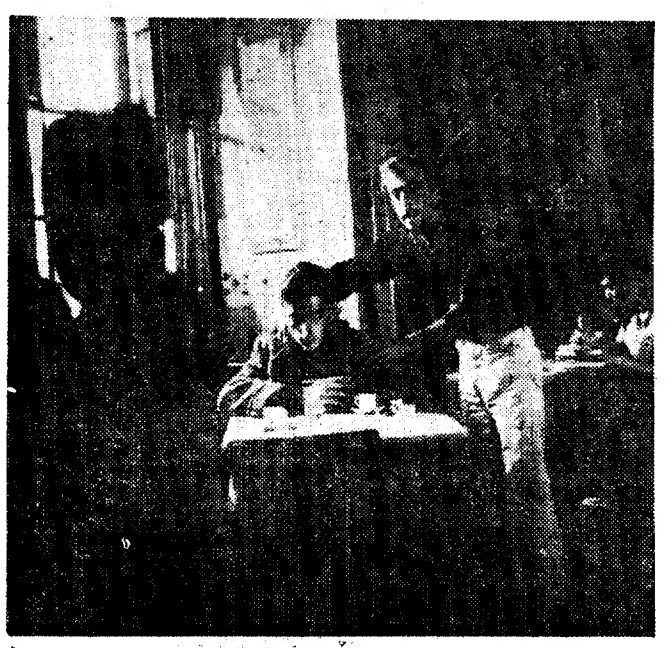
Talvez nasça um filme, ou talvez os ímpetos sejam apenas expressão de pequenas retenções urinárias.

De qualquer modo, e é cedo para a prova decisiva, uma batalha ganha não significa o fim da guerra, mas o seu começo. Não serei eu a enternecer-me a 24 fotogramas por segundo. Filmar, sim, mas ferozmente.»

Aqui está.

O resto... bem, o resto é com todos nós. Ponto de exclamação! Sem reticências.

V. S. T.



João César Monteiro dirigindo L. M. Cintra: «filmar, sim, mas ferozmente»